



FCCE

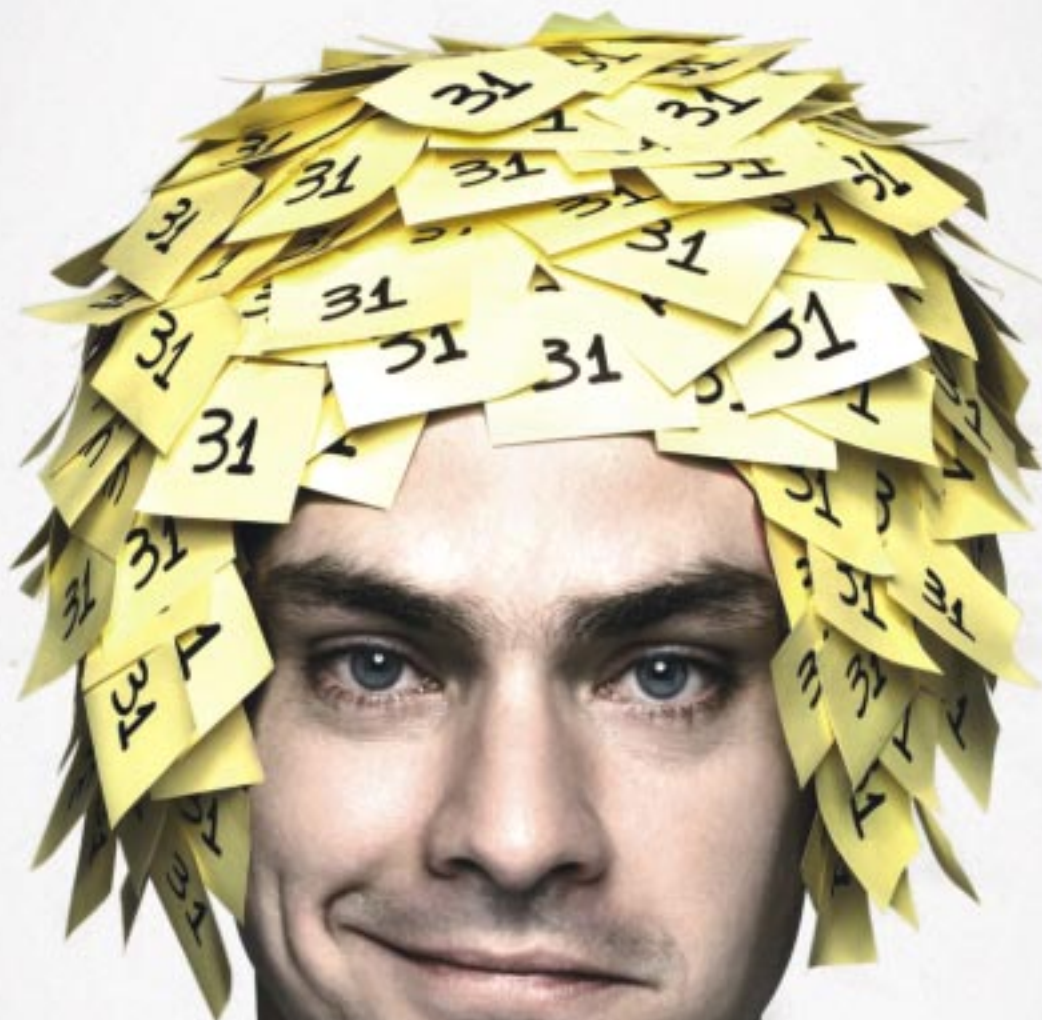
FEDERAÇÃO DAS CÂMARAS DE COMÉRCIO EXTERIOR
FOREIGN TRADE CHAMBERS FEDERATION



Seminário Bilateral de
Comércio Exterior e Investimentos
BRASIL  **ARGENTINA**

11 de julho de 2005

31. Há 3 anos, o código de longa distância mais lembrado do país.



Pelo terceiro ano, o 31 se destacou como o código mais lembrado do país, ganhando o Prêmio Top of Mind* no segmento de longa distância. Nada mais justo para o 31, código mais utilizado pelos brasileiros para realizar ligações para perto, para longe, para qualquer lugar do Brasil e do mundo**. É por isso que o 31 é pra você, pra mim, pra ele, pra nós, pra todo mundo ligar a qualquer hora.



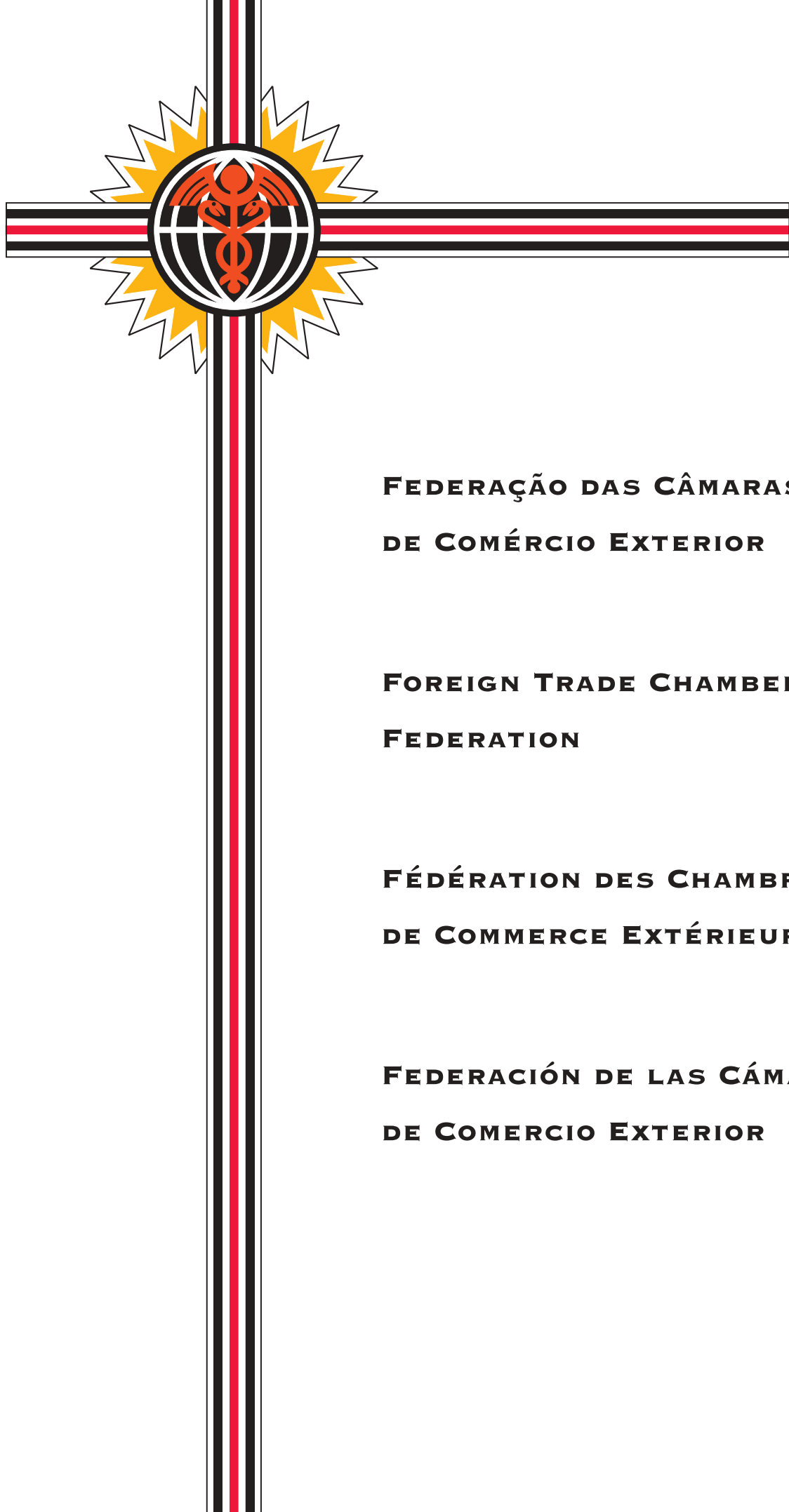
31

é pra você

DDD: 0 + 31 + cód. da cidade + n° do telefone.

DDI: 00 + 31 + cód. do país + cód. da cidade + n° do telefone.

* 2002 - 2003 - 2004 - Vencedor do Prêmio Top of Mind da Folha de São Paulo. ** Segundo dados da Anatel (junho 2004).



FCCE

**FEDERAÇÃO DAS CÂMARAS
DE COMÉRCIO EXTERIOR**

**FOREIGN TRADE CHAMBERS
FEDERATION**

**FÉDÉRATION DES CHAMBRES
DE COMMERCE EXTÉRIEUR**

**FEDERACIÓN DE LAS CÁMARAS
DE COMERCIO EXTERIOR**



Federação das Câmaras de Comércio Exterior Federación de las Cámaras de Comercio Exterior

La FCCE es la más antigua Asociación de Clase dedicada exclusivamente a las actividades de Comercio Exterior.

Fundada en el año 1950, por el empresario João Daudt de Oliveira (se debe a él la fundación de la Confederación Nacional de Comercio – CNC, 5 años antes), la FCCE opera, ininterrumpidamente, desde hace más de 50 años, incentivando y apoyando el trabajo de las Cámaras Bilaterales de Comercio, Consulados Extranjeros, Consejos Empresariales y Comisiones Mixtas a nivel federal.

La FCCE, por fuerza de su Estatuto, tiene ámbito nacional y posee Vicepresidentes Regionales en diversos Estados de la Federación, operando también en el plano internacional, a través de “Convenios de Cooperación” firmados con diversos organismos de la más alta credibilidad y tradición, a ejemplo de la International Chamber of Commerce (Cámara de Comercio Internacional – CCI), fundada en 1919, con sede en París, y que posee más de 80 Comités Nacionales, en los 5 continentes, además de operar la más importante “Corte Internacional de Arbitraje” del mundo, fundada en el año 1923.

La FEDERACIÓN DE LAS CÁMARAS DE COMERCIO EXTERIOR tiene su sede en la Avenida General Justo nº 307, Río de Janeiro, (Edificio de la Confederación Nacional de Comercio - CNC) y mantiene con esta entidad, hace casi dos décadas, “Convenio de Respaldo Administrativo y Protocolo de Cooperación Mutua”.

En un pasado reciente, la FEDERACIÓN DE LAS CÁMARAS DE COMERCIO EXTERIOR – FCCE firmó Convenio con el CONSEJO DE CÁMARAS DE COMERCIO DE LAS AMÉRICAS, organismo que representa a las Cámaras Bilaterales de Comercio de los siguientes países: ARGENTINA, BOLIVIA, CANADÁ, CHILE, CUBA, ECUADOR, MÉXICO, PARAGUAY, SURINAME, URUGUAY, TRINIDAD Y TOBAGO y VENEZUELA.

Además de varias decenas de Cámaras Bilaterales de Comercio afiliadas a la FCCE en todo Brasil, forman parte de la Directoria actual, los Presidentes de las Cámaras de Comercio: Brasil-Grecia, Brasil-Paraguay, Brasil-Rusia, Brasil-Eslovaquia, Brasil-República Checa, Brasil-México, Brasil-Belarus, Brasil-Portugal, Brasil-Líbano, Brasil-India, Brasil-China, Brasil-Tailandia, Brasil-Italia y Brasil-Indonesia, además del Presidente del Comité Brasileño de la Cámara de Comercio Internacional, el Presidente de la Asociación Brasileña de las Empresas Comerciales Exportadoras – ABECE, el Presidente de la Asociación Brasileña de la Industria Ferroviaria – ABIFER, el Presidente de la Asociación Brasileña de los Terminales de Contenedores, el Presidente del Sindicato de las Industrias Mecánicas y Material Eléctrico, entre otros. Súmese aun, la presencia de diversos Cónsules y diplomáticos extranjeros, entre los cuales, el Cónsul General de la República de Gabón, el Cónsul de Sri Lanka (antiguo “Ceilán”), y el Ministro Consejero Comercial de la Embajada de Portugal.

La Directoria

FCCE

DIRECTORIA PARA EL TRIENIO 2003/2006

Presidente

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA LIMA

1º Vicepresidente

PAULO FERNANDO MARCONDES FERRAZ

Vicepresidentes

Gilberto Ferreira Ramos

Joaquim Ferreira Mângia

José Augusto de Castro

Ricardo Vieira Ferreira Martins

Antonio Carlos M. Bonetti – São Paulo

Sohaku R. C. Bastos – Bahia

Claudio Chaves – Norte

Directores

Diana Vianna de Souza

Alberto Vieira Ribeiro

Alexander Zhebit

Alexandre Adriani Cardoso

André Baudru

Antonio Augusto de Oliveira Helayel

Arlindo Catoia Varela

Augusto Tasso Fragoso Pires

Bruno Bastos Lima Rocha

Carlos Fernando Maya Ferreira

Cassio José Monteiro França

Cesar Moreira

Charles Andrew T'ang

Claudio Fulchignoni

Daniel André Sauer

Jeferson Malachini Barroso

José Paulo Garcia de Pinho

Juan Clinton Llerena

Luis Cesario Amaro da Silveira

Marcio Eduardo Sette Fortes de Almeida

Mariano Marcondes Ferraz

Oswaldo Trigueiros Junior

Raffaele Di Luca

Ricardo Stern

Roberto A. Nóbrega

Ronaldo Augusto da Matta

Sergio Salomão

Stefan Janczukowicz

Consejo Fiscal (Titulares)

Delio Urpia de Seixas

Elysio de Oliveira Belchior

Walter Xavier Sarmento

Um diálogo permanente

Paralelamente às reuniões do Comitê de Monitoramento e da Comissão Bilateral Brasil-Argentina, que se realizavam também no Rio de Janeiro, a FEDERAÇÃO DAS CÂMARAS DE COMÉRCIO EXTERIOR – FCCE realizou, em 11 de julho de 2005, o Seminário Bilateral de Comércio Exterior e Investimentos Brasil-Argentina. Cerca de 250 pessoas, entre representantes do governo e da iniciativa privada dos dois países, lotaram o auditório da Confederação Nacional do Comércio – CNC para discutir as relações bilaterais entre os dois maiores parceiros do Mercosul. Convidados brasileiros e argentinos tiveram no seminário a oportunidade ideal para apresentar a seus pares os pleitos, queixas e soluções sugeridas. Temas sensíveis como o comércio do açúcar, dos calçados, dos vinhos, dos veículos, da linha branca, entre outros, foram discutidos por fabricantes e especialistas de cada setor, especialmente convidados para enriquecer as discussões do seminário.

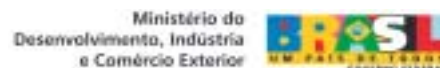
O mito da existência de crise no Mercosul, por conta dos impasses comerciais entre Brasil e Argentina, tão alardeada pela imprensa, foi minimizado. Não há, de fato, uma crise no Mercosul; apenas impasses pontuais que, ao merecerem maior atenção nas mesas de negociação, sinalizam aos ouvidos pouco apurados a equivocada existência de uma crise institucional.

O que vem ocorrendo todo o tempo, desde a criação do bloco, são ajustes necessários ao seu pleno funcionamento. A diferença de tamanho entre as duas economias contribuiu para gerar naturais desequilíbrios comerciais e de fluxos financeiros. A notável expansão da corrente de comércio que se seguiu à criação do Mercosul, encontrou em 1999, na desvalorização cambial brasileira, o motivo maior para o acirramento da defesa dos interesses comerciais por parte dos produtores argentinos. A crise econômica e a recessão na Argentina contribuíram, ainda, para retardar o processo de integração, o que não significa dizer que ele parou. Entre Brasil e Argentina há um diálogo permanente que permeia os impasses. A crise, caso existisse, se daria pela falta de diálogo e, não, pela prática negocial constante. Uma controvérsia setorial não é, e nem pode vir a ser, o carrasco do projeto de integração. Como conclusão, considerando a interdependência existente entre os dois países, fica a lição de que a deterioração das relações bilaterais entre Brasil e Argentina seria impactante no crescimento econômico de ambos, e isso não interessa a nenhum dos parceiros. Este é o momento de se aproveitar a retomada do crescimento econômico e encontrar soluções inteligentes exigidas por um processo de integração que está em curso. Mais comércio, mais emprego, mais consumo. Foi com este intuito que a FCCE reuniu os dois países: facilitar o entendimento dos impasses e auxiliar, a partir da discussão dos temas, na criação de soluções. Superamos problemas lindeiros do passado. Superamos as desconfianças recentes. A estratégia de inserção internacional de ambos os países passa também pelo exercício da integração no Cone Sul. Sabemos que juntos somos mais fortes.

Boa leitura.

O EDITOR

APOIO



Expediente

Produção

Agência Brasileira de Imprensa
Diretores: Eduardo Teixeira e
Maurice Stéphane Habib
Tel.: 55 21 3251 0950
e-mail: eduardo.teixeira@abrappress.com.br

Editor

O coordenador da FCCE

Textos e Reportagens

Elias Fajardo
José Antonio Nonato
Marlene Custódio

Projeto Gráfico, Editoração e Arte

Estopim Comunicação
Tel.: 55 21 2518 7715
e-mail: estopim@estopim.com

Fotografia

Christina Bocayuva

As opiniões emitidas nesta revista são de responsabilidade de seus autores. É permitida a reprodução dos textos, desde que citada a fonte.

6 ENTREVISTA

“Precisamos dar um conteúdo de amizade ao Mercosul”

**16 ABERTURA**

Crises não afastam bons negócios entre Brasil e Argentina

21 PAINEL I

Acordos em setores sensíveis

**24 PAINEL II**

Oportunidades de Investimentos, Desafios e Cooperação

A Petrobras e a Argentina

Da Argentina para o mundo

**33 PAINEL III**

Argentina e Brasil vivem ótimo momento para fazer ajustes em sua relação comercial.

**43 ENCERRAMENTO**

Um olhar coletivo para o Mercosul

O Mercosul está vivo e atuante

**46 EM PAUTA**

FCCE: Ilustres protagonistas e um breve histórico

**48 CULTURA**

O chocolate que vem do frio

**50 DIPLOMACIA**

Brasil é o principal parceiro da Argentina

52 NEGÓCIOS

“Unidos, poderemos ser imbatíveis, como no futebol”

**54 TURISMO**

“Mesdames, messieurs, faites vos jeux!”

**56 MANIFESTO**

Salvaguardas são incompatíveis com o processo de integração

58 OPINIÃO

Encanto pela nossa informalidade carioca

“É preciso dar maior visibilidade ao Mercosul”

**70 CURTAS**

“Precisamos dar um conteúdo de amizade ao Mercosul”

Marcio Fortes de Almeida considera que a integração traz benefícios para o continente

Marcio Fortes de Almeida tem sempre uma informação útil a acrescentar às discussões, dispõe de dados atualizados sobre o fluxo comercial e procura exercer uma aguda reflexão sobre o papel do Brasil no cenário internacional e sobre as melhores possibilidades de realizar negócios. Segundo ele, o Governo deve atuar como um facilitador, colocando em contato os empresários e exportadores dos vários países.

O Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim, costuma brincar dizendo que Marcio é o “bombeiro do Mercosul”, destacando sua atuação mediadora junto aos representantes dos países do Cone Sul.

Recém nomeado Ministro de Estado das Cidades, Marcio Fortes de Almeida leva para o novo cargo toda a sua ampla experiência.

O senhor tem insistido na necessidade de buscar maior integração com nossos parceiros comerciais. Como isto seria possível num mundo altamente competitivo?

MFA – Muitas vezes somos egoístas em querer trabalhar só no nosso país e esquecemos que a integração traz benefícios inimagináveis. Muitos falam que investir fora é gerar empregos fora, mas estamos tratando aqui de uma integração continental e a geração de

emprego aqui ou fora não importa. O mais importante é que haja benefícios para o continente. Precisamos dar outro conteúdo a este continente; um conteúdo de amizade. Não importa onde vamos investir, desde que os benefícios sejam para toda a América do Sul.

Estamos o tempo todo negociando com terceiros (União Européia, Japão, China) e nem reparamos que às vezes é difícil negociar entre nós mesmos.







Márcio Fortes de Almeida: "A deficiência logística prejudica a competitividade."

Quais são as principais deficiências que emperram o comércio internacional?

MFA – Sempre, por trás de tudo, está o problema da deficiência logística e operacional, que faz com que muitas vezes percamos a capacidade competitiva que temos na origem. Quantas vezes você ouve falar que um produto é competitivo na fazenda e, ao chegar no porto de Santos, perde a competitividade? A logística é tudo num país com esta dimensão continental. O que queremos não é só ficar exportando *commodities*. Vejo com preocupação referências a muitos números sobre aumento de produção de grãos, pois sempre pergunto depois: quem vai comprá-los? Temos de pensar em pólos industriais a serem previstos nesta integração. Temos de estar preparados para o mais importante, que é agregar valor ao que vamos exportar, sem esquecer que o mercado tem suas limitações. O salto do valor adicionado é que dá o grande retorno e passa a criar no consumidor o hábito de exigir qualidade no que vai ser produzido e consumido.

O senhor vê possibilidades de o Governo brasileiro ajudar na recuperação das indústrias argentinas?

“Temos de pensar, necessariamente, em pólos industriais a serem previstos nesta integração”

MFA – Discute-se hoje a possibilidade de viabilizar mecanismos brasileiros no exterior. São sugestões, ninguém está impondo nada. Sempre se fala que há necessidade de recursos externos para fazer financiamentos, e os atuais modelos brasileiros não têm esta característica. Então nós estamos explicando, neste Seminário Bilateral de Comércio Exterior e Investimentos Brasil-Argentina, quais são e como funcionam os mecanismos brasileiros, para podermos ter – além da Comissão Bilateral e da Comissão de Monitoramento dos dois países, que resolvem problemas pontualmente – uma solução de longo prazo.

A Comissão Bilateral visa criar oportunidades de investimentos argentinos nesses setores que nós estamos apoiando, tendo um certo entendimento dos empresários no sentido de não criar problemas locais de invasão de produtos. Na verdade, os próprios brasileiros estão investindo lá e isto ajuda a Argentina. A idéia é que pudéssemos, por meio de mecanismos de apoio interno à inversão, ajudar a criar soluções para problemas locais ar-

gentinos, ou seja, reconversão industrial, criação de empregos, etc.

Mas já existe algo concreto neste sentido?

MFA – O Governo já estudou algumas possibilidades e alternativas de apoio à presença de empresas brasileiras no exterior; é uma linha de atuação do BNDES que já existe. Já fizemos nos países vizinhos vários projetos de integração e, com a Argentina, realizamos o primeiro: uma unidade de transporte de gás. A empresa brasileira envolvida é a Petrobras, do lado argentino está o Banco de la Nación e, aqui no Brasil, temos o BNDES. Gira em torno de 250 milhões de dólares de financiamento de bens e serviços e o lado argentino está entrando com uma parte importante dos recursos, pois é uma obra expressiva de abastecimento de gás e de integração continental.

Nós apresentamos os nossos modelos, tudo bem, mas o mais importante é que, aberto o caminho de apoio à recuperação industrial da Argentina, haja no futuro um mecanismo adequado para financiamento à indústria ou para exportação propriamente dita.

Qual a diferença entre uma Comissão Bilateral do Brasil com um outro país e uma Comissão de Monitoramento?

MFA – A Comissão Bilateral é um organismo mais amplo para tratar das relações comerciais entre os dois países; a de Monitoramento, que integra a Bilateral, é dedicada a temas, setores e produtos específicos, mais voltada para a realidade das médias e pequenas empresas.

A Comissão de Monitoramento nos permite participar e buscar entendimento mais diretamente, com discussões tópicas que têm sido muito satisfatórias para os dois lados. Se não fossem satisfatórias, os empresários não se reuniam diuturnamente para fazer os seus acordos. Depois, eles apenas nos comunicam: fechamos acordo.

Nós, enquanto elementos do Governo, somos catalisadores. No início tivemos uma ação direta, mas hoje o relacionamento é

tão bom, tão íntimo, que o êxito é evidente e temos que passar para o momento subsequente, que significa dar oportunidades para que, na Argentina, ocorram inversões. Assim o que criamos de bom relacionamento comercial também fica interessante no âmbito interno, tanto para nós como para os argentinos.

Neste cenário, como fica a importação para terceiros países?

MFA – A importação para terceiros países foi um dos itens que em alguns momentos criou embaraços para nós, pois alguns importadores argentinos também estão motivados para importações de outros países, certamente com preços mais baixos e melhores condições. Então há que ver como as importações de terceiros países não serão beneficiadas por estes acordos específicos que estamos fazendo com os argentinos. Nosso objetivo é ajudar a recuperar a indústria argentina e não estimular o comércio argentino com outros países.

“Na Comissão de Monitoramento os empresários podem discutir livremente”

Como é possível que o Mercosul funcione em termos de igualdade para todos os quatro países sócios, se o peso econômico do Brasil e da Argentina, juntos, é muito maior do que o do Uruguai e Paraguai?

MFA – Dentro do Mercosul temos quatro sócios e eles sempre foram tratados como iguais. Esse foi o ponto de partida em outros momentos. Em blocos comerciais e econômicos de outras regiões do mundo, costuma-se fazer alianças específicas com os países de menor escala. Aqui, todos foram tratados como iguais. Evidentemente foram ressalvados alguns pontos, mas a idéia é os quatro participarem igualmente de todas as decisões. É claro que é uma situação delicada você ter dois países de economia mais forte que os outros. Temos então de conciliar



O novo Ministro das Cidades é Bacharel em Ciências Jurídicas e Mestre em Direito Público pela UFRJ.

e encontrar uma forma de revigorar o Mercosul e ver quais são as condições de produção de cada um, para que haja oportunidades para todos.

Nesse sentido, a idéia é que os grandes também possam ajudar, protegendo os pequenos e, assim, protegendo o bloco todo?

MFA – Nós temos uma preocupação com

“Dentro do Mercosul temos quatro sócios que sempre foram tratados como iguais”

o espaço ocupado pelo Uruguai e pelo Paraguai, assim como também nos preocupamos com a Argentina no momento crucial da sua crise e agora, no momento



O carisma e a competência de Marcio Fortes de Almeida estão, agora, voltados para os grandes problemas das cidades brasileiras.

da sua recuperação industrial. A Comissão de Monitoramento é muito importante neste sentido, pois permite que os empresários se sentem na mesa para ver quais são os interesses em jogo e como não agredir as posições do outro país.

O senhor disse que já existe uma comissão deste tipo entre Brasil e Portugal e também se está avançando com relação à Rússia. Como vai funcionar?

MFA – Já existe uma Comissão de Monitoramento funcionando com Portugal e também com o Paraguai e o Chile. Com relação à Rússia, nós fizemos encontros preliminares e já concordamos em promover uma reunião. Estamos, enquanto representantes do Governo brasileiro, encaminhando a entrada da Rússia na Organização Mundial de Comércio e me reuni recentemente em Genebra para discutir este assunto com os russos. Temos uma

“A integração continental constitui-se em um grande desafio e é uma das metas do atual governo brasileiro”

grande vantagem: o interlocutor na Rússia é uma pessoa simpaticíssima, um lituano que fala francês e inglês e então posso conversar com ele por telefone sem problemas. Vamos levando adiante, encaminhando o relacionamento para o futuro. Na verdade, o mais importante é olho no olho e, com a Rússia, foi na base do fio do bigode. Fizemos um acordo de exportação de carnes brasileiras para a Rússia em 2004 que funcionou perfeitamente, com um patamar inicial de 498 mil toneladas de carne e que hoje já está na faixa de 600 mil toneladas, acordo esse cumprido integralmente do lado russo.

O movimento comercial com a Argentina já é bastante intenso. Nós somos seus principais parceiros. Ainda existem nichos de mercado a serem explorados naquele país ou já chegamos até onde poderíamos chegar?

MFA – Há muito espaço para a exportação nos dois sentidos, inclusive pela complementação industrial e pela especialização que podemos ter com vistas a terceiros mercados. A especialização vai levar a um fluxo maior, um intercâmbio não só no comércio propriamente dito, mas também em comércio intelectual, ou seja, *design*, etc. O entrosamento vai-se fazer também em áreas de interesse do próprio comércio. Um exemplo é o entrosamento entre o nosso Inmetro e o OAA argentino. Podemos também ampliar até mesmo o comércio de exportações brasileiras de bens e serviços, como fizemos agora

com a Petrobras num projeto de transporte de gás natural dentro da Argentina. Há muita coisa a ser feita.

Ministro, o senhor que foi um brilhante articulador atuando na área de comércio exterior, como vê sua nova tarefa no Ministério das Cidades e de que forma ela poderá contribuir para o avanço nas negociações com os parceiros estrangeiros?

MFA - A integração continental é um grande desafio e uma das metas do atual governo. Neste sentido todos os técnicos, independentemente da área em que atuam, podem contribuir para se alcançar este objetivo. No Ministério das Cidades a contribuição poderá se dar de diversas formas, pois a infra-estrutura é um dos maiores desafios para a integração regional e continental. Neste sentido nosso trabalho será muito importante, pois dotar as cidades de condições adequadas para que os trabalhadores realizem suas tarefas, produzam, seja para o mercado interno ou externo, é uma forma de contribuir para o avanço de nosso comércio exterior.

O senhor acha que o programa Exporta Cidade do MIDIC é um exemplo de como os dois ministérios podem interagir?

MFA - Com certeza. Quando vejo o programa Exporta Cidade do Ministério da Indústria Desenvolvimento e Comércio Exterior e que está sendo lançado agora em diversas cidades brasileiras vejo que os dois ministérios podem ter relações intensas já que o trabalhador brasileiro precisa de infra-estrutura para viver melhor e produzir mais. Saneamento, infra-estrutura e habitação agora são ações de minha responsabilidade, no Ministério das Cidades e acredito que vamos poder trabalhar muito com o MIDIC, também no Exporta Cidade. Vamos trabalhar para dar aos trabalhadores uma vida com uma infra-estrutura adequada, com casa, saneamento, eletricidade, transporte, comunicação em geral para escoamento da produção, mas minha atividade se restringe à área das cidades.

Quais serão suas primeiras ações à frente do Ministério das Cidades?

MFA - São muitas as necessidades, muitas as carências e vamos começar terminando grandes obras, que há anos estão inacabadas. Meu primeiro desafio será finalizar os metrô de Recife, Salvador, Belo Horizonte e Fortaleza. Vamos acabar com estas obras a céu aberto que tanto te trazido transtornos para cidades

importantes como as citadas. Estou chegando, tenho muitas idéias e em breve vou anunciar novas e importantes medidas também na área da infra-estrutura. Problemas não faltam, idéias para resolvê-los também não. Vamos arregaçar as mangas e trabalhar, pois nosso ministério é muito importante e a população, especialmente a menos protegida, espera muito deste governo.

Marcio Fortes de Almeida: do Ministério da Indústria e Comércio para o das Cidades

Ao conceder esta entrevista para a revista da FCCE, Marcio Fortes de Almeida o fez na condição de Secretário-Executivo e Ministro interino do MDIC. Na recente reforma ministerial do Governo Lula, Fortes foi nomeado titular do Ministério das Cidades, pasta da maior importância para o país. Para o novo cargo, ele leva sua experiência na administração pública e também na iniciativa privada e em entidades empresariais, principalmente na área de comércio exterior.

Marcio Fortes de Almeida, 63 anos, é bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e tem doutorado em Direito Público pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil.

Desde o início do Governo de Luiz Inácio Lula da Silva, em 2002, assumiu a Secretaria Executiva do MDIC, comandado por Luiz Fernando Furlan. Na gestão do Presidente Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), foi Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e também presidiu os conselhos de administração da Embrapa e da Conab. Durante a presidência de Itamar Franco (1992-

1994), foi Ministro interino de Minas e Energia e presidiu o conselho de administração de várias estatais. Foi ainda Secretário-Executivo do Ministério de Minas e Energia na gestão de Pratini de Moraes no Governo Fernando Collor (1990-1992).

Fora do Governo, tem-se destacado na área de comércio exterior. Foi Secretário-Geral e Vice-Presidente Executivo de Associação de Comércio Exterior do Brasil – AEB (1988 a 1992 e de 1993 a 1999), sendo res-

ponsável pela organização de vários encontros nacionais do setor. Além disto, atuou como pesquisador e chefe da Assessoria Técnica da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior – Funcex e Coordenador do Conselho de Comércio Exterior do Mercosul – Mercoex.

É necessário mencionar ainda sua atuação como Presidente do Conselho de Administração da Light, de Furnas Centrais Elétricas, da Companhia Siderúrgica Nacional – CSN em 1992 e como membro do Conselho de Administração da Itaipu Binacional (1992-1993) e da Eletrobrás (1992).

*Novo desafio à
competência de um
experiente servidor
público*



www.desenvolvimento.gov.br

www.aprendendoaexportar.gov.br

www.portaldoexportador.gov.br

100 bilhões de dólares exportados.

Um recorde do Brasil,
uma conquista dos brasileiros.

**Ministério do Desenvolvimento,
Indústria e Comércio Exterior**





SEMINÁRIO BILATERAL DE COMÉRCIO EXTERIOR E INVESTIMENTOS BRASIL-ARGENTINA

11 de Julho de 2005

Local: Av. General Justo nº 307 – Sede da Confederação Nacional do Comércio – CNC, RIO DE JANEIRO

PROGRAMA

14:00h Sessão Solene de Abertura

Presidente da Sessão: João Augusto de Souza Lima –
Presidente da Federação das Câmaras de Comércio Exterior – FCCE

Pronunciamentos:

Juan Pablo Lohlé – Embaixador Plenipotenciário da Argentina
Maurício Elias Chacur – Secretário de Estado de Desenvolvimento
Econômico do Rio de Janeiro

Componentes da Mesa:

Marcio Fortes de Almeida – Ministro de Estado, interino, do
Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
Embaixador José Eduardo Felício – Subsecretário Geral para a
América do Sul, do Ministério das Relações Exteriores – MRE
Jorge Mario Paredes – Presidente da Câmara de Comércio
Argentino-Brasileira
Jorge Molina Arambarri – Cônsul-Geral da Argentina no
Rio de Janeiro
Noberto Vidal – Cônsul-Geral da Argentina em São Paulo
Benedicto Fonseca Moreira – Presidente da Associação de
Comércio Exterior do Brasil – AEB
Theóphilo de Azeredo Santos – Presidente da Câmara de
Comércio Internacional – CCI
Gustavo Affonso Capanema – Diretor-Conselheiro do Conselho
Superior da FCCE
Paulo Fernando Marcondes Ferraz – 1º Vice-Presidente da FCCE

14:45h PAINEL I: Relações Comerciais Brasil- Argentina – Setores Sensíveis

Presidente do Painel: Marcio Fortes de Almeida – Ministro de
Estado, interino, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior

Expositores:

Rosária Costa Baptista – Diretora do Departamento de
Negociações Internacionais – MDIC
Dante Sica – Ex-Secretário de Indústria, Comércio e Mineração da
República da Argentina; Presidente do Centro de Estudos
Bonaerense – CEB

Debates com o Plenário

16:00h PAINEL II: Oportunidades de Investimentos, Desafios e Cooperação

Presidente do Painel: Ivan Ramalho – Secretário de Comércio
Exterior – MDIC

Moderador: Jorge Mario Paredes – Presidente da Câmara de
Comércio Argentino-Brasileira

Expositores:

Paulo Cesena – Diretor do Grupo Odebrecht
Décio Fabrício Oddone da Costa – Gerente Executivo da Petrobras

Luís Garcia – Presidente da Inverall Construção e Bens de
Capital (Grupo IMPSA)

André Bianchi – Diretor de Regulamentação – Telemar

Debates com o Plenário

17:00h PAINEL III: Políticas Macroeconômicas

Presidente do Painel: Carlos Geraldo Langoni – Diretor do
Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas – FGV; Ex-
Presidente do Banco Central do Brasil

Moderador: Rogério Fernando Lot – Gerente-Executivo de Comércio
Exterior do Banco do Brasil

Expositores:

Ricardo Markwald – Diretor da Fundação Centro de Estudos de
Comércio Exterior – Funcex
Luís Awasu Pereira da Silva – Secretário de Assuntos
Internacionais do Ministério da Fazenda
Embaixador José Antonio Marcondes de Carvalho – Diretor do
Departamento de Integração do MRE

Debates com o Plenário

18:00h Sessão de Encerramento

Presidente da Sessão e Pronunciamento: Embaixador
José Botafogo Gonçalves – Presidente do CEBRI e; Ex-Embaixador
do Brasil na Argentina

Componentes da Mesa:

Embaixador Juan Pablo Lohlé – Embaixador Extraordinário da
Argentina
Marcio Fortes de Almeida – Ministro de Estado, interino, do
Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
Carlos Geraldo Langoni – Diretor do Centro de Economia
Mundial da FGV
Jorge Mario Paredes – Presidente da Câmara de Comércio
Argentino-Brasileira
Jorge Molina Arambarri – Consul-Geral da Argentina no Rio
de Janeiro
Noberto Vidal – Cônsul-Geral da Argentina em São Paulo
Benedicto Fonseca Moreira – Presidente da Associação de
Comércio Exterior do Brasil – AEB
Theóphilo de Azeredo Santos – Presidente da Câmara de
Comércio Internacional – CCI
Gustavo Affonso Capanema – Diretor-Conselheiro do Conselho
Superior da FCCE
Paulo Fernando Marcondes Ferraz – 1º Vice-Presidente da FCCE

COQUETEL: Após a Sessão de Encerramento, em homenagem ao
Embaixador Plenipotenciário da Argentina

Crises não afastam bons negócios entre Brasil e Argentina

Proximidade regional, identidade de culturas e interesses comerciais crescentes conduzem as duas economias à busca do entendimento

O Presidente da Federação das Câmaras de Comércio Exterior – FCCE, João Augusto de Souza Lima, abriu o Seminário Bilateral de Comércio Exterior e Investimentos Brasil-Argentina convidando para compor a mesa da solenidade de abertura as seguintes personalidades: Juan Pablo Lohlé, Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da República Argentina; Maurício Elias Chacur, Secretário de Desenvolvimento Econômico do Estado do Rio de Janeiro; Marcio Fortes de Almeida, à época Ministro de Estado, interino, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e hoje Ministro das Cidades; Embaixador José Eduardo Felício, Subsecretário Geral para a América do Sul do Ministério de Relações Exteriores; Jorge Mario Paredes, Presidente da Câmara de Comércio Argentino-Brasileira; Jorge Molina Arambarri, Cônsul-Geral da Argentina no Rio de Janeiro; Norberto Vidal, Cônsul-Geral da Argentina em São Paulo; Benedicto Fonseca Moreira, Presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil – AEB; Theóphilo de Azeredo Santos, Presidente da Câmara de Comércio Internacional – CCI; Gustavo Affonso Capanema, Diretor-Conselheiro do Conselho Superior da FCCE; e Paulo Fernando Marcondes Ferraz, 1º Vice-Presidente da FCCE.

Relacionamento Brasil-Argentina

O Embaixador Juan Pablo Lohlé saudou os presentes, ressaltando a honra em participar do evento, afirmando que “o relacionamento entre Brasil e Argentina é fundamentalmente de muito trabalho,

*“Somos vizinhos,
temos histórias comuns,
além do principal:
a paixão pelo futebol”*

pois temos muito o que planejar e muitas perspectivas para o futuro.”

Há um ano e meio o embaixador está no Brasil e garante que tem aprendido muito neste pequeno espaço de tempo: “Em primeiro lugar, que o Brasil não é só geograficamente muito grande, mas que para conhecê-lo, de Norte a Sul, tem-se que andar muito. A Argentina tem no Brasil 11 consulados, e esta é a maior operação de política de comércio exterior de nosso país. Temos desde as representações de fronteira, no Sul, até as do Nordeste.”

Juan Pablo Lohlé garante que é necessário também uma excelente condição física, boa saúde e não ter medo de aviões: “Mas, entre uma viagem e outra, é sempre um prazer chegar ao Rio de Janeiro, cidade que conheço desde 1965, que adoro e onde sempre que possível venho para trabalhar e aproveitar sua qualidade de vida. Eu agradeço de coração aos cariocas, por fazerem desta cidade um lugar sempre agradável.”

Quanto ao relacionamento entre os dois países, destacou algumas razões de sua importância:

“Antes de tudo, Brasil e Argentina fazem parte da América do Sul e da América Latina. Somos vizinhos, temos histórias comuns, além do principal: a paixão pelo futebol. Nas relações comerciais entretanto, não podemos rivalizar como no esporte.”

“O comércio bilateral entre nossos países atinge, hoje, US\$ 15 bilhões. Não é pouca coisa. O maior parceiro comercial da Argentina no exterior é o Brasil, que tem na Argentina o seu segundo maior parceiro comercial depois dos Estados Unidos. Quando leio nos jornais que nossas controvérsias comerciais têm, às vezes, uma conotação de ruptura, que pode acontecer a qualquer momento, sinto que os jornalistas não têm conhecimento do clima de nossas conversas nesta área. Quando negociamos, o clima é de conversa entre funcionários, entre políticos argentinos e brasileiros, bem diferente do que diz a imprensa. Nossas convergências são muito maiores do que as divergências. Podemos contar as controvérsias nos dedos da mão. Acho que temos que trabalhar com as coisas positivas, pensar no que temos que fazer no futuro. Temos que trabalhar com os problemas dos mercados emergentes, difíceis de controlar. Nossas economias têm características diferentes da economia chinesa, por exemplo, com a qual temos que conviver. Isso é bom para percebermos como lidar com economias tão diferentes, porque em nossa região também temos estas assimetrias. Temos que aprender como as grandes economias lidam com as pequenas. Estou falando do Uruguai, do Paraguai, da Argentina e do Brasil. Vamos dar tratamento diferenciado, respeitando as assimetrias e de acordo com as normas de racionalidade comercial, política e econômica. A irracionalidade seria pensar somente no lucro. Nossa integração não é só uma integração econômica e comercial. Há uma visão muito mais estra-



A cerimônia de abertura foi marcada pelos pronunciamentos de Juan Pablo Lohlé, Elias Chacur, José Eduardo Felício e Benedicto Fonseca Moreira.

“Temos que ver nossa região como um conjunto de economias complementares e integradas num único bloco econômico”

tégica do que isso, onde a questão comercial é fundamental, é necessária, mas não é suficiente. Em 1985, quando os Presidentes Raúl Alfonsín e José Sarney começaram a pensar o Mercosul tinham apenas uma idéia básica: de criar um sistema na região onde, em primeiro lugar, o sistema político seria o mesmo. O segundo objetivo era compatibilizar nossos sistemas industriais e o terceiro, aumentar nosso comércio. Nosso comércio aumentou muito e pode aumentar ainda mais.”

O Embaixador falou sobre sua discordância com alguns analistas econômicos argentinos que muitas vezes, dizem que é melhor negociar com os maiores do que

com o Brasil. Esse conceito segundo ele, por ser estritamente maximalista é politicamente equivocado.

“Temos que ver nossa região como um conjunto de economias complementares, integradas, que nos permita ter uma certa previsão do mundo que virá. O mundo do futuro será o mundo dos blocos, de grande concorrência comercial e não podemos ser ingênuos neste jogo. A ingenuidade neste caso será o maior pecado que poderemos cometer.”

Por último, o Embaixador Juan Pablo Lohlé chamou a atenção para um problema que, provavelmente, o futuro nos trará e para o qual talvez seja necessária uma nova postura dos dois países: “é possível que, no futuro, venhamos a encontrar a concorrência internacional que vai nos obrigar a olhar nossa situação de uma forma diferente. Isso já está acontecendo agora. Então nossas controvérsias talvez não possam ser resolvidas apenas por nosso entendimento. Isso vai obrigar nossos produtores, industriais e fabricantes a ver essa

situação internacional não como uma concorrência entre nós, mas como uma concorrência externa para a qual devemos nos preparar.”

“Quero agradecer a oportunidade de estar aqui com todos vocês. Tenho a certeza de que este encontro será de grande proveito para todos nós.”

A economia do estado do Rio de Janeiro

Maurício Elias Chacur, Secretário de Estado de Desenvolvimento Econômico do Rio de Janeiro, que tem realizado um importante trabalho de aproximação do estado do Rio de Janeiro com os demais estados do Brasil e com outros países, foi o segundo expositor. Ele saudou a todos falando da sua satisfação em voltar à FCCE. De seu pronunciamento destacamos alguns trechos.

“Brasil e Argentina vivem momentos de adaptação às transformações econômicas, sociais e políticas. O relacionamento bilateral torna-se, portanto, mais com-



O Embaixador Juan Pablo Lohlé, primeiro à direita, defendeu o fortalecimento do Mercosul.

“Principal destino turístico brasileiro, o Rio de Janeiro recebe cerca de 40% do fluxo de turistas estrangeiros que visitam o Brasil”

plexo, denso e diversificado, transcendendo a proximidade geográfica, laços de amizade e vínculos comerciais tradicionais que unem nossos países. Somos países muito jovens, ambos em construção. Vejo desafios comuns a nos unir. Pretendemos aprofundar nosso desenvolvimento econômico, político e social, reduzir as desigualdades e a injustiça, fortalecer as instituições democráticas, alcançar, enfim, o desenvolvimento sustentável. Essas são demandas muito fortes, tanto da população brasileira quanto da população argentina. É claro que cada país carrega a sua própria história, muitas vezes de sucesso, muitas vezes de fracasso, mas os tempos e as formas de enfrentar os problemas são diferentes. Nada indica, porém, que não possamos caminhar juntos; e uma das maneiras é fortalecer as nossas ações bilaterais de comércio exterior e investimentos. Ações como a realização deste seminário proporcionam resultados positivos

em ambos os países, propiciando a geração de emprego, renda, influenciando a qualidade de vida de nossos povos, reduzindo as nossas dificuldades e desigualdades regionais. Assim sendo, considero fundamental este evento, diante das potencialidades que existem em ambos os países para o incremento do comércio bilateral, bem como as oportunidades de investimentos diretos que o processo de globalização e a abertura dos mercados têm propiciado tanto para o Brasil quanto para a Argentina.”

Aproveitando a ocasião, Maurício Elias Chacur falou também dos resultados positivos que o estado do Rio de Janeiro tem alcançado.

“Somos a segunda maior economia do país, com 14,2% do PIB nacional. O Rio de Janeiro possui a segunda maior renda *per capita* – US\$ 5.650,00, ficando atrás apenas do Distrito Federal. É líder nacional na atração de investimentos – em 2004 foram US\$ 16,7 bilhões – dos quais ressaltamos os ativos públicos da Vale do Rio Doce, que vai aportar US\$ 2,3 bilhões num complexo siderúrgico, a futura Companhia Siderúrgica do Atlântico; e a nova refinaria petroquímica da Petrobras, que está orçada em US\$ 6 bilhões de dólares, em duas etapas. São, talvez, os maio-

res investimentos do Brasil nas últimas décadas. Adicionalmente, temos a menor taxa de desemprego do Brasil: 8,2%, média, em 2005. Nossos trabalhadores possuem elevado nível de escolaridade e aqui estão conceituadas universidades e centros de pesquisas de reconhecimento internacional. Todos estes fatores, associados a uma diversificada e estimulante política de incentivos financeiros e fiscais do Governo do Estado do Rio, colaboraram para que a economia do Rio de Janeiro seja bastante atrativa para investidores, tornando-se referência para outros estados e atraindo capitais de diversas partes do mundo.

“Nosso estado – continuou o Secretário Maurício Elias Chacur – é reconhecido internacionalmente como o principal destino turístico brasileiro, recebendo cerca de 40% do fluxo de turistas estrangeiros que visitam o Brasil. Além do Rio de Janeiro, Paraty e Búzios estão entre as dez cidades mais visitadas do país. O Rio possui um destacado parque industrial que vem sendo potencializado, como, por exemplo, os pólos metal-mecânico, naval, de tecnologia da informação, moda e confecção e o pólo petrolífero, o nosso maior destaque, responsável por mais de 80% da produção nacional de petróleo. Temos auto-suficiência em energia e expressiva malha rodoviária e ferroviária. Possuímos pontos de escoamento de produção de significativa importância nos portos do Rio de Janeiro e Sepetiba. O porto de Sepetiba está sendo preparado para ser *hub port* de todo o Atlântico Sul. O aeroporto internacional do Rio de Janeiro possui o maior terminal de cargas da América Latina e já apresenta condições para operar o maior Aeroporto-Indústria do país. Ainda nesta área, quero citar a recente edição de decreto que reduz, significativamente, a carga tributária na área do Aeroporto Internacional Tom Jobim, para fortalecer o projeto de Aeroporto-Indústria.”

“Em 2004, nossa balança comercial registrou superávit de US\$ 700 milhões após um longo período de saldos negativos. O crescimento e a diversificação de nossas

“O Rio de Janeiro possui a segunda maior renda per capita do Brasil, ficando atrás apenas do Distrito Federal. É líder na atração de investimentos”

exportações conduziram o Rio de Janeiro à posição de 5º maior estado exportador.”

“Espero ter oferecido um panorama da economia do Rio de Janeiro e de algumas oportunidades de negócios, pois aqui é um lugar de negócios onde se tem lazer, não um lugar de lazer onde também se faz negócio. Obrigado e bom trabalho a todos.”

A visão do Itamaraty

O Embaixador José Eduardo Felício, Subsecretário Geral para a América do Sul do Ministério das Relações Exteriores, na seqüência dos pronunciamentos, falou do projeto que ele e sua equipe tem desenvolvido, trabalho que define como “silencioso”, na busca de entendimento entre os países da América do Sul, em especial entre Brasil e Argentina.

“Agradeço a oportunidade de compartilhar com vocês a visão do Itamaraty sobre a relação com a Argentina. Gostaria, antes de mais nada, de me referir ao nosso projeto maior de integração da América do Sul. Deve ser do conhecimento dos senhores que, a partir do começo deste Governo, por determinação do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, houve uma iniciativa brasileira de fortalecer a relação com os países sul-americanos. Nós, no entanto, temos consciência de que parte desta integração não poderá ser feita sem uma integração ao nível menor, no Mercosul; e no Mercosul é evidente que a integração com a Argentina é um passo fundamental. São as duas maiores economias do continente e o Governo sabe que nenhuma integração será possível sem uma integração primeiramente com a Argentina, depois com outros países do Mercosul e depois uma integração entre o Mercosul e a Comunidade Andina com vistas a alcançar este objetivo maior. Sa-



A integração Brasil-Argentina é fundamental, para o Embaixador José Eduardo Felício.

“O mundo do futuro será o mundo dos blocos, de grande concorrência comercial e não podemos ser ingênuos neste jogo”

bemos que este processo não se dá e não se dará sem problemas. Ocorre-me, como exemplo, a relação entre Estados Unidos e Canadá, que também é de integração e é um processo problemático. Na fronteira entre Estados Unidos e Canadá, transitam, por dia, cerca de US\$ 1 milhão em mercadorias. Evidentemente que isso é uma fonte de aborrecimentos constante, de todos os níveis. O que ocorre é que os dois países conseguiram, naquela relação, chegar a mecanismos de aplicação mais ou menos automática, que resolvem os problemas sem contaminar a relação política. Este é o trabalho silencioso e permanente que

nós no Governo procuramos fazer na relação com a Argentina.”

“O Ministro Marcio Fortes de Almeida, aqui presente, dirige um grupo que tem conseguido resultados extraordinários no que se refere aos problemas comerciais que surgem a todo o momento entre o Brasil e a Argentina. Na semana passada, nos reunimos uma vez mais nesse grupo e comprovamos não só o acerto da existência deste grupo, como sua utilidade e importância no relacionamento bilateral. É evidente que a imprensa não está interessada em divulgar estes pequenos problemas que se resolveram, mas é importante saber que na solução dos pequenos problemas é que chegamos à solução dos grandes.”

“Gostaria de terminar fazendo uma referência ao conhecimento que o Embaixador Juan Pablo Lohlé tem do Brasil. Este gosto que ele tem de conhecer de perto o nosso país transmitiu ao nosso embaixador, na Argentina, Mauro Vieira,



Benedicto Fonseca Moreira sintetiza, com bom humor, o relacionamento Brasil-Argentina.

que também tem feito um esforço extraordinário de conhecer toda a Argentina, de visitar as províncias e não ficar apenas na capital Buenos Aires. Eu agradeço ao Embaixador Lohlé por esta visão que ele tem do Brasil, pois quanto mais ele conhece o país mais pode nos ajudar na solução dos nossos problemas.”

Psicologia e Negócios

Para encerrar a sessão, o Presidente da FCCE convidou Benedicto Fonseca Moreira, Presidente da Associação de Comércio Exterior do Brasil – AEB, uma das nossas maiores autoridades em comércio exterior, que arrancou boas gargalhadas da platéia ao afirmar que o problema do relacionamento Brasil-Argentina é mais psicológico do que comercial.

“É muito difícil encerrar uma coisa que está apenas começando. Sobretudo, encerrar um seminário Brasil-Argentina, pois o problema do Brasil e da Argentina não é comercial, não é político, é psicológico. Nós precisamos arrumar um bom psicólogo, porque senão não vamos acertar nunca os nossos problemas. Ali-

“Quando os empresários se unem em torno de interesses comuns tiram o governo de cena e os problemas desaparecem”

ás, tenho sempre a impressão de que nenhum dos dois países quer acertar problema algum, porque isso terminaria o diálogo e o Ministro Marcio Fortes não vai poder ir à Buenos Aires a toda hora e os argentinos não poderão vir, com tanta frequência, ao Brasil. Isso me faz lembrar um episódio do tempo do acordo bilateral, quando eu convivi um pouco mais com os argentinos. Vejam como eu sou antigo. Chegava ao Brasil a delegação argentina e dizia: “olha, daqui a um mês nós vamos fazer a primeira reunião” e ficavam aqui seis meses. Desapareciam na praia. Os brasileiros iam depois à Argentina e permaneciam três ou quatro meses comendo churrasco. Naquela época, vivíamos um período de briga eterna, quase guerra. Tinha tropas na fronteira fechavam a fronteira. Depois passamos para uma segunda fase, mais simpática.

Foi a época da Associação Latino-Americana de Livre Comércio – ALALC. Ficávamos meses negociando. Eram negociações infernais, produto a produto; ninguém ia cumprir coisa alguma, era apenas um exercício de negociar. Várias vezes, quando eu ainda estava na Câmara de Comércio Exterior – CACEX, a minha diversão era brigar com os argentinos. Era um eterno bate-boca. Nós não conseguimos acertar o acordo bilateral, não conseguimos implantar uma zona de livre comércio e de repente surgem duas autoridades importantes, dois presidentes e dizem: vamos criar o Mercosul, fazer a união aduaneira. Fiquei chocado, pois não conseguimos fazer uma zona de livre comércio e íamos fazer união aduaneira? Caminhamos para o Mercosul. Hoje, no Mercosul, fazemos exercício de como não se fazer uma união aduaneira, porque não temos ainda nem os instrumentos aduaneiros. Apesar de tudo isso, o comércio entre o Brasil e a Argentina está crescendo, o que prova que, independente da ação dos governos, o comércio vai se fazer. Para isso, meu caro Embaixador Lohlé, acho que o que nós temos que ter é bom senso, tomar duas ou três medidas fundamentais. A primeira seria um programa de interligação da infra-estrutura física, que é o que aconteceu na Europa. A segunda, aposentar o nosso pessoal de fronteira, regamente. Os aduaneiros argentinos e brasileiros devem ser aposentados. E em terceiro temos que entender que os problemas de governos começam a se resolver a partir do momento em que os empresários se tornam sócios. Brasileiros e argentinos têm que ser sócios de seus interesses comerciais. Eu sou de opinião que empresas brasileiras devem investir na Argentina para serem sócias daqueles setores, sobretudo dos complicados; e os argentinos deveriam associar-se às empresas brasileiras. Quando os empresários se unem em torno de interesses comuns, tiram o Governo de cena e os problemas desaparecem. Lamento pelos meus amigos diplomatas que não poderão mais viajar, mas acho que esta seria a solução de nossos problemas.”

Acordos em setores sensíveis

Dois expositores, um de cada país, analisam as divergências comerciais e apontam as iniciativas para solucioná-las

O primeiro painel do seminário tratou dos setores sensíveis nas relações Brasil-Argentina e foi presidido pelo então Ministro interino do MDIC, Marcio Fortes de Almeida. Rosária Costa Baptista, Diretora do Departamento de Negociações Internacionais do MDIC, foi apresentada pelo Ministro como uma negociadora competente que tem participado da Comissão Bilateral Brasil-Argentina.

Um mercado em evolução

Iniciando sua exposição, Rosária informou que a balança comercial, de janeiro a junho de 2005 em relação a 2004, mostra um acréscimo em nossas exportações de 23,9% e um crescimento nas importações de 20,2%. Segundo Rosária, o desempenho do comércio exterior faz com que os saldos comerciais obtidos ajudem nossa balança de pagamentos.

Nosso principal comprador são os Estados Unidos e o segundo é a Argentina, com crescimento de 8,5%. A diretora considera significativo o aumento das exportações para mercados não tradicionais, como a Comunidade Andina e o Mercado Comum Centro-Americano. “Estamos diversificando bastante as exportações, não dependemos mais de um único mercado” – afirmou.

No último ano, mais 136 empresas brasileiras passaram a importar da Argentina e as que começaram a exportar au-



“O Brasil não depende mais de um único mercado”, afirmou Rosária Costa Baptista.

mentaram em 211. O cenário geral é o seguinte: de 14.240 exportadores brasileiros, 4.870 exportam para a Argentina. Somos também o principal comprador de produtos argentinos: importamos daquele país US\$ 2.400 milhões, ou seja, compramos 18% de todas as exportações do país vizinho.

A Comissão Bilateral Brasil-Argentina tem discutido uma ampla gama de assuntos ligados aos produtos comercializados entre os dois países. Um deles foi a conformidade de licenças de veículos: o Governo argentino concordou em dar um prazo complementar para que uma empresa estabelecida no Brasil pudesse atender às normas previstas.

Rosária destacou também a importância de um acordo entre o nosso Inmetro, que cuida de normas e medidas, e o órgão argentino correspondente, o OAA. Foi fechado, ainda, um acordo de

reconhecimento mútuo de pneumáticos. Outras questões pendentes eram a farinha e a mistura de trigo. Após considerações de técnicos agrícolas, foi elaborada uma legislação que a Argentina considerou positiva.

Nosso principal comprador são os Estados Unidos, o segundo é a Argentina, que registrou um crescimento de 8,5%

A Comissão Bilateral dos dois países é um órgão de atribuições amplas. Para casos mais específicos que envolvem empresas menores entra em cena a Comissão de Monitoramento, criada em 2003 e coordenada até 2005 por Marcio Fortes de Almeida, do lado brasileiro, e pelo Secretário de Indústria, Comércio e Pequena e Média Empresas do Governo argentino.

Quando as reclamações procedem, a Comissão convoca reuniões entre os setores privados envolvidos, que acabam, na maioria das vezes, chegando a um resultado. Geralmente o acordo implica restrição a importação ou restrição a preço mínimo para exportar. Alguns acordos alcançados citados por Rosária: fios de algodão, fios acrílicos, veludo cotelê. Com relação ao leite, também houve concordância e se estabeleceu um preço mínimo.

“É mais interessante vender produtos industriais no Mercosul”

A Diretora do Departamento de Negociações Internacionais do MDIC informou ainda sobre um entendimento para o segmento de TV a cores da Zona Franca de Manaus: os argentinos afirmavam que a exportação excessiva do Brasil estava prejudicando a reativação de empresas argentinas do setor. Em aberto estão ainda os entendimentos sobre os vinhos argentinos, as cebolas e os aparelhos de ar condicionado. Seria preciso mencionar ainda o arroz, setor em que persiste uma reclamação brasileira: o Brasil luta para não deprimir o preço desse produto, do qual, junto com Argentina e Uruguai, é um grande produtor.

Receita de integração

Dante Sica, Presidente do Centro de Estudos Bonarense, iniciou sua palestra indagando sobre os problemas que estão por trás das transações comerciais. “Buscamos entender e desenhar soluções que possam evitar a continuidade dos conflitos” – afirmou. “Esta é a única receita para aprofundar a integração entre os quatro países do Mercosul.”

O ex-secretário argentino entende também que, para se integrar, é preciso levar em conta as diferenças de natureza econômica: “O Brasil tem uma economia muito grande. Brasil e Argentina representam quase 95% do Mercosul. Paraguai e Uruguai ficam com o resto do movimento comercial”. Em contrapartida, existem também, segundo ele, pontos de semelhança: Brasil, Argentina e Paraguai

Liberdade para os automóveis



Luiz Moan Yabiku, Vice-Presidente da Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores – Anfavea, disse que os empresários estão dispostos a aceitar um adiamento da entrada em vigor do livre comércio de automóveis entre Brasil e Argentina, previsto para janeiro de 2006, desde que as regras já negociadas sejam mantidas.

O dirigente manifestou sua preocupação durante o Seminário Bilateral Brasil Argentina, embora ainda não exista um pedido oficial do governo vizinho para que a data seja postergada. O adiamento é dado como certo: “a resposta mais freqüente que tenho ouvido é de dois anos de atraso”, disse Luiz Moan.

O vice-presidente da Anfavea, que é também Diretor de Assuntos Institucionais da General Motors do Brasil, diz não ver dificuldades na mudança de prazo, mas destaca que os países precisam continuar caminhando para o livre comércio. “Tudo é negociável desde que não haja um retrocesso no comércio”, afirmou. As principais reivindicações do empresariado do setor se referem à manutenção do padrão usado atualmente: para cada US\$ 1 importado, o país tem direito a exportar US\$ 2,6. Luiz Moan Yabiku avalia que qualquer mudança no patamar seria sinônimo de restrição ao comércio. Os empresários querem também que a alíquota de importação da Argentina, hoje de 16%, caia para 10%, o mesmo percentual adotado no Brasil. “No setor automotivo, ninguém consegue produzir 100% das autopeças. Quando se lança um modelo novo é preciso importar autopeças. Neste caso, é preciso ter a menor alíquota possível para que o projeto tenha competitividade”.

O vice-presidente da Anfavea faz parte do grupo de discussão de automóveis da Comissão Bilateral Brasil-Argentina, que se reúne no dia 29, em Buenos Aires, para tratar da política do Mercosul para o setor. Segundo o então Ministro Interino do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, hoje Ministro das Cidades, Márcio Fortes de Almeida, o setor automotivo é responsável por quase metade do déficit comercial argentino com o Brasil. O Embaixador da Argentina no Brasil, Juan Pablo Lohlé, estima que o déficit esteja próximo a US\$ 1,9 bilhão.

têm, por exemplo, mais ou menos o mesmo PIB *per capita*.

Dante Sica analisou ainda a crise externa de convertibilidade que prejudicou seu país: “A partir de 98 tudo se atrasou. Os produtos da linha branca, por exemplo, até hoje sofrem. Por trás dos problemas comerciais há uma diferença estrutural em cada um dos setores. No início do Mercosul, parecia que elas se fariam pequenas, mas, com a crise, se agravaram, com repercussões no fluxo comercial.”

Ele sugeriu por fim aprofundar a integração para resolver algumas das ques-

tões atuais: “Trigo, soja e petróleo podemos vender para qualquer parte do mundo, mas é mais interessante vender produtos industriais no Mercosul. Somos competitivos em nível regional, não em nível global. Se não avançarmos no aprofundamento da integração vai ser difícil superar os problemas específicos que temos no comércio exterior. Faltam políticas internas e regionais, produto por produto, para apoiar o crescimento do movimento comercial externo. Se não, é como dar uma aspirina a alguém que sofre de câncer e precisa de medicamento mais forte”.

Recorde é alcançar

US\$ 39,4 bilhões

**em operações de
comércio exterior.**

*Relatório e Relatório de 2014

Banco do Brasil. O seu sócio no Brasil.

Liderança em ativos. Liderança em administração de recursos. Liderança em comércio exterior. Banco do Brasil. Solidez nos cenários brasileiro e internacional.



www.bb.com.br



Oportunidades de Investimentos, Desafios e Cooperação

O Secretário de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Ivan Ramalho, presidiu o Painel II, cujo moderador foi o Presidente da Câmara de Comércio Argentino-Brasileira de São Paulo, Alberto Arzueta. Compuseram a mesa Paulo Cesena, Diretor do Grupo Odebrecht; Flávio Vianna, Gerente de Gestão de Portfólio da Petrobras; Luís Garcia, Presidente da Inverall, Construção e Bens de Capital.

Ao abrir os trabalhos, o presidente do painel II ressaltou a importância do que se estava iniciando ali: uma reflexão sobre o comércio bilateral entre o Brasil e seu segundo maior parceiro comercial. “O Brasil tem na Argentina”, esclareceu, “o segundo principal destino de suas exportações e a Argentina é, também, o segundo maior fornecedor brasileiro”. “Neste ano, particularmente”, acrescentou, “temos um grande crescimento em nossa corrente de comércio: no primeiro semestre, ela alcançou US\$ 7,5 bilhões e podemos garantir que, ao final de 2005, será alcançado um resultado recorde no comércio entre Brasil e Argentina, que certamente ultrapassará os US\$ 15 bilhões.”

O Presidente da Câmara de Comércio Argentino-Brasileira de São Paulo mar-



Paulo Cesena acredita que investir em infra-estrutura induz o desenvolvimento sócio-econômico.

cou sua participação manifestando o agradecimento e a satisfação em participar de evento tão relevante para a coexistência entre os dois países.

Em seguida reiterou quão importante tem sido a atuação do Comitê de Monitoramento do Mercosul para o encaminhamento de temas controversos em direção à convergência e, mais além, para a efetiva realização de acordos realmente proveitosos para os dois países.

Alberto Arzueta disse, finalmente, que tinha especial prazer em participar do painel que, com certeza, iria tratar de uma nova etapa na existência do Mercosul: a etapa dos investimentos comuns e conjuntos, do esforço de convergência na área da infra-

estrutura, enfim, daquele trabalho comum para que se alcance um novo patamar, o de um bloco mais consistente e coeso.

A importância da infra-estrutura

Em seguida, Paulo Cesena iniciou por agradecer, em nome do Grupo Odebrecht, o convite para participar do seminário. Seu objetivo, comentou em seguida, seria o de compartilhar com o plenário um pouco da experiência da Odebrecht na implantação de projetos de infra-estrutura na América Latina e, em especial, sua atuação contemporânea na Argentina. Além disso, buscou comentar os esforços empreendidos, juntamente com seus parceiros, no desenvolvimento



O Mercosul precisa alcançar um novo patamar que fará dele um bloco consistente e coeso. É o que defende Alberto Arzueta

de estruturas de financiamento e garantias de longo prazo, que são as ferramentas essenciais para a promoção desse gênero de investimentos. Adiantou, ainda, que pretendia também discutir porque a infraestrutura se insere na temática do seminário. Em sua opinião, isso ocorre porque, em primeiro lugar, a infra-estrutura é um indutor do desenvolvimento sócio-econômico e investir nela promoverá o crescimento das economias regionais e conseqüentemente o aumento dos mercados.

Para Paulo Cesena, a infra-estrutura é, além disso, elemento essencial para a integração entre os países, o que é uma das metas políticas perseguidas pelo nosso atual Governo. Outra parcela importante dos resultados dos investimentos em infra-estrutura seria a de que, em seu período de execução e acabamento, constitui-se numa oportunidade relevante para que provedores de bens de capital, de serviços de engenharia e de outros serviços participem de operações de comércio

“A a ampliação da rede de gasodutos gera oportunidades para a exportação de bens e serviços brasileiros”

exterior. “Em especial, também”, concluiu, “ocorre aí uma possibilidade de inclusão de médias e pequenas empresas, que, utilizando-se dos contratos de serviços e de engenharia, obteriam uma primeira possibilidade de inserção no mercado internacional”.

O investimento em gasodutos argentinos

Em seguida, o expositor valeu-se do exemplo recente de um projeto de infra-estrutura que a Odebrecht está executando na Argentina: a ampliação da rede de gasodutos San Martin e Neuba II, um projeto que está sendo feito a serviço da TGS – Transportadora de Gas Del Sur,

com o financiamento do BNDES e com o aporte de recursos locais. Esse projeto seria talvez um dos primeiros a se efetivar na Argentina depois da reestruturação do endividamento do país.

“A realidade trazida pelos clientes argentinos que nos procuraram”, explicou, “era a de uma situação em que o gás, o mais importante componente da matriz energética do país, achava-se em uma situação de extremo déficit de disponibilidade, o que levou o Governo local a adotar medidas bastante drásticas, como as da importação de fontes de energia menos competitivas e da restrição das exportações de gás. Basicamente, ficou claro também que era chegada a oportunidade de modernizar e ampliar a rede de infra-estrutura de transporte do produto no país. Em função do aumento da demanda de gás na região de Buenos Aires, a capacidade instalada de transporte de gás não se mostrou suficiente para atendê-la, especialmente nos meses de inverno. Daí nasceu o projeto de ampliação da capacidade desses

gasodutos, que prevê a ampliação do transporte de gás em 2,9 milhões de metros cúbicos/dia, por meio da construção de *loops* ao longo desses gasodutos e, também, do aumento da capacidade de compressão dos gasodutos. É um investimento de cerca de US\$ 300 milhões, dos quais a Odebrecht, por meio de seu contrato de engenharia, procura, fornecimento e construção, provê serviços de engenharia e de exportação de bens na ordem de US\$ 175 milhões. Já estamos executando esse empreendimento que tem previsão de conclusão para agosto próximo”.

“O gasoduto San Martin nasce lá no sul da Argentina e o Neuba II liga-se ao San Martin até atingirem a região de Buenos Aires. Os doze *loops* – tubulações paralelas a gazodutos já existentes – representam mais de 400 quilômetros de extensão e estão dispostos ao longo de todo o percurso. É importante ressaltar que, nesse projeto, surgiram oportunidades para a exportação de bens brasileiros, como as de chapas e tubos produzidos aqui; as de acessórios, também brasileiros, para o perfeito funcionamento das tubulações; e as de serviços de engenharia e de gerenciamento prestados pela Odebrecht e por seus parceiros, onde ocorrem as possibilidades de inclusão de pequenas e médias empresas no empreendimento. Eu gostaria até de comentar aqui que a Odebrecht, hoje, se coloca à disposição das pequenas e médias empresas para apoiar os seus projetos de exportação, facilitando serviços de logística e de consultoria, para que essas empresas também possam ser incluídas no mercado internacional.”

“O grande desafio foi identificar uma equação financeira segura e, ao mesmo tempo, competitiva”

tação de bens brasileiros, como as de chapas e tubos produzidos aqui; as de acessórios, também brasileiros, para o perfeito funcionamento das tubulações; e as de serviços de engenharia e de gerenciamento prestados pela Odebrecht e por seus parceiros, onde ocorrem as possibilidades de inclusão de pequenas e médias empresas no empreendimento. Eu gostaria até de comentar aqui que a Odebrecht, hoje, se coloca à disposição das pequenas e médias empresas para apoiar os seus projetos de exportação, facilitando serviços de logística e de consultoria, para que essas empresas também possam ser incluídas no mercado internacional.”

Financiamento, o grande desafio

“Do ponto de vista do financiamento surge, então, o grande desafio desse projeto: o de conseguir identificar uma equação financeira que seja segura para os finan-

ciadores e, ao mesmo tempo, competitiva para os nossos clientes – e quando falo de competitividade estou me referindo necessariamente a prazos e custos adequados. Conseguimos alcançar esse objetivo por meio de uma estruturação em que foi criada uma figura jurídica especial, um fideicomisso, que está contratando os serviços de execução pela Odebrecht e também está contratando serviços de gerenciamento e auditoria da TGS e da Energas. É esse fideicomisso que está tomando os recursos financeiros junto ao BNDES e a entidades locais e que estará recebendo, ao longo dos próximos anos, um fluxo de tarifas incremental, tarifas pagas por consumidores de gás; esse fluxo servirá como mecanismo de re-pagamento do financiamento contratado. O grande mérito dessa operação, no entanto, foi o de viabilizar, para o BNDES, a estrutura de garantias por meio do CCR, que é uma câmara de compensação entre os Bancos Centrais. O financiamento do BNDES alcança até US\$ 170 milhões, na modalidade de *suppliers credit*, onde a Odebrecht está tomando o empréstimo e em que o re-pagamento desse empréstimo pelo usuário final dos recursos, no caso, o fideicomisso, se dará num prazo total de dez anos, com um ano de carência, tendo como garantia o CCR. Ou seja, um mecanismo de compensação de créditos recíprocos e tendo também, como seguro de crédito à exportação, o seguro provido pelo Fundo de Garantia à Exportação, através da SBCE”.

O CCR e seu funcionamento

“Como já disse, o CCR é uma câmara de compensação entre os Bancos Centrais da América Latina, em que, a cada quatro meses, os saldos líquidos entre importações e exportações de cada país são liquidados de forma conjunta pelos bancos, com o objetivo de reduzir o fluxo financeiro, o fluxo de divisas entre os países. Onde está o grande interesse disso para os grandes projetos de infra-estrutura? É que esse tipo de mecanismo transforma uma relação bilateral, como aquela do Brasil e Argentina, numa relação multilateral: os financiadores para esse tipo de projeto de infra-estrutura entendem que, em operações que cursam esse

convênio, os tomadores não têm incentivo ao *default*, porque o *default* a uma parte significa o *default* a todas as demais partes. Esse é o grande benefício do CCR, que possibilita, então, que os financiadores percebam um risco muito mitigado e assumam a propensão para tomar prazos alargados e custos mais competitivos.

“O CCR é uma câmara de compensação que viabiliza financiamentos de longo prazo”

A estruturação da garantia do CCR no projeto de ampliação dos gasodutos argentinos foi feita através de garantias dadas ao Banco Central da Argentina, de forma que, em nenhum momento, nem o banco brasileiro nem o argentino estivessem assumindo qualquer tipo de risco político, comercial ou bancário. Ou seja, exposições que vão além de seu papel como instituições monetárias, e, sim, através de garantias estendidas pelo Banco de la Nación. O CCR, portanto, em nosso entendimento, é um viabilizador para os financiamentos de longo prazo e custos competitivos na região, pois mitiga o risco de forma eficaz e promove os investimentos em infra-estrutura na América Latina”.

Ao concluir sua exposição, Paulo Cesena afirmou sua intenção de deixar aos participantes do seminário uma mensagem final: as construtoras brasileiras, particularmente a Odebrecht, que ele estava representando no evento, estão extremamente comprometidas com o desenvolvimento e a implantação de projetos de infra-estrutura na região e estão muito cientes da necessidade de prover estruturas de financiamento responsáveis – mas, ao mesmo tempo, competitivas – para esses mercados. “Ao mesmo tempo”, concluiu, “entendemos que, além do benefício de implantação de projetos de infra-estrutura nessa região, ocorre também uma oportunidade muito grande para que empresas brasileiras provedoras de bens de capital e de serviços unam-se a esses projetos, de forma a aumentar o seu campo de atuação.”



Segundo Flávio Vianna, o Brasil tem posição de destaque na produção de petróleo na Argentina.

A Petrobras e a Argentina

O moderador do painel passou a palavra, em seguida, a Flávio Vianna, Gerente de Gestão de Portfolio da Petrobras, que iniciou sua exposição relatando um pouco do esforço que a Petrobras vem fazendo no sentido de sua crescente internacionalização, com foco nas realizações empreendidas na Argentina.

“O movimento de internacionalização da Petrobras”, disse Flávio Vianna, “ganha força a partir de 1999. Na medida em que ocorre a abertura do setor de petróleo no Brasil, passa a existir um forte redirecionamento da companhia para buscar ampliar a sua atuação no exterior. Definidas, inicialmente, algumas áreas-foco de

“A Petrobras Energia, que atua na Argentina, tem ativos naquele país, na Venezuela, no Equador, no Peru, na Bolívia e no próprio Brasil”

atuação, naturalmente surgiu a presença na América Latina. A Petrobras começou a atuar na Argentina em 1994, em atividades pontuais; em 97, passou a atuar no que chamamos de projeto-mega e que vamos explicar mais à frente; em 2001, ela adquire, através de uma troca de ativos com a Repsol a possibilidade da distri-

buição de combustível; e, em 2002, passa a ocorrer, de fato, o grande movimento da Petrobras naquele país, com a aquisição de algumas companhias de petróleo, como a Petroleira Santa Fé e a empresa de grande tradição no mercado argentino, a Petroleira Perez Companac, adquirida em uma transação que superou US\$ 1 bilhão. É quando a Petrobras entra com força no mercado argentino, não apenas nas atividades de produção e exploração, mas também nos setores de refino, distribuição e transmissão de energia”.

“Do total dos investimentos internacionais da Petrobrás, 34% destinam-se à Argentina”

“Os investimentos que a Petrobras realiza na Argentina provêm da nossa unidade argentina, que se constituiu, em grande parte, com a aquisição da Perez Companac. A Petrobras Energia, empresa que atua na Argentina, tem boa parte de seus ativos naquele país, mas também já vivia um processo de internacionalização: ela tem ativos na Venezuela, no Equador, no Peru, na Bolívia e no próprio Brasil.”

O expositor explicou que na Argentina, em termos de posicionamento competitivo e em termos de produção de óleo, a Petrobras encontra-se, atualmente, em terceiro lugar, depois da Repsol-YPF e da Pan-American. Em produção de gás, ocupa o quarto lugar, depois das duas companhias já citadas e da Total Austral, que está na terceira posição. Isso demonstra que o Brasil está entre os primeiros colocados em posicionamento de produção naquele país. “Em termos de mercado de derivados, somos o terceiro em *market share* no mercado argentino e participamos da geração e transmissão de energia e da distribuição de gás, além de tomarmos parte nas indústrias petroquímica e de fertilizantes.” Para se ter uma idéia de quanto pesa o investimento da Petrobras na Argentina, Flávio Vianna detalhou que, dentro do montante de investimentos totais da companhia na área internacional em 2004, 60% foram destinados à unidade Argentina, tendo

sido lá realizados 34% de todos os investimentos da companhia no exterior.

Exploração e produção

Quanto à exploração de petróleo na Argentina, o expositor esclareceu que a Petrobras atua em seis áreas naquele país, onde suas reservas somam quase 400 milhões de barris de óleo equivalente. Apesar de julgar a Argentina uma área madura e bastante explorada, persiste a convicção de que existe ainda um enorme espaço para explorações adicionais e, por isso, a Petrobras tem feito um grande esforço para buscar novas frentes de exploração no país.

Finalmente, em termos de produção, Flávio Vianna disse que estamos produzindo atualmente cerca de 115 mil barris por dia, o que é uma produção madura e que exige uma série de investimentos para que se mantenha sem declínio. Do ponto de vista de geração térmica, acrescentou que a Petrobras participa de alguns empreendimentos. O destaque fica por conta de Genelba, uma térmica situada na região de Buenos Aires, extremamente moderna e tecnologicamente avançada, com um ciclo combinado de cerca de 660 megawates. O expositor disse ainda que, por conta da aquisição da Perez Companc, a Petrobras participa também de alguns ativos de geração hídrica, esclarecendo que essa atividade não é exercida no Brasil.

“A Petrobras produz 115 mil barris de petróleo por dia na Argentina”

Em relação à transmissão de energia, Flávio Vianna relatou que a Petrobras toma parte em algumas pequenas empresas do gênero e de uma de grande porte, a Transanair, que é uma concessão. Durante a operação de compra da Perez Companc, foi acertado com o Governo argentino que a Petrobras deve desinvestir desse ativo, o que deverá ocorrer dentro de alguns anos.

Já no que diz respeito à distribuição de energia, explicou que a Petrobras participa da Del Sur, junto com o Grupo

Endesa, tendo mais de dois milhões de clientes e participando de mais de 20% da demanda de energia. “A TGS é uma empresa de processamento de líquidos e, principalmente, de transporte de gás, que leva o gás das bacias situadas ao Sul da Argentina e na qual a Petrobras tem uma participação minoritária. Outra empresa de processamento de líquidos”, acrescentou, “é a Mega, uma *joint venture* com a Repsol e com Dow Chemical e

“Ainda existem algumas restrições a exportações no mercado argentino”

que tem como principal atividade processar o gás fornecido pela Repsol, sendo que a Petrobras recebe todo o GLP, que é, em sua maior parte, dirigido ao mercado brasileiro. Dentro do *down stream*, temos vários ativos, com destaque para duas refinarias, uma em Baía Blanca, em San Lorenzo, e outra numa refinaria do Norte do país, a Refinor.”

“Do ponto de vista de petroquímica, por conta da aquisição da Perez Companc, a Petrobras, depois de ter passado por um processo de privatização reingressou no setor petroquímico. Os ativos da Perez Companc posicionam a companhia fortemente, com algumas vantagens competitivas, no mercado de estireno e poliestireno na região da América do Sul”.

A integração necessária

“Em termos de investimentos futuros, previstos pela Petrobras em seu plano estratégico, pretendemos investir, entre 2004 e 2010, US\$ 54 bilhões, sendo que, na área internacional, esse investimento está estimado em US\$ 7,5 bilhões, ou seja, 14% do total. Detalhando um pouco esse investimento da área internacional, 80% serão destinados à área de produção e exploração, para tentar dobrar a nossa produção no exterior até 2010, sendo que 50% do investimento internacional será voltado para a América Latina, prioritariamente para o mercado argentino. Em exploração e produção, investiremos basicamente na manutenção

da produção dos campos atualmente produtores que demandam fortes investimentos e na busca de novas frentes de exploração. Finalmente, na área de refino e distribuição, na busca de tentar adequar o nosso parque de refino às qualidades requeridas pelos órgãos reguladores locais”.

Flávio Vianna informou que existem ainda algumas restrições de exportações no mercado argentino, fruto da situação econômica que o país viveu nos últimos anos, mas ressaltou que essa situação tem melhorado progressivamente. Já existe um forte crescimento da demanda de energia e os preços dos energéticos têm sido recompostos, embora de forma lenta. Segundo ele, há necessidade de investimentos em infraestrutura. Essa questão-chave foi abordada também pelo expositor que o antecedeu. Há também necessidade de recomposição de todas as tarifas das empresas que têm algum tipo de concessão nesse mercado.

“Dos US\$ 54 bilhões previstos para investimentos até 2010, US\$ 7,5 bilhões vão para a área internacional”

O expositor afirmou, em seguida, que, em termos de oportunidades, o que se antevê é a participação da Petrobras nas licitações que venham a acontecer nas áreas exploratórias e em projetos de energia que venham a contribuir para a integração regional, sejam eles em projetos elétricos ou de infra-estrutura.

“A Petrobras tem uma participação importante de ativos no Brasil e também na Bolívia, pois, apesar de toda a instabilidade institucional observada na Bolívia, a Petrobras – e outras companhias – têm lá importantes reservas e todo o investimento que for voltado para a integração regional interessa bastante à companhia. Nossos desafios são, portanto, basicamente, reposição de reservas e contribuição para essa integração regional” – concluiu.

Soluções integradas



que impulsionam
um crescimento sustentável.





Oportunidades de investimentos, desafios e cooperação, na palestra de Luís Garcia

Da Argentina para o mundo

Luís Garcia, presidente da Inverall – Grupo IMPSA, representou os empresários argentinos no seminário

O Presidente da Inverall – Grupo IMPSA, Luís Garcia, agradeceu inicialmente à Federação das Câmaras de Comércio Exterior pelo convite para participar do seminário, manifestando seu orgulho por ser a única empresa argentina a fazê-lo. Em seguida, disse que desejava apenas comentar alguns aspectos ligados ao Grupo IMPSA, que é uma empresa 100% argentina e tem trabalhado no Brasil nos últimos 20 anos, especialmente no setor de infra-estrutura e, basicamente, no segmento de energia elétrica.

“Um painel geral da companhia”, explicou, “mostra que ela desenvolve outras atividades, além das que exerce na área de infra-estrutura elétrica, já que também atua nas áreas de seguros, na produção de vinhos, atividade hoje muito importante para o comércio bilateral.

“Sempre existem obstáculos que é preciso contornar e vencer”

Na área de bens de capital, que é onde a empresa tem-se destacado no mundo inteiro, nós começamos a atuar, faz quase cem anos, basicamente como fabricantes de equipamentos para centrais hidrelétricas ou pequenos projetos de infra-estrutura. Através dos anos, fomos adquirindo e desenvolvendo nossa própria tecnologia e, hoje, podemos dizer que a IMPSA é o único fabricante latino-americano de equipamentos para centrais hidrelétricas e guindastes para portos. Isto além de começar a desenvolver, já a partir de 2005, tecnologia própria para a fabricação de aero-geradores, ou seja, para

energia eólica, essa energia limpa que o mundo procura desenvolver com base nas idéias desenvolvidas pelo Protocolo de Kioto e de que o mercado tem, cada vez mais, muita necessidade”.

Dentro do segmento de infra-estrutura, do qual a IMPSA participa no mundo inteiro, Luís Garcia chamou a atenção para o fato de que, no setor de construção de guindastes portuários, ela é uma das três maiores empresas do mundo, atuando principalmente nos mercados latino-americano e asiático. Afirmou que nos últimos anos, a partir de 2000, quando a estrutura portuária brasileira começou novamente a se desenvolver, depois de longa estagnação, a IMPSA voltou a fornecer seus equipamentos aos portos da grande costa do país e, hoje, está trabalhando com uma grande empresa brasileira, que é a Usiminas, sócia em projetos em que trabalha com vistas ao desenvolvimento, tanto do mercado interno, quanto do externo. “Estamos atualmente, por exemplo, fornecendo guindastes à Espanha, que saem completamente prontos e montados do Brasil. Esses guindastes se destinam não apenas à colocação dos *containers* no interior dos navios, mas também à sua movimentação pelo porto. Podemos dizer que 60% dos guindastes existentes nos portos malaios são de nossa fabricação.”

“É claro”, observou o Presidente da Inverall, “que sempre existem obstáculos e dificuldades que é preciso contornar e vencer, para melhorar a competitividade tanto no mercado interno quanto no de exportação, onde, aliás, convinha que vigorasse uma taxa de dólar um pouquinho mais favorável do que a que nós temos hoje. Outras dificuldades são a alta carga tributária, os juros, a falta de financiamentos a longo prazo; esse tipo de coisas que, obviamente, não são fáceis de resolver de um dia para outro, mas para cuja superação estamos todos trabalhando.”

“Quanto às perspectivas do mercado internacional, entendemos que o movimento de *containers* no mundo vai continuar crescendo. A IMPSA não fornece só equipamentos, mas também serviços e pós venda e, diante dessa eventualida-

*“Sabemos também que
a civilização do petróleo
não vai durar muito...”*

de de ter um mercado potencial muito maior, tanto no Brasil quanto no mundo inteiro, está sendo estudada a instalação de uma fábrica no nosso país e até mesmo uma área de montagem no próprio porto, para poder melhor desenvolver as suas atividades próprias. Sem dúvida, a exportação desses guindastes poderá contar com o financiamento do BNDES, como já aconteceu no passado, quando fornecemos guindastes inteiramente já montados do Brasil para a Argentina.”

Energia limpa e barata

“Outra área de negócios a que já me referi”, continuou o expositor, “é o da energia limpa, do desenvolvimento dos aero-geradores da IMPSA, única tecnologia do gênero desenvolvida hoje na América Latina, já que os demais fabricantes são europeus ou americanos. Dentro desse segmento, a IMPSA está desenvolvendo uma tecnologia de máxima eficiência, com um mínimo de manutenção prevista e, obviamente, com uma independência tecnológica e um custo razoável. Estamos vivendo uma época em que todos os países têm necessidade de desenvolver a energia limpa, ou uma energia renovável; e já que, em muitas partes do mundo, o aproveitamento de energia hidrelétrica está esgotado, não existe possibilidade de desenvolvimento senão da energia eólica. Na Europa, por exemplo, essa tecnologia está bastante desenvolvida e ela já está começando a chegar ao Brasil, inclusive com o apoio de programas que estão sendo implementados pelo próprio Governo, através do Pro-Infra.

A demanda pela energia eólica está, portanto, crescendo em todo o mundo de forma significativa e já elevou, nos últimos dez anos, em 30% a potência instalada, havendo possibilidade de um crescimento altíssimo, da ordem de 20% ao ano, a partir de 2005, que gera um mercado de negócios de aproximadamente US\$ 10 milhões anuais, sobretudo porque, com a alta dos

preços do petróleo, a energia eólica deixa de ser cara em relação ao gás e a outras fontes não renováveis. Além disso, já se calculou que o potencial de geração de energia eólica é hoje, em todo o mundo, quatro vezes maior que o do potencial de energia hidrelétrica”.

O caso brasileiro

Ao se referir especificamente ao Brasil, Luís Garcia disse que o país oferece algumas vantagens para instalar granjas eólicas na costa do Nordeste e no Sul do país. Obviamente, quanto maior a velocidade do vento, melhores as condições de geração de energia eólica e, sem dúvida, a potencialidade de 60 mil megawates, estimada para a colocação de centrais eólicas em terra, pode duplicar, se considerarmos a possibilidade de instalá-las na plataforma submarina, pois a velocidade dos ventos é muito maior e mais constante no mar.

De qualquer forma, a expansão dessa energia vai depender, em sua opinião, de uma rigorosa pesquisa para se saber quais as vantagens que apresenta ao ser instalada. Para ele não se deve achar que o Pro-Infra vai resolver os problemas de instalação de energia eólica no Brasil, porque são apenas 1500 megawates o que está sendo previsto pelo Governo para o país; e o Governo precisa dar sinais de que essa instalação vai prosseguir de modo que quem deseje construir ou instalar geradores eólicos no país possa ter a garantia de continuidade no futuro.

*“A energia nuclear
é uma alternativa
à hidrelétrica”*

O Presidente da Inverall alertou para o fato de que, hoje, a infra-estrutura necessária para fornecer os equipamentos é insuficiente no Brasil, onde só há duas fábricas, que não darão conta sequer dos 1500 megawates do Pro-Infra e reivindicou um melhor equacionamento das relações das tarifas de energia que o Governo tem definido para o projeto, com as taxas de financiamento do BNDES e com o retorno do capital pretendido pelo investidor.

Em função de que hoje não existe no Brasil infra-estrutura para atender a essa demanda, o expositor entende que deveria ser criado, dentro da estrutura do Mercosul, um mecanismo, como um banco de fomento que unifique as gestões do BNDES e do BIS, na Argentina, e que permita o desenvolvimento de uma estrutura de financiamento para as empresas do Mercosul.

“O terceiro segmento do Grupo IMPSA que está mais desenvolvido no Brasil”, esclareceu Luís Garcia, “é o do fornecimento de equipamentos para usinas hidrelétricas, em execução desde 1987 no Brasil. Nessa área, temos ainda muito a desenvolver e a construir no país. As estimativas são de que o Brasil e a América Latina dispõem de 25% dessa energia para ser gerada. Especificamente no Brasil, constatamos que apenas ¼ do potencial tecnicamente aproveitável

*“O segmento do Grupo IMPSA
mais desenvolvido no Brasil
é o de equipamentos
para usinas hidrelétricas”*

de energia disponível foi aproveitada, ou seja, ainda há muito que desenvolver nesse campo. A distribuição da matriz elétrica consumida no Brasil baseia-se quase totalmente na hidreletricidade, dada a riqueza dos rios e de seu enorme potencial hidrelétrico, razão porque não se pode abandonar essa fonte”.

“É verdade que o Brasil está quase chegando à auto-suficiência em petróleo, mas sabemos também que a civilização do petróleo não vai durar muito tempo e que se a energia nuclear é uma alternativa para, eventualmente, substituir a energia hidrelétrica, entendemos que o Governo deve preocupar-se em garantir a existência e a continuidade de tecnologias mais seguras”.

“A planificação do sistema elétrico brasileiro está fundamentado na energia hidrelétrica, que gera uma energia limpa sem contaminação, e produz outros tipos de benefícios, como o turismo e a ecologia. Ou seja, são projetos que somam muito mais vantagens do que desvantagens. Quanto ao cenário da planificação para o cresci-



Ivan Ramalho, Secretário de Comércio Exterior do MDIC, escuta as palavras do empresário argentino Luís García.

mento da demanda de energia, baseado no crescimento do Produto Interno Bruto, nós consideramos que o Brasil vai crescer de 3% a 3,5% do PIB, que é uma previsão pessimista, e que a demanda de energia deverá estar um ou dois pontos acima desse índice. Ou seja, se considerado o cenário mais pessimista, estamos estimando que o Brasil vá precisar criar três mil megawates por ano em seu sistema elétrico.” Resumindo, o expositor concluiu que o futuro elétrico do Brasil dependerá da hidreletricidade, sendo que a geração nuclear poderia ser uma fonte substitutiva, e que estamos aguardando, para os próximos dez anos, esses 30 mil megawates que deverão ser instalados para atender à demanda crescente – um problema cuja solução o Governo já vem estudando.

Um projeto no Rio Uruguai

O expositor referiu-se a outro segmento em que seu grupo tem trabalhado muito no mundo inteiro e também no Brasil, que é o do desenvolvimento de projetos hidre-

“A IMPSA quer construir três centrais hidroelétricas no curso do Rio Uruguai”

létricos nos quais o grupo entra como investidor. Este tem sido o modelo aplicado na Argentina e também nas Filipinas. Mencionou um projeto que, a seu ver, tem hoje uma importância básica para o sistema de integração energética entre o Brasil e a Argentina, que é o do aproveitamento do Rio Uruguai e para o qual a IMPSA da Argentina tem apresentado um projeto binacional, a se desenvolver na fronteira entre o Rio Grande do Sul e as províncias argentinas de Corrientes e Misiones. Explicou que se trata de um projeto antigo que já tem quase trinta anos. Ele tem sido muito estudado, mas nunca foi levado à etapa de construção, basicamente por problemas ambientais que devem ser resolvidos.

Acrescentou, em seguida, que a IMPSA apresentou um novo projeto para a construção de três centrais hidroelétricas, o que

diminuirá bastante os problemas ambientais, garantindo, por outro lado, a geração da energia necessária. Como são considerados muito graves os problemas de alagamento, o expositor esclareceu que o novo projeto apresentado pela IMPSA tem como objetivo principal diminuir o impacto que isso traz para as populações ribeirinhas, preservar o patrimônio existente em cada lado, bem como criar fontes de trabalho sustentadas. No projeto atual, preservam-se pequenos saltos que compõem o patrimônio natural local e evita-se o alagamento de cidades como o que iria ocorrer, nos termos do projeto antigo, com a cidade de San Xavier.

Ao concluir, Luís García argumentou que os benefícios desse projeto são de gerar energia e sócio-econômicos e que, considerando-se o aproveitamento das três quedas disponíveis, o projeto geraria inúmeros empregos diretos e indiretos, assim como investimentos, além da possibilidade da intervenção de diferentes indústrias fornecedoras de equipamentos.

Políticas Macroeconômicas

Argentina e Brasil vivem ótimo momento para fazer ajustes em sua relação comercial

Devemos aproveitar este momento extremamente favorável. Esta é a posição dos quatro governos integrantes do Mercosul

O Professor Carlos Geraldo Langoni, Diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas – FGV e ex-Presidente do Banco Central do Brasil, presidiu o Painel III, que teve como moderador Rogério Fernando Lot, Gerente-Executivo de Comércio Exterior do Banco do Brasil. Os expositores foram Ricardo Markwald, Diretor da Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior – Funcex, e Luis Awasu Pereira da Silva, Secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda. O Professor Carlos Geraldo Langoni abriu o painel falando do paradoxo que vive hoje a relação Brasil-Argentina.

“Do ponto de vista macroeconômico, nunca as condições de Brasil e Argentina foram tão semelhantes. Podem existir diferenças nas questões tributárias e nas políticas monetárias, mas não acredito que só

elas explicam as tensões que se acumularam nas relações entre os dois países, justamente quando experimentam uma recuperação econômica interessante.”

“Acho que o problema não está na macroeconomia; é mais complexo, e não está localizado no arranjo do quadro regulamentar do Mercosul, mas sim nas crescentes diferenças de desempenho de produtividade entre os dois setores privados. O setor privado brasileiro, apesar de todas as dificuldades e incertezas políticas, nunca deixou de investir. Enquanto isso, o setor privado da Argentina limitou sua capacidade de investimento. Precisa retomar a confiança na sua economia, voltar a investir para competir com o Brasil de forma mais equitativa. O problema da Argentina, portanto, não está no nível macro, mas no nível micro, o que torna o problema bem mais interessante para imaginarmos como ele poderá ser resolvido ao longo do tempo.”

“Com estas palavras iniciais, que têm um caráter meramente provocativo, eu passo a palavra ao doutor Luís Awasu Pereira da Silva, Secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, nosso primeiro expositor.”

Convergência macroeconômica

“Como disse o Professor Langoni, estamos vivendo um processo de consolidação do nosso acordo de integração regional, como poderia ser chamado o Mercosul. Quero destacar a importância do que foi dito pelo Professor Langoni sobre a

convergência macroeconômica como base para a integração e a consolidação de um bloco como o nosso, sobretudo no que diz respeito a decisões de investimentos e de aumento de fluxo comercial.”

“É importante ressaltar que, primeiro, trata-se de um processo clássico em cinco fases, que vão desde a constituição de uma área de livre circulação de mercadorias até etapas mais ambiciosas, como a unificação política que está sendo problemática na União Européia, mas o Mercosul ainda não chegou lá. Este processo de acordo de unificação regional é um processo de produção de efeitos e de externalidades positivas, fornecendo, para decisões de investimentos, um quadro geral de estabilidade macroeconômica, um quadro de economia de escala e de fluxos comerciais, possibilitando aos investidores privados e aos empreendedores refletir sobre a sua atuação. É sem dúvida também reconhecido que estes processos de integração regional não são processos onde apenas externalidades positivas se manifestam. No decorrer da história de consolidação por exemplo da UE, existem efeitos que são conhecidos do direcionamento dos investimentos em áreas que apresentam um dos maiores efeitos de aglomeração, onde se pode aproveitar melhor as infra-estruturas que podem gerar assimetrias no conjunto de um bloco.”

“Em cada fase tenta-se aproveitar os efeitos benéficos de se constituir um bloco mais amplo, um mercado mais unificado, com regras mais previsíveis para que



A análise do Secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Luís Awazu Pereira da Silva.

os investidores possam pensar no bloco como um mercado maior, possam desenvolver economias de escala através de um processo de inversão. Alguns desequilíbrios regionais também podem aparecer. Isso norteou, por exemplo, a história de consolidação da UE como primeira área de livre comércio, em seguida união aduaneira e caminhando a seguir para uma unificação política.”

“Os resultados em matéria comercial, excetuando-se o período de crise, compõem um processo onde se verifica o efeito natural da integração regional, que é o aumento de comércio bilateral, aí visto pelos olhos brasileiros, onde depois da crise de 2001 e 2002 se verifica a retomada do fluxo de comércio bilateral entre Brasil e Argentina. Os patamares chegam mais próximos aos do final dos anos 1990. O que acontece de diferente em relação aos patamares dos anos 1990 é que, a partir de 2003 e 2004, o comércio entre os dois países começa a gerar superávits mais favoráveis para o Brasil, o que não é um elemento da fase mais antiga do processo,

“Convergência macroeconômica parece um tema meio esotérico, mas é fundamental para decisões de investimento”

onde a Argentina tinha um superávit comercial mais permanente. Esse aumento do relacionamento, que é um fenômeno normal num processo de integração entre vários países num bloco de livre circulação de mercadorias, pode apresentar, sobretudo quando há esta inversão na pauta de quem tem superávit e de quem tem déficits, conflitos pontuais que merecem ser tratados como fenômenos de alguns desequilíbrios regionais. A boa notícia é que agora isso se dá num ambiente macroeconômico, que é um ambiente de muito maior homogeneidade entre os dois países. O tipo de conjunto de gestão e de manutenção num regime macroeconômico é hoje muito mais similar entre os dois principais parceiros do bloco do que entre os demais.”

“Convergência macroeconômica parece um tema meio esotérico, mas é fundamental para as decisões de investimentos e de comércio, que no fundo são o sangue e a vontade e o próprio objetivo de um processo de integração regional. Sem haver esta diversificação do fluxo de investimentos, de aprofundamento da atividade comercial entre países do bloco, em especial entre os dois grandes parceiros do bloco, haveria uma espécie de casamento não consumado. Para as decisões de investimento é sabido que, além dos fatores de emissão de investimentos diretos, que pertencem muito mais a variáveis exógenas, como o ciclo de negócios no G-7, nos grandes países de emissão de investimentos diretos estrangeiros, por parte dos países receptores é importante que haja previsibilidade para o investidor brasileiro, argentino e estrangeiro quanto às condições macroeconômicas vigentes no sistema regional. Previsibilidade é fundamental para a tomada de decisões relativas a investimentos que são de longo prazo. O investidor precisa ter certeza da trajetória

da inflação, do controle dos déficits públicos, se a sinalização da estabilidade macroeconômica em geral vai ser permanente, durável e se os parceiros do bloco vão se esforçar para que ela seja atingida. O papel das expectativas quanto à consolidação desta estabilidade macroeconômica é um elemento essencial para alguém que invista no Brasil mas pensando no mercado regional, ou alguém que invista na Argentina. Pode investir na Argentina, mas pensando no mercado regional e até mesmo no mercado mundial. Se não hou-

“O investidor deve entender que vai participar de um bloco regional, com regras similares e de interesse mútuo”

ver estas condições macroeconômicas homogêneas, se não houver esta vontade por parte dos parceiros de ter, por exemplo, regimes de inflação e de formação de preços que sejam paralelos, que convirjam para uma mesma meta, isso vai criar um sentimento de retração, um sentimento de cautela por parte do investidor, seja ele brasileiro, argentino ou estrangeiro. A literatura econômica está cheia de identificação de testes empíricos que mostram que o comportamento do investidor estrangeiro é basicamente norteado pela percepção que ele tem do crescimento dos países onde ele investe, sobretudo quando se trata de um bloco.”

“O segundo elemento importante de convergência macro e microeconômica diz respeito ao nível de consciência do investidor. Ele precisa entender que vai participar de um bloco regional que está caminhando para ter condições homogêneas no seu ambiente de negócios, ou seja, que a regulamentação vai convergir para regras similares, que o sistema tributário do país vai convergir também para sistemas consistentes e similares, para que a maneira como cada país do bloco vai gerenciar a sua abertura facilite o intercâmbio comercial com o resto do mundo. Todos estes elementos regulatórios, elementos micros, fundamentam a decisão de inversão num bloco regional. Hoje, o processo

Um técnico competente e bem humorado

Luís Awasu Pereira da Silva, Secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, foi a segunda autoridade do seu ministério a comparecer a um dos seminários bilaterais que a Federação das Câmaras de Comércio Exterior vem organizando este ano. Personagem raramente visto fora de Brasília, onde coordena atividades que envolvem complexas e trabalhadas ações governamentais na área da economia, aqui e no exterior, ele prestigiou com sua presença o Seminário Bilateral de Comércio Exterior e Investimentos Brasil-Argentina, e demonstrou, ao participar do Painel III, o quanto a sua atuação tem colaborado para solidificar o processo de integração dos dois países no Mercosul.



Modesto e levemente irônico, ele minimizou a importância de sua participação no seminário e considerou que “... fundamental, mesmo, num evento dessa importância, é que os empresários dele participem e aqui dialoguem, pois, como se sabe, tem havido um crescimento muito grande nos fluxos de comércio entre os dois países, e os responsáveis por esse crescimento são os empresários e não um burocrata do Ministério da Fazenda.”

Quanto ao papel que cabe ao governo desempenhar, diante dessa realidade, enfatizou que essa ação deve ser prioritariamente voltada para o agenciamento e repasse de informações econômicas que facilitem, ou que, ao menos, não atrapalhem as crescentes atividades empresariais: “Trago ao seminário uma mensagem do Ministério da Fazenda, que trata mais da área macro-econômica: a de que está ocorrendo ultimamente um processo de convergência dos principais indicadores macroeconômicos dos países do Mercosul, o que, se não é um elemento por si só suficiente, serve como facilitador para que cresçam os investimentos e aumentem ainda mais os respectivos fluxos de comércio. Quando ocorre uma convergência sobre déficit, sobre inflação, decisões que envolvam uma tomada de posição na área do comércio exterior se tornam mais fáceis de tomar, menos arriscadas”.

Entusiasta do Mercosul e de seu aperfeiçoamento e aprofundamento, o secretário demonstrou cautela e bom humor, ao lhe ser perguntado se poderia formular um diagnóstico positivo em relação à futura evolução do bloco e às possibilidades de seu fortalecimento e sobrevivência: “Em 1970, perguntaram ao primeiro ministro chinês Chou En-Lai como ele avaliava a importância e as conseqüências da Revolução Francesa, ocorrida em 1789. Ele respondeu que ainda era muito cedo para que alguém se pronunciasse a respeito de um fato tão recente...”

produtivo na economia global é um processo que toma o mundo.”

“Nós temos um trabalho interessante, que é feito no âmbito da reunião semestral dos ministros da fazenda, dos presidentes dos bancos centrais, e que é tecnicamente realizado pelo grupo de monitoramento macroeconômico do Mercosul.

Este grupo tem como objetivo a viabilização das declarações presidenciais de Florianópolis, depois de Brasília, que colocam para todos os parceiros do bloco objetivos numéricos, metas a serem atingidas em matéria de inflação, em matéria de controle da dívida pública e em matéria de déficit nominal do setor público



O Presidente da FCCE, João Augusto de Souza Lima, apresenta os componentes do painel III.

consolidado. Essas metas sinalizam que existe um acordo entre os países do bloco justamente para direcionar as políticas macroeconômicas para indicadores que sejam estatisticamente comparáveis entre si. Convém que as macroeconomias possam convergir com o objetivo de criar as condições necessárias para preencher as expectativas sobre o regime de controle de políticas públicas do conjunto dos países do bloco. Dessa forma, poderíamos assegurar o conforto aos investidores. A meta de inflação é um teto de 5% para os países do Mercosul, a meta de déficit fiscal do setor público consolidado é uma meta de 3% de déficit máximo do PIB e a meta de dívida fiscal líquida do setor público consolidada é um teto de 40% do PIB a partir de 2010, ou seja, o que estamos fazendo é indicar trajetórias de convergência. Quanto mais estas trajetórias de convergência forem sendo cumpridas pelos parceiros do grupo, mais teremos um processo virtuoso de consolidação da confiança dos investidores na permanência.”

Nós ainda estamos no começo da cons-

“Estamos participando de negociações internacionais conjuntas e precisamos sinalizar que nosso bloco não é defensivo”

trução de um processo de convergência macroeconômica com os nossos parceiros do Mercosul.”

“Em termos de bloco, estamos participando de negociações internacionais conjuntas, sinalizando que nosso bloco não é um bloco defensivo, ele também tem interesses; principalmente os dois maiores parceiros, Brasil e Argentina, em atuar de forma ofensiva nas negociações internacionais. O bloco constituído pelos dois países precisa refletir sobre o que vai acontecer em mercados terceiros, que podem ser mercados que nos tragam uma competição expressiva em alguns setores onde o bloco tem vantagens. Temos vontade de trabalhar na integração de setores produtivos, o que requer um processo de tribu-

tação em cada país, nas regras de origem de cada produto dentro do Mercosul e evitar a bitributação da tarifa externa dentro do bloco.”

“Para finalizar, uma reflexão que considero vital: qualquer bloco regional comporta riscos de desenvolver assimetrias regionais. Isso aconteceu na Europa com zonas de países como Espanha, Portugal, o Sul da Itália, a Irlanda. Para a unificação, além da livre circulação de mercadorias, da união aduaneira, é necessário criar mecanismos de redução dessas assimetrias. Para isso, a UE tem um orçamento muito grande. Nós estamos começando essa reflexão, através da criação de um fundo de redução de assimetrias dentro do Mercosul, que foi decidido na última reunião dos ministros do Mercosul, em Assunção. É uma primeira reflexão sobre como aproveitar todo este potencial que existe em matéria de integração positiva, e estar preparados para alguns desequilíbrios que vão aparecer naturalmente e têm que ser corrigidos por meio de sistemas de transferência, de sistemas de intervenções produtivas e sociais. A convergência macroeconômica é uma condição necessária para dar previsibilidade aos exportadores, aos investidores, mas tem uma agenda muito ampla. Sobre ela trabalham os dois governos em matéria de fortalecimento de nossa integração regional e a nossa projeção como bloco, como um futuro *global player* no mundo de hoje. Isso exige e vai exigir cada vez mais um posicionamento de bloco frente aos dois ou três blocos já existentes: o bloco europeu, o bloco americano e o bloco que se vai formar em torno da China. Nós não podemos só olhar para nós, para as nossas dificuldades pontuais, temos que olhar para o futuro, para a consolidação do processo de integração do Mercosul como uma resposta eficaz para os desafios que vão aparecer no Século XXI em relação ao comércio internacional com os outros grandes blocos. Obrigado.”

A questão das percepções

Ricardo Markwald, Diretor da Funcex, começou agradecendo o convite para participar do seminário, lembrando que o

Professor Langoni colocou bem o que ele chamou de “paradoxo”.

“De fato estamos em ciclos convergentes, com ambos os países com superávit, a arquitetura macroeconômica é razoavelmente semelhante e, portanto, os argumentos macroeconômicos para as explicações das tensões comerciais que temos seriam insuficientes neste momento. Realmente o desempenho dos setores privados é muito diferente, os graus de empreendedorismo no Brasil e na Argentina são diferentes, os investimentos nos dois países têm sido diferentes no último período e, não é lidando com assuntos macroeconômicos que vamos poder explicar a existência de tensões.”

“Minha intenção é realmente não esconder os problemas, embora em todo seminário de que participam brasileiros e argentinos a tentativa é de levar os conflitos para a via futebolística, para a via matrimonial ou minimizá-los. Acho que a melhor maneira é sempre expô-los, tentar descrevê-los da maneira mais cômoda possível, não ocultá-los e não dizer que

“Qualquer espirito na economia brasileira pode ser grave para a Argentina e gravíssimo para o Uruguai e o Paraguai”



Ricardo Markwald, Diretor da Funcex.

tudo está indo bem quando as situações não apontam nesta direção.”

“Quero colocar alguns princípios, fazer algumas críticas, mais para o lado do Brasil que conheço melhor e porque a platéia é brasileira.”

“Vou estabelecer dois princípios e um corolário. O primeiro princípio é que num arranjo societário cabe aos parceiros estarem atentos às percepções de custos e benefícios, uns dos outros. Acho que isso é elementar. Temos um arranjo societário com a Argentina; o Brasil tem que estar atento a qual é a percepção do Mercosul, do Paraguai, do Uruguai, da Argentina, em relação à distribuição de custos e benefícios de nosso arranjo. Em primeiro lugar, qual é a percepção que eles têm e, em segundo, qual é a realidade, porque a concepção pode estar muito contaminada por choradeira, assim como a própria percepção.”

“O segundo princípio é que não devemos ter nenhum inconveniente em introduzir mudanças em nosso arranjo societário, se essas mudanças contribuem para aumentar a percepção e a equitativa distribuição de custos e benefícios.”

“Em terceiro lugar, ‘empurrar com a barriga’ não é uma boa política, pelo menos de longo prazo. No curto prazo, dependendo das circunstâncias, pode até resolver, mas como política genérica, não é boa.”

“Aqui quero fazer três observações sobre a minha percepção a respeito do que acontece no Brasil. Não estamos atentos à percepção de custos e benefícios dos sócios, de maneira geral, e às vezes nós mesmos temos percepções equivocadas. O Embaixador José Eduardo Felício, na abertura do evento, fez uma menção à relação Estados Unidos-Canadá: existe tanto comércio na fronteira Estados Unidos e Canadá, onde circulam diariamente US\$ 1 bilhão, que os problemas são naturais. Eu já li, porém, uma análise de um canadense que escreveu um artigo intitulado ‘Dormindo com um elefante’ e a idéia é que os Estados Unidos são tão grandes que qualquer movimento daquele país tem um impacto muito forte na economia canadense e que a convivência é muito difícil.”

“Acho que o Brasil deveria ter esta percepção em relação à Argentina e muito



Ricardo Markwald, Diretor da Funcex

“O Brasil tem que estar atento à percepção do Mercosul, do Paraguai, do Uruguai, da Argentina, em relação à distribuição de custos e benefícios de nosso arranjo”

mais ainda no caso do Uruguai e do Paraguai. Qualquer espirito da economia brasileira pode ser gravíssimo no caso do Uruguai ou Paraguai, e no caso da Argentina pode ser grave. No ano passado, por exemplo, caíram as exportações paraguaias e uruguaias, para o Brasil.”

“O fato relevante, pois a base do nosso arranjo no Mercosul é que, claramente para todos os países, o Brasil é uma locomotiva que vai puxando os demais. Se em algum momento em que o Brasil demonstra um crescimento, principalmente de suas importações, os nossos sócios menores não conseguem crescer, isso, para eles, deve ser gravíssimo. Notem também que qualquer análise sobre a economia paraguaia ou uruguiaia começa com cenário internacional, mas o cenário regional e a situação da Argentina e do Brasil é fundamental para eles. O Brasil se comporta, com estes países, como os Estados Unidos com relação ao Canadá.”

“Alterações no arranjo societário constituem outra fraqueza do Brasil, que de-

mora muito tempo para introduzir mudança em qualquer arranjo societário. Em geral é reticente, é defensivo, parece que quaisquer variações são sempre retrocessos. Aquilo que está consagrado é o que vale. Estamos lidando com arranjos dinâmicos e, se temos alguma percepção de alguns dos sócios, de alguma coisa que não está funcionando bem, temos que ter agilidade para introduzir os ajustes necessários.”

“Por último, ‘empurrar com a barriga’, como já disse, não é a melhor solução.”

“Falando de percepções, no ano passado tivemos aqui a percepção de o que Brasil tinha gravíssimos problemas no Mercosul. Houve até propostas de mudar o arranjo para área de livre comércio, porque nós estávamos enfrentando, sistematicamente, problemas microeconômicos em

“Nossas divergências são naturais, são as mesmas que temos com a Alca e correspondem às estruturas diferenciadas”

diversos setores de grande influência.”

“Quem olhasse as cifras do ano passado, entretanto, poderia perceber o seguinte: em 2004 as exportações brasileiras cresceram 32%, no geral, e para a Argentina 62%. O dobro do que cresceu para o resto do mundo. Entre os 30 principais destinos exportadores, a Argentina era o segundo em crescimento, o primeiro era a Venezuela, que cresceu mais de 110%, ou seja, as exportações brasileiras iam de vento em popa, enquanto que aqui a percepção era a pior possível. O Brasil conseguia atingir, novamente, o pico de exportações que atingiu em 1997 e 1998: US\$ 8 bilhões. Quando se olhava do lado contrário, as coisas não iam tão bem para a Argentina, cujo crescimento das exportações foi de apenas 20%.”

“Este ano, o quadro se repete. Nossas exportações para o mundo crescem 24% e para a Argentina 38%. Nossas importações crescem 24% e na Argentina 17%. O que quero demonstrar é que o ano passado foi um ano brilhante para o Brasil em termos de comércio exterior. O que ali-

mentava a percepção brasileira de que estávamos muito mal na relação com a Argentina, em alguns contenciosos? Quando se examinava os contenciosos, verificava-se que a Argentina comprava do Brasil o mesmo que comprava da União Europeia ou dos Estados Unidos. Nós deslocamos qualquer um dos dois. A desvalorização da moeda argentina deixou os produtos europeus muito caros e o Brasil entrou neste vácuo e certamente deslocamos importações oriundas da UE e dos Estados Unidos. Do ponto de vista do Brasil é incompreensível achar que estamos com um problema grave na Argentina. Nós estamos crescendo, mesmo com as importações argentinas diminuindo, mesmo nos produtos do contencioso nossa participação é relevante. Nossas divergências são naturais, são as mesmas que temos na Alca e que correspondem às estruturas produtivas diferenciadas. Então, eu diria que, a percepção do Brasil neste momento, enfatizada pela imprensa, não corresponde à realidade. Eu me perguntava onde estão os exportadores responsáveis pelos US\$ 8 bilhões do ano passado e os US\$ 9 bilhões deste ano, especialmente de manufaturados, que não manifestam sua grande conformidade por ter um mercado para o qual exportam quatro ou cinco mil empresas. Nossa percepção estava errada. Não tenho a menor dúvida em dizer isso. Com relação ao contencioso, só ocupa 5% da nossa pauta. Não fosse o contencioso, ao invés de US\$ 8 bilhões, nossas exportações seriam de US\$ 8,5 bilhões. Nada mais. Então nossa percepção tem que ser positiva.”

“No que se refere às mudanças no arranjo societário, posso citar alguns assuntos nos quais o Brasil foi mudando de posição, mas sempre tardiamente. Liste seis, três estão pendentes, três foram encaminhados: 1) institucionalização; 2) assimetrias; 3) fundos estruturais; 4) coordenação macro; 5) salvaguardas; 6) harmonização de incentivos e investimentos. Os três primeiros foram assuntos duros da negociação com a Argentina.”

“O Brasil não foi o principal responsável, mas resistiu galhardamente a começar a montar maior densidade institucio-

nal ao nosso arranjo do Mercosul. Os argumentos que tínhamos era que precisávamos de estruturas leves de coordenação, mas depois passamos cinco anos es-

“A desvalorização da moeda argentina deixou os produtos europeus muito caros e o Brasil entrou nesse vácuo”

crevendo sobre déficit institucional de Mercosul; déficit que ainda permanece.”

“O segundo aspecto onde também fomos muito reticentes foi no reconhecimento das assimetrias em relação aos países. Nosso arranjo com os países menores foi feito com base no consenso e como eram países muito pequenos em termos de PIB, de população, não exigia a contrapartida. Agora, finalmente, aceitamos negociar as assimetrias.”

“O outro tema foram fundos estruturais, o que não é fácil para o Brasil, onde o principal beneficiado será o Paraguai. Coordenação de políticas macros, salvaguardas e harmonização dos investimentos são os outros assuntos que não têm ainda nenhuma solução e que terão que ser enfrentados. Precisamos de alguns mecanismos para balizar nossos conflitos, desde que estes mecanismos respeitem certos princípios. Estamos vivendo um bom momento de nossas relações e talvez este seja a melhor hora para introduzir este assunto.”

Para o Professor Carlos Geraldo Langoni, a explicação sobre porque o arranjo institucional do Mercosul tem sido tão difícil de ser modificado reside nas crises internas que tornavam mais difíceis o consenso em relação a esses arranjos. “Para mim não é coincidência que estejamos avançando na arquitetura institucional do Mercosul, quando o Brasil e a Argentina voltam a crescer. É sem dúvida mais fácil discutir questões delicadas de natureza de modernização institucional em economias em expansão.”

A visão do Itamaraty


O Embaixador José Antonio Marcondes de Carvalho, Diretor do Departamento de Comércio Exterior, Diretor do Departamento de Relações Econômicas e Comerciais

O CAMINHO DA INTEGRAÇÃO SE FAZ COM IDÉIAS, CONCRETO E ASFALTO

O GRUPO
QUEIROZ GALVÃO SE
ORGULHA DE COLABORAR NA
CONSTRUÇÃO DO SONHO DE
INTEGRAÇÃO DE NOSSO CONTINENTE,
APROXIMANDO PESSOAS E
ESTIMULANDO O DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO.

M.C.C.O.

www.queirozgalvao.com

 **queiroz galvão**



Benedicto Fonseca Moreira, José Botafogo Gonçalves e Carlos Geraldo Langoni, acompanham a exposição do Embaixador Marcondes de Carvalho.

mento de Integração do Ministério das Relações Exteriores, trouxe para o debate a visão do Itamaraty sobre o Mercosul. Ressaltando o momento extremamente favorável que vive o bloco, em especial a Argentina e o Brasil, disse que é hora de se fazerem os ajustes necessários para o aprofundamento da integração.

“Antes de mais nada, é bom que se repita que vivemos hoje um momento político e econômico muito favorável para que se façam os ajustes necessários para o aprofundamento da integração do bloco, que não deve ser desperdiçado. Já tivemos momentos favoráveis que não foram aproveitados em sua totalidade. Alguém no passado disse que o Mercosul era refém de seu próprio êxito comercial, do incremento dos fluxos de comércio entre as zonas e, evidentemente, que um projeto de integração traz embutido um desvio de comércio. Agora, é necessário aprofundar a discussão e adotar instrumentos de políticas públicas que possam ir além de reduções tarifárias e regulação de comércio,

o que ainda não foi feito. Não podemos nos dar ao luxo de não aproveitar este momento altamente favorável e esta é a posição dos quatro governos integrantes do Mercosul.”

“A integração entre Brasil e Argentina não se dará através de textos, mas, sim, na prática”

“O segundo ponto que gostaria de levantar é que integração regional não se faz a partir de textos, de livro-texto. A integração é feita na prática, respondendo a circunstâncias específicas com soluções próprias. Não há como reproduzir situações externas num ambiente diferente.”

“O terceiro é o aspecto de integração do Mercosul. Temos decorridos 14 anos. Muito já foi feito, muito poderia ter sido feito, mas muito está sendo feito. Os tempos da integração, hoje, respondem a es-

tas circunstâncias políticas, econômicas e comerciais dos quatro Estados participantes.”

“O quarto ponto são os recentes avanços do Mercosul. O reconhecimento das assimetrias, que de uma certa forma já havia no passado, hoje passa a ser um elemento central dentro do Mercosul. Foi acionado em Assuncion em 2003 e, no segundo semestre desse mesmo ano, houve desenvolvimentos na área, em que foram concedidas vantagens específicas aos sócios menores, Paraguai e Uruguai. Em 2004 foi determinada a criação de um grupo para examinar os fundos estruturais e seis meses depois ficou definida a criação de um fundo de US\$ 100 milhões de dólares. É um início, um caminho promissor e estes fundos deverão conhecer um incremento e uma correção exatamente no sentido das assimetrias. No que diz respeito à questão da institucionalização do Mercosul, eu tenderia a concordar com a dificuldade da internacionalização de normas. Com relação aos mecanismos

de que dispomos hoje, não acredito que uma diminuta Secretaria Técnica tenha sido um fator impeditivo do avanço do Mercosul. Hoje temos um Tribunal Permanente de Revisão e, antes mesmo do Protocolo de Olivos, que criou este tribunal, já tínhamos um mecanismo de solução de controvérsias de muito anos, e que vinha representando e permitindo um mecanismo para a resolução de disputas entre Estados-partes. Deve-se também mencionar a decisão de criar um Parlamento do Mercosul, que será um parlamento por voto direto, o que é um aspecto político e institucional da maior importância.”

“Para concluir, quero mencionar dois outros aspectos: como foi dito no início deste trabalho, a relação de política externa entre Brasil e Argentina é uma relação de enorme centralidade. Esta relação é fundamental não só no seu aspecto político, mas também nos seus aspectos econômicos e comerciais. Hoje nós estamos trabalhando e tentando dar segmento a essa percepção da importância da Argentina como um sócio não estratégico em termos retóricos, mas fundamental para os nossos objetivos comuns.”

“Hoje, o grande desafio que se coloca é a busca de soluções. No grupo de trabalho coordenado com maestria pelo Ministro Marcio Fortes de Almeida, no qual eu tenho tido o privilégio de participar, tudo é discutido. Para este grupo não existem tabus, tudo se conversa, tudo se fala e, para tudo, são buscadas soluções. Soluções práticas, nem sempre tão rápidas, mas soluções.”

“Na questão das percepções, o grande desafio que temos consiste em encontrar respostas às necessidades de um projeto societário e da construção de um coletivo como o do Mercosul, que não pode ser percebido como tendencioso ou como desbalanceado para alguma das partes. Temos que ter capacidade de encontrar respostas a estas percepções de uma certa forma negativa para nosso país. Em Assunção, o Presidente Lula fez menção explícita à nossa percepção de que há um mal-estar no Mercosul e sobre este mal-estar, sobre as dificuldades dos sócios e sobre a construção de algo que seja per-



Embaixador Marcondes de Carvalho

“A relação entre Brasil e Argentina, na política externa, é de enorme centralidade”

cebido de forma positiva é o grande desafio que temos. É nisso que estamos envolvidos, em prol de um Mercosul que avance definitivamente para uma relação muito além de apenas ‘rebaixas tarifárias’ e com de políticas públicas comuns que permitam uma integração de fato.”

Rogério Fernando Lot, Gerente-Executivo de Comércio Exterior do Banco do Brasil, moderador do painel, começou concordando com a provocação feita pelo Professor Geraldo Langoni.

“O Professor Langoni começou este painel com uma provocação que eu considero oportuna. Estamos vendo alguns alinhamentos macroeconômicos muito grandes, vemos o arranjo institucional sendo formado e, como já foi dito aqui, estamos criando as condições de convergência, mas não estamos abandonando as questões institucionais.”

“Ricardo Markwald foi muito feliz ao falar pela primeira vez na questão das percepções. É incrível como nós reagimos tarde. É incrível como o Brasil re-

agiu tardiamente ao processo. Vou fazer um pouco minhas as suas palavras, ao dizer que quando se trabalha num banco a primeira coisa que se procura observar é o comportamento de seu cliente: se ele deixou de vender, se ele está concentrando vendas, se ele está tendo dificuldades. Este tem que ser o trabalho nosso do dia-a-dia. O Itamaraty colocou a posição oficial do Governo brasileiro de que sim, está observando, está atento e eu acho que este é o caminho. Vou finalizar corroborando com o Ministro Marcio Fortes quando ele usou um exemplo de que nas rodadas de negociação, nas comissões de monitoramento, as diferenças são colocadas mas, basicamente quando está olho no olho, o empresário quer é fazer negócio. Vou voltar a um ponto que eu não canso de falar: o vestibular da microempresa brasileira, quando ela quer exportar, é a Argentina. Tem a proximidade física, tem a proximidade de cultura, tem a proximidade inclusive de bens que ela pode consumir. Temos que crescer fazendo negócio, crescer olhando no olho e acho que o vestibular das empresas argentinas também é o Brasil, ou seja, elas têm interesse em exportar para cá. Então cabe a nós como pessoas que muitas vezes definem algumas condições, melhorar para que este vestibular seja cada vez mais fácil.”

Encerrando, o Professor Carlos Geraldo Langoni ressaltou o alto nível do painel e disse que, se pudesse resumir diria que não existe a crise do Mercosul, existem problemas de um processo de consolidação que ainda é muito jovem, dada a magnitude de seus objetivos. “Ficou muito claro que as duas maiores economias do bloco estão em processo de expansão. Esperamos que haja um crescimento sustentável e contínuo, com a inflação sob controle, com austeridade fiscal cada vez mais consolidada; que as condições para uma boa organização institucional do Mercosul surjam naturalmente; que as assimetrias sejam enfrentadas, em resumo este é um processo, na minha opinião absolutamente irreversível e esta é a mensagem deste painel.”

Receita para uma boa relação Brasil-Argentina

As relações comerciais entre Brasil e Argentina estão atravessando um momento paradoxal, na opinião do Professor Carlos Geraldo Langoni, Diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas – FGV e ex-Presidente do Banco Central. Se, por um lado, nunca houve, do ponto de vista macroeconômico, uma convergência maior do que a atual vivida pelos dois países – ambos produzindo superávits comerciais e correntes além de bons resultados na área fiscal – por outro, as relações nunca foram tão tensas. Para ele, o problema básico está no equilíbrio dos fluxos comerciais. Durante algum tempo eles foram deficitários para o Brasil; agora é desfavorável à Argentina.

“Ao contrário do Brasil, a Argentina cometeu um grave erro ao optar pelo câmbio fixo, o que tornou o seu produto muito caro. O setor privado parou de investir. Já a marca do setor privado brasileiro sempre foi, e continua sendo, a competição. O Brasil, quando avaliado apenas pela atuação de seu setor privado, é um dos países mais competitivos do mundo.” O ano de 2001 marca o início da estagnação dos investimentos argentinos. O professor Langoni não vê, a curto prazo, uma solução para a crise.

“O problema do Mercosul é de difícil solução, e apenas acordos de integração não vão resolvê-lo. O diferencial de competitividade e produtividade é muito alto, o que está transformando as relações do bloco difíceis para o Brasil, afirmou o professor da FGV, para quem o problema só se resolverá quando a Argentina se tornar mais eficiente. “A Argentina foi empurrada para um retrocesso, o que vai dificultar ainda mais a sua situação. No Brasil, o maior problema é o custo de capital, com taxas de juros muito elevadas, mas que tende a ser reduzido.”

“Do ponto de vista macroeconômico, as condições do Brasil e da Argentina nunca foram tão semelhantes. As duas economias cresceram de forma significativa, principalmente nos últimos dois anos. Os dois



O professor da FGV, Carlos Geraldo Langoni

“O setor privado da Argentina precisa recuperar a confiança em sua economia e voltar a investir”

países estão acumulando expressivos superávits nas suas balanças comerciais e também apresentando excedentes em conta corrente. Esta é a grande revolução macroeconômica da América Latina: crescimento com abertura na economia.”

Do ponto de vista da arquitetura macroeconômica, o ex-presidente do Banco Central aponta outras semelhanças:

“Os dois países eliminam as assimetrias cambiais e operam com regime de câmbio flutuante, não totalmente livre, mas razoavelmente flexível. O Brasil abandonou já há algum tempo a âncora cambial. A Argentina, depois da implosão traumática, abandonou o regime de conversibilidade, portanto, os argumentos macroeconômicos para distorções no Mercosul estão, hoje, na minha opinião, minimizados.”

O professor Carlos Geraldo Langoni admite que podem existir diferenças nas questões tributárias ou talvez um pouco na maneira de conduzir políticas monetárias.

Ele não acredita que elas, por si só, possam explicar as tensões que se acumularam nas relações entre os dois países, justamente quando eles experimentam uma recuperação econômica interessante.

“A questão macroeconômica, apesar de relevante, não tem a dimensão e não deve ser utilizada como justificativa para nossos problemas. Na gestão do Ministro Cavallo, a questão do real era a grande razão para as diferenças de competitividade entre Brasil e Argentina. Acho que o problema é mais complexo, e não está localizado no quadro do arranjo regulamentar do Mercosul, mas sim, nas crescentes diferenças de desempenho de produtividade entre os dois setores privados.”

Ele volta a insistir que o setor privado brasileiro, apesar de todas as dificuldades e das incertezas políticas e crises cambiais, nunca deixou de investir. Pode ter reduzido seu ritmo de investimento, mas realizou um processo notável de ajustamento e modernização que começa a dar frutos de forma visível. “O Brasil está produzindo nova e rica safra de empresas multinacionais que vão cada vez mais buscar inserção global, inclusive partindo para aquisições e fusões fora dos nossos limites geográficos. Isso, evidentemente, vai causar desconforto, principalmente em relação à Argentina.”

Essas diferenças de produtividade, segundo o professor Langoni, refletem uma postura do setor privado brasileiro de continuar apostando no país, investindo e modernizando-se. “As dificuldades que o setor privado argentino passou a enfrentar são resultado de uma arquitetura macroeconômica mal desenhada e distorcida, que foi o programa de conversibilidade, principalmente na sua segunda fase, que combinava câmbio fixo com déficit público crescente e acabou destruindo de forma traumática a confiança do setor privado na sua própria economia e limitando a sua capacidade de investimento. É esta confiança que precisa ser reconstruída para que a Argentina possa competir com o Brasil de forma mais equitativa.”

Um olhar coletivo para o Mercosul

Discussões realçam a necessidade de construir uma mentalidade regional mais acentuada

O clima foi de confraternização no encerramento do Seminário Bilateral de Comércio Exterior e Investimentos Brasil-Argentina. Na mesa, estavam João Augusto de Souza Lima, Presidente da FCCE; Juan Pablo Lohlé, Embaixador Plenipotenciário da Argentina no Brasil; Márcio Fortes de Almeida, Ministro de Estado, interino, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC; Carlos Geraldo Langoni, Diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas; Jorge Molina Arambarri, Cônsul-Geral da Argentina no Rio de Janeiro; Norberto Vidal, Cônsul-Geral da Argentina em São Paulo; Paulo Fernando Marcondes Ferraz, Primeiro Vice-Presidente da FCCE. Presidindo a sessão, José Botafogo Gonçalves, ex-Embaixador do Brasil na Argentina e Presidente do Centro Brasileiro de Relações Internacionais – CEBRI.



O diálogo entre os embaixadores José Botafogo Gonçalves e Juan Pablo Lohlé.

O Embaixador Botafogo começou de modo bem humorado a sua palestra: “Sinto-me como o oitavo marido de Liz Taylor, que não sabia como ser criativo e inovador na lua de mel. Temos aqui grandes especialistas em comércio exterior e, para estar à altura deles, encontrei uma fórmula: estou falando com a liberdade recém-conquistada de embaixador aposentado, dedicado a atividades acadêmicas e privadas com um grau de autonomia que até há pouco eu não tinha. Não que tivesse de defender idéias erradas, mas porque tinha de buscar disciplinas e palavras que não fossem mal interpretadas”.

Em seguida, o embaixador passou a desenvolver suas contribuições ao tema do Seminário, considerando significativo que, em cerca de dez anos de funcionamento prático do Mercosul, o bloco venha exercendo, dentro do possível, sua função de promotor do comércio e da integração. “É preciso levar em conta tam-

bém”, continuou, “que toda a parte não comercial do Mercosul está indo muito melhor do que se imagina. Na saúde, na educação, em atividades e políticas sociais, na defesa e cooperação entre forças armadas, o progresso é extraordinário em relação ao que se tinha antes. Não se fala muito disto. Comenta-se principalmente a guerra das geladeiras e dos eletrodomésticos. Somos maus administradores do nosso sucesso nas áreas não comerciais e econômicas.”

José Botafogo Gonçalves considera o Mercosul ainda refém da conjuntura econômica, gerando a impressão de que funciona mal: “as disparidades macroeconômicas respondem por vários destes problemas, talvez não com tanta intensidade, mas certamente influem. No campo político, também se podem identificar políticas não coincidentes ou ações que não levam necessariamente a uma distribuição equitativa dos benefícios do cresci-



Norberto Vidal, Cônsul-Geral da Argentina, em SP

“Toda a parte não comercial do Mercosul vai muito melhor do que se imagina”

mento para as indústrias brasileiras e argentinas. A economia brasileira é tão maior que é natural que os investimentos venham mais para o nosso país.”

Neste ponto, o embaixador sugere uma solução: “o problema não está em reduzir o fluxo de investimentos para o Brasil, para aumentar o que vai para a Argentina e o Uruguai. Na verdade todos nós precisamos receber e provocar investimentos. O importante é corrigir elementos distorcidos que fazem com que os investimentos para os três outros países do Mercosul não se realizem por razões removíveis e não pelo tamanho da economia brasileira, que, pelas suas dimensões, deve mesmo receber mais inversões.”

Entre estes efeitos que considera distorcidos e compartilhados pelos quatro países do Cone Sul, ele citou políticas fiscais e tributárias não coincidentes: “cada país administra sua política em seu território; ainda não estamos pensando em políticas no campo regional. Isto é uma falha cultural. Argentinos e brasileiros compartilham essa postura: pensamos exclusivamente em nossos próprios países e não nos dedicamos a construir um olhar regional.”

O Embaixador da Argentina no Brasil, Juan Pablo Lohlé, resumiu assim suas impressões sobre a fala do Embaixador



O Cônsul-Geral no Rio, Jorge Molina Arambarri.

Botafogo: “acabo de assistir a uma aula importante. O processo de integração entre nossos países vai desde as escolas em Buenos Aires, em que hoje os meninos estudam português. O mesmo acontece aqui no Brasil, onde se valoriza o espanhol. Isto ocorre também com o cinema, quando a

“A nossa integração deve começar na escola com lições de espanhol, no Brasil, e de português na Argentina”

gente vê nas salas de espetáculo argentinas o bom cinema brasileiro e, em telas brasileiras, o cinema argentino com um bom público. A fase cultural de integração vai dar oportunidade a que os produtos cheguem depois, com o caminho já aberto.”

Encerrando a sessão, o Presidente da FCCE, João Augusto de Souza Lima, agradeceu todas as contribuições apresentadas durante o seminário e registrou com ênfase “a qualidade e a atenção que recebemos da Câmara de Comércio Argentino-Brasileira no Rio de Janeiro, presidida por Jorge Mario Paredes, que nos possibilitou transformar este seminário num sucesso total.”

O Mercosul está vivo e atuante

José Botafogo Gonçalves, ex-Embaixador do Brasil na Argentina e atual Presidente do Centro Brasileiro de Estudos de Relações Internacionais (CEBRI), manifestou sua confiança nos rumos do Mercosul, ao encerrar o Seminário Bilateral de Comércio Exterior e Investimentos Brasil-Argentina. Segundo ele, o tamanho da economia brasileira não pode justificar as dificuldades circunstanciais e até naturais em processos de integração regional. “O Mercosul está exercendo sua função de promotor do comércio e da integração. O volume dos contenciosos é pequeno. Aos dez anos, o Mercosul não está doente ou moribundo. Pode não ter a saúde e a dimensão de um campeão olímpico, mas certamente está vivo e atuante.”

O embaixador acredita que a parte não comercial e econômica do Mercosul está indo muito melhor do que se imagina. Os países do bloco são maus administradores do sucesso não comercial e econômico do Mercosul. “Nos setores

de saúde, educação, atividades e políticas sociais, na área de defesa e cooperação entre forças armadas o progresso é extraordinário, se comparado com o período anterior a 1986. Só a guerra das geladeiras e dos eletrodomésticos é anunciada. Alguém disse que o Mercosul ainda é refém da conjuntura econômica. Isso é verdade e gera a impressão de que está funcionando mal.”

Em seu pronunciamento como presidente da sessão de encerramento questionou: “por que o Mercosul é refém da conjuntura?” Enumerou também possíveis causas: “as disparidades macroeconômicas respondem por vários destes problemas, talvez não com tanta intensidade, mas certamente influem. Nós identificamos também políticas não coincidentes e ações que não levam necessariamente a uma distribuição equitativa dos benefícios do crescimento para os setores industriais no Brasil e na Argentina.”

Ele considera natural que os investimentos internacionais se concentrem no Brasil, por conta do tamanho da economia brasileira. “O problema não está na redução do fluxo de investimentos para o Brasil e no aumento deste para a Argentina e o Uruguai. Este seria um jogo de soma zero totalmente ridículo. Na verdade, nós precisamos é provocar condições para receber investimentos muito maiores, corrigindo distorções que reduzem o fluxo de investimentos des-

“Ainda não pensamos sequer em políticas regionais. Isso é claramente uma falha cultural”

tinados à Argentina e ao Uruguai. Entre as distorções, temos algumas compartilhadas por todos nós, como as políticas fiscais e tributárias não coincidentes. Cada país ainda administra um tipo de política no seu território, sem pensar em administração regional. Isto é uma falha grande, não sei se institucional ou cultural. Eu diria que é mais cultural. Argentinos e brasileiros compartilham com grande competência o pensar exclusivo em seus próprios países. A falta de um olhar regional é um problema cultural que ainda não superamos.”

Outro elemento destacado pelo Embaixador foi a não interligação entre as estruturas logísticas, de transporte, comunicação e energia. No Brasil, por exemplo, há três três redes ferroviárias que não se comunicam até hoje. Ou seja, “nós mesmos não praticamos a integração dentro de nosso país.” Ele acredita que faltam também políticas de integração de estruturas. Podemos ter secretarias fortes, sede em Montevideu com até cinco mil funcionários, mas ela não funcionará se não tiver logística eficiente, comum a todos os países.”

“Tanto no Brasil quanto na Argentina criamos estruturas para exportar produtos diferentes. No Brasil, elas foram criadas para a exportação de produtos para a

sobremesa: café e açúcar. Na Argentina, o prato principal: carne e cereais. Até os nossos clientes eram diferentes. O Brasil fornecia mais para os Estados Unidos; a Argentina, para a Europa. Como nem os produtos nem os clientes eram iguais, as estruturas logísticas funcionavam separadas. Isto precisa ser superado, e acredito que será, devido aos investimentos programados em infra-estrutura no Brasil, por meio das PPPs e da ação do BNDES.”

O ex-Embaixador do Brasil na Argentina cita o último laço que amarra as trocas comerciais entre os países do Mercosul. Os países não se integram na definição de suas ambições comerciais. “O Brasil tem 180 milhões habitantes e a Argentina, 36 milhões. Se continuarmos a crescer tudo bem, mas nem os dois mercados juntos vão criar as condições para que a indústria e a cultura do bloco sejam competitivas em plano mundial. Os industriais, os agricultores, os donos de agrogócios, enfim todos que agregam valor, assim como todos os empresários privados devem tomar dianteira e dizer: vamos nos associar para produzir para o mundo todo. Isto, sim, teria enorme consequência na formulação de posições comuns nas negociações comerciais com a União Européia, a Alca e a Comunidade Andina. Isto implica, necessariamente, numa gradual abertura de mercado, porque ninguém consegue concessões apenas de um lado.”

O embaixador lembrou a discussão de uma revisão da Tarifa Externa Comum. “Eu acho isso imprescindível e não adianta perder tempo discutindo se o melhor é a União Aduaneira ou a Zona de Livre Comércio. São conceitos ultrapassados. Quando se fala que a Alca é uma Zona de Livre Comércio, portanto, menos ambiciosa que a União Aduaneira do Mercosul, estamos falando uma meia ver-

dade. A Alca é uma Zona de Livre Comércio, embora os compromissos que México, Canadá e EUA têm entre si são muito mais profundos dos que os que negociamos até hoje no Mercosul. Não existe o conceito de que o problema acabou ao eliminar barreiras tarifárias. Tem que haver políticas convergentes no campo da atração de investimentos, das garantias jurídicas, da solução de controvérsias. Este é o caminho a percorrer: reduzir as ambições nacionalistas, o que não é fácil, porque a América Latina se construiu com base em acirrado nacionalismo. Essas respostas, porém, não foram suficientes para criarmos uma tutela própria. Acho que este é o modelo: a vontade nacional sendo gradualmente substituída pela vontade regional. Podemos caminhar muito no estabelecimento de autoridades regionais específicas e setoriais e, com isto, ir construindo na prática o mercado que queremos. Vamos construir a realidade primeiro e só depois trazer a instituição. Esta é a fórmula que devemos adotar no Mercosul.”

“O Mercosul vem exercendo sua função de promotor do comércio e da integração”



Embaixador José Botafogo Gonçalves

FCCE: Ilustres protagonistas e um breve histórico

João Augusto de Souza Lima, Presidente da FCCE, conta um pouco da história da entidade, destaca seus protagonistas e revive tradições.

“Neste ano de 2005, a FCCE completa 55 anos de existência, já que foi fundada no mês de agosto de 1950 pelo empresário João Daudt de Oliveira, o mesmo que, quatro anos antes, fundara a Confederação Nacional de Comércio. Além de tradicional, portanto, a FCCE sempre esteve em muito boa companhia.

Sediada, inicialmente, nas mesmas instalações ocupadas pela Associação Comercial do Rio de Janeiro – ACERJ, talvez a única associação de classe que se pode dar o luxo de existir, desde o Primeiro Reinado, sendo, portanto, a mais antiga do gênero. A FCCE sempre deu o suporte internacional à ACRJ, principalmente em função de o seu presidente acumular, à época, também a presidência da Confederação das Associações Comerciais do Brasil, que reunia mais de mil Associações Comerciais Municipais espalhadas pelo Brasil.

Nesse mais de meio século de existência, a Federação das Câmaras de Comércio Exterior apresenta uma relação de dirigentes do mais alto gabarito, destacando-se o seu grande incentivador; o empresário que realmente deu dimensão nacional à FCCE, que é Ruy Barreto.

Tendo como “grandes beneméritos” as personalidades de Carl Fischer, General Edmundo de Macedo Soares e Silva, Paulo Ferraz, Lauritis Lachmann, João Correia da Costa e, em destaque, o eterno incentivador, Sylvio Piza Pedrosa, a FCCE ostenta hoje um Conselho Superior formado por quinze membros vitalícios, que dispensam qualquer tipo de apresentação. Eles representam o que há de mais importante e histórico dentro da atividade de comércio exterior no Brasil, em todas as áreas e, em todos os campos de atua-



João Augusto de Souza Lima dá continuidade à obra do saudoso João Daudt d'Oliveira

ção, privado ou público. São eles: Antônio Delfim Neto, Benedicto Fonseca Moreira, Bernardo Cabral, Ernane Galvêas, Giulite Coutinho, Gustavo Affonso Capanema, José Carlos Fragoso Pires, Laerte Setúbal Filho, Milton Cabral, Nilo Neme, Paulo D'Arrigo Vellinho, Paulo Pires do Rio, Paulo Tarso Flecha de Lima, Philippe Tasso de Saxe-Coburgo e Bragança e Theóphilo de Azeredo Santos.

É importante ressaltar que, durante todos estes anos de existência, a FCCE

sempre prestou seus serviços a todas as câmaras bilaterais, consulados estrangeiros e conselhos empresariais, de forma absolutamente gratuita!

Durante as duas últimas décadas, tendo em vista um convênio de cooperação firmado com Confederação Nacional de Comércio – CNC, que fornece o suporte necessário para a efetivação dos trabalhos da FCCE, o número de câmaras bilaterais associadas passou, de pouco mais de uma dezena, para mais de cem em todo o Brasil, sediando, inclusive, em suas instalações, câmaras bilaterais da importância de Brasil-Turquia, Brasil-Hungria, Brasil-Ucrânia, Brasil-Bielorússia, Brasil-México, Brasil-Aruba, Brasil-Grécia e outras.

O chocolate que vem do frio

Bariloche, a mais famosa estação de esportes de inverno da Argentina, é célebre também pelos chocolates que fabrica. Guloseima de ótimo sabor, apresentada em diferentes embalagens e cujo *design* elegante remete a uma estética artesanal, essas delícias, infelizmente, ainda são muito difíceis de encontrar no mercado brasileiro.

Um pouco de história

O chocolate é uma contribuição inteiramente americana à gastronomia mundial, embora, nos dias de hoje, digam-se maravilhas do produto que é elaborado em alguns países da Europa, como a Bélgica e a Suíça.

As origens dessa substância sólida, sensual e, para muitos, aditiva, têm raízes na pré-história do Novo Mundo e no misterioso reino dos índios Olmecas que viveram no coração da América Central equatorial e foram os primeiros a cultivar, quase ritualmente, há mais de três mil anos, o cacauero nas selvas tropicais do Sul de Veracruz e próximo ao Golfo do México.

No século IV antes de Cristo, quando os Olmecas já haviam desaparecido, os Maias passaram a habitar a mesma região e dispensaram à árvore as mesmas homenagens, considerando que seus frutos eram presentes que os deuses deram aos homens. Os Maias elaboraram uma bebida amarga, feita com as sementes do cacau e que só podia ser consumida pelos reis e pelos nobres ou, excepcionalmente, por todos os membros da tribo em determinados rituais sagrados.

Desde que se conseguiu separar a manteiga de cacau, a indústria, ainda artesanal, se encontrou diante do problema do que fazer com ela, pois tratava-se, realmente, de alguma coisa valiosa demais para ser desperdiçada. Algum fabricante de cacau – e há dúvidas e discussões a respeito de quem teria sido o primeiro – ocorreu a excelente ideia de misturar a manteiga a uma pasta feita à base de cacau umedecido e açúcar.



Imigrantes europeus começaram a fabricar chocolate em Bariloche, no início do século XX.



Os ovos de Páscoa gigantes fazem parte do delicioso estoque de chocolates.

O chocolate atravessou o oceano, a bordo das naus espanholas, e chegou ao Velho Mundo, onde fez a festa de milhares de ávidos consumidores. Em uma grande viagem de volta, surgiria, mais tarde, o chocolate que é feito em Bariloche.

À vista dos clientes

A tradição que envolve a fabricação desse acepipe no Sul da Argentina começou há mais de 50 anos, quando colônias de imigrantes europeus principiaram a se radicar na Patagônia Argentina. Muitos deles levaram consigo as antigas receitas e o tradicional modo de fabricar o chocolate, sob múltiplas formas. O clima e as características locais colaboraram para a rápida expansão do negócio da fabricação e da venda do saboroso produto, especialmente na tradicional e engenhosa forma de “chocolate em rama”.

Atualmente, existem mais de dez fábricas de chocolate artesanal com diferentes ingredientes, fórmulas de preparo e particularidades de cor e forma: brancos, ao leite, confeitados, recheados, ou na tradicionalíssima barra escura tão gostosa. Essas fábricas começaram a funcionar como pequenos empreendimentos artesanais e, com o correr do tempo, foram se convertendo em grandes e importantes empresas. Uma delas é a “Fábrica Ferroglio”, que se pode visitar para co-

nhecer o interessante processo de fabricação. Podemos citar também “Bariloche”, “La Abuela Goyé”, “Chocolate del Turista”, ou “Mamuscka”, todas também abertas à visitação de seus gulosos clientes.

Atualmente, os produtos derivados do chocolate e as *delicatessen* em geral produzidos na região de São Carlos de Bariloche são mundialmente reconhecidos por sua qualidade e ampla variedade. Já conquistaram um mercado exigente e que se renova constantemente, graças ao constante fluxo turístico.

Uma boa notícia é a de que já se encontra em desenvolvimento o estabelecimento de uma franquia que terá sua primeira casa na cidade do Rio de Janeiro e fornecerá aos cariocas uma diversificada amostragem dessa especialidade que vem do Sul do continente.



Além de gostosos, os chocolates que são fabricados na estação de inverno de San Carlos de Bariloche têm belíssimas embalagens, que muito os valorizam.



Embaixador Juan Pablo Lohlé

Brasil é o principal parceiro da Argentina

Comércio entre os dois países é de aproximadamente US\$ 15 bilhões, afirma o embaixador

O Brasil é o principal parceiro comercial da Argentina, de acordo com o Embaixador Juan Pablo Lohlé. Segundo ele, há uma intensa troca comercial entre os dois países. “Nós somos um grande vendedor para o Brasil e também um grande comprador de produtos brasileiros. A Argentina é, atualmente, o segundo mercado do Brasil no exterior. O nosso relacionamento comercial é muito intenso, algo em torno de US\$ 15 bilhões por ano, o que faz do Brasil o principal parceiro da Argentina”.

As declarações do Embaixador Plenipotenciário da Argentina no Brasil dão bem a medida da importância do comércio entre os dois países. O Embaixador Lohlé informa ainda que, na composição de co-

“Possibilidade de exportar software é muito grande”

mércio bilateral entre os dois países, o setor automobilístico sempre ocupou uma posição de relevância, mas agora está necessitando de um certo equilíbrio: “o acordo automobilístico vigorou durante muito tempo. Agora, é preciso equilibrar o comércio nesta área. Hoje, por exemplo, compramos carros pequenos do Brasil, mas os veículos grandes fabricados na Argentina não tiveram muita saída para o mercado brasileiro.”

Alguns especialistas consideram que o comércio entre brasileiros e argentinos tem sido favorecido historicamente pelo baixo custo do frete. Na prática, o custo do frete

de produtos do Brasil para a Argentina, e vice-versa, é muito menor do que o de transporte de mercadorias para países da Europa ou mesmo para países asiáticos. O Embaixador Juan Pablo Lohlé acredita que o custo do transporte influencia o volume de negócios entre os dois países, mas não é o único elemento importante na formação do preço da mercadoria. “Em alguns casos, como os do Brasil e Argentina, desenvolvem-se situações bastante específicas. Por exemplo, tanto a Argentina quanto o Brasil são grandes produtores de soja, mas o fato em si não faz os dois países comercializarem soja apenas entre si, independente de o preço do frete ser mais barato. Em casos como este, é preciso que os dois países estabeleçam uma ação conjunta para ganhar mercado para os produtos, e um dos nichos deste mercado está justamente nos países asiáticos.”



O Embaixador Lohlé e o Professor Carlos Langoni confraternizam durante o Seminário.



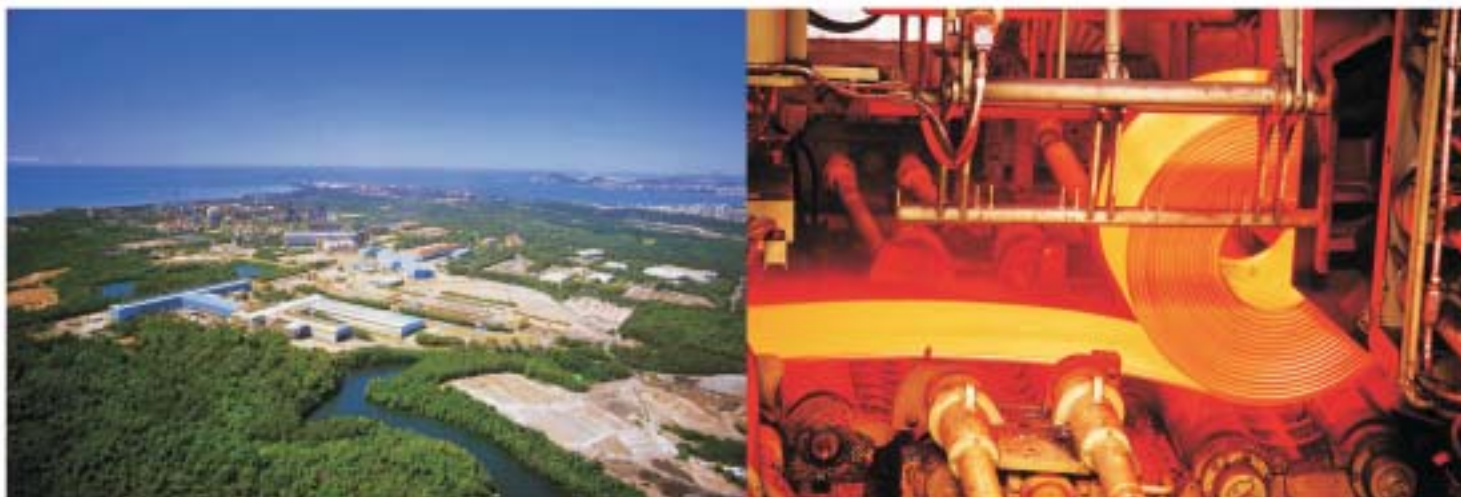
“Setor automobilístico é muito forte no comércio bilateral”

O embaixador considera, ainda, que há problemas específicos de fluxo comercial, a exemplo de questões em torno da linha branca, mas eles estão sendo resolvidos um a um: “temos uma comissão de monitoramento do nosso intercâmbio comercial bilateral. Os representantes das empresas dos dois países conversam, ponderam, emitem suas posições e acabam chegando a algum acordo. Faz parte do jogo.”

O Embaixador Lohlé acredita que, apesar do fluxo comercial intenso, ainda existe espaço para ampliar o comércio bilateral. Segundo ele, há oportunidade de ampliar as vendas na área tecnológica, pois “somos competitivos em *software* e podemos até mesmo exportar para os países emergentes. É bom lembrar, ainda, que somos competitivos em produtos vinculados à agroindústria e, neste setor, há muito a ser feito”.

Na parceria falta, portanto, uma maior união entre os dois países. “Separados, como acontece no futebol, somos mais fracos”, diz o embaixador. “Insistir em atuar isolado na área comercial é um erro. Podemos estar juntos no maior número de setores possível, sem que isso impeça que haja divergências. Não existem parcerias sem controvérsias. As dificuldades devem ser levadas para a mesa de negociação. Há temas controversos, mas o clima dessas conversas tem se mantido em alto nível.”

CST. FAZER O MELHOR É A NOSSA IDENTIDADE.



Com um moderno Laminador de Tiras a Quente, a CST tem propiciado ao mercado o acesso a um semi-acabado de aço de elevada qualidade a custos altamente competitivos. As bobinas a quente produzidas atendem às mais rigorosas exigências dos clientes, considerando suas diversas especificações, segundo a filosofia de complementaridade de negócios praticada pela CST. São aços para aplicações nobres na indústria automotiva, de embalagens, de eletrodomésticos e eletroeletrônicos e em vários outros importantes segmentos industriais. Apropriados, também, para a fabricação de tubos de grande diâmetro para a indústria do petróleo. Bobinas a quente da CST. Sinônimo de qualidade e competitividade.



A RIQUEZA QUE GERAMOS LEGITIMA NOSSO LUCRO. VALORES ECONÔMICOS CONJUGAM-SE COM VALORES HUMANOS E CULTURAIS. A BORDO DE UMA INTERAÇÃO ENTRE HOMEM, NEGÓCIO E NATUREZA QUE TEM A SUSTENTABILIDADE COMO MOLDURA.

ACESSE NOSSO SITE WWW.CST.COM.BR

“Unidos, poderemos ser imbatíveis, como no futebol”

Dante Sica é um velho conhecido dos brasileiros que atuam na área de comércio exterior. Ele foi Secretário de Indústria, Comércio e Mineração da República da Argentina e, atualmente, é presidente do Centro de Estudos Bonaerense – CEB. Ele tem discordado muitas vezes das posições brasileiras, mas mantém um respeito e um entendimento amplo de sua área que ajuda a chegar às soluções na mesa de negociações. Dante Sica defende a idéia de que os dois países são complementares e podem ampliar seus mercados ao redor do mundo se trabalharem juntos.



Dante Sica: “Brasil e Argentina são países complementares e devem seguir juntos.”

Qual a situação do comércio exterior do Brasil com a Argentina hoje?

DS – Tivemos algumas anomalias, mas no momento estamos recuperando os nossos níveis de comércio e a tendência é continuar assim, na medida em que se dê a revalorização da Argentina.

Antes, comprávamos muito do resto do mundo, agora compramos mais do Brasil. As importações argentinas estão crescendo mais do que as nossas exportações para o Brasil. Isto é visto como um desvio de comércio.

Nos últimos dois anos, nosso comércio com o Brasil tem crescido bastante e, por isso, algumas vezes acontece algum

“Nosso comércio com o Brasil tem crescido bastante e, por isso, algumas vezes acontecem distúrbios entre os dois países”

tipo de distúrbio nas relações entre os dois países. Isto é compreensível, pois se não houvesse conflitos não haveria comércio. Estes distúrbios ocorrem por causa do peso da nossa relação com o Brasil e costumam surgir em função de problemas estruturais. Temos discutido estas questões e entendemos que, hoje, é preciso fazer um trabalho muito maior de regula-

ção do comércio para conseguirmos um maior equilíbrio.

Em quais setores acontecem estes conflitos? O senhor citaria a linha branca (refrigeradores, fogões e máquinas de lavar)?

DS – Quando se discute por setor vê-se que são apenas três ou quatro nos quais costumam ocorrer algum desentendimento. Existem divergências comerciais, por exemplo, em linha branca, há alguns problemas em têxteis, em frangos e também em porcos.

Dentro da grande diversidade e da magnitude que caracterizam o nosso co-

mércio isto significa muito pouco. Quase sempre elas se dão porque, naquela área, a indústria brasileira atua em grande escala e na Argentina são pequenas indústrias com produção limitada e, que, algumas vezes, se sentem prejudicadas. As divergências em níveis estruturais nos diferentes setores têm sido colocadas na mesa e resolvidas.

O que as empresas e os representantes dos governos dos dois países estão concluindo é que se trabalha melhor na complementaridade. Seguindo juntos, Argentina e Brasil podem conquistar mercados no resto do mundo.

“Os conflitos são até pequenos para o tamanho do nosso comércio”

Para resolver os problemas específicos é necessário tratar cada um como uma realidade diferente ou há uma linha comum para todos os conflitos que eventualmente surgem?

DS – É preciso trabalhar em conjunto, mas entendendo que cada setor e cada produto costuma apresentar uma problemática bastante diferente. Não há uma norma comum para todos os setores. Cada produto em particular merece um programa específico de atuação.

O senhor é presidente de um centro de estudos em Buenos Aires. O senhor acha que só os bens materiais são importantes no comércio entre os dois países ou aqueles, gerados pela cultura, como a música, a literatura, etc, também são significativos em termos de trocas mútuas?

DS – O Mercosul é, sem dúvida, muito mais do que uma integração comercial. Ele é também uma integração política e cultural entre quatro países que têm realidades específicas e diferenças que geram, algumas vezes, divergências e setores conflituosos. Na medida em que vamos desmantelando as situações problemáti-

cas, estamos criando condições de conseguir uma maior abertura nas estruturas culturais com mais comunicação do que as outras.

O Mercosul é uma entidade na qual a integração política, cultural, científica e até esportiva desempenha um papel muito grande e importante e que tende a crescer ainda mais dentro do panorama atual da América Latina.

E isto se pode sentir até mesmo no futebol no qual a nossa rivalidade é histórica?

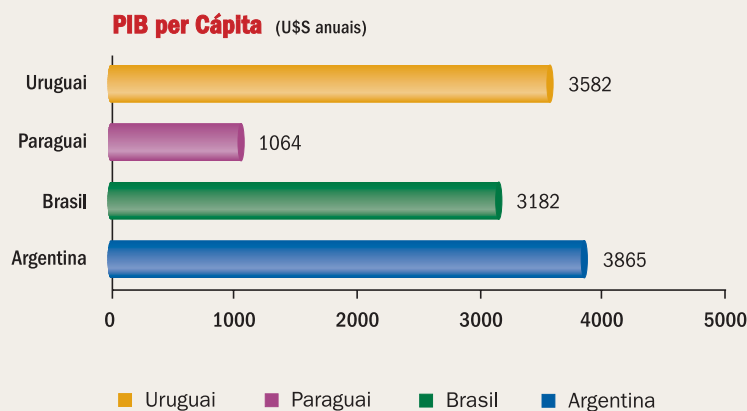
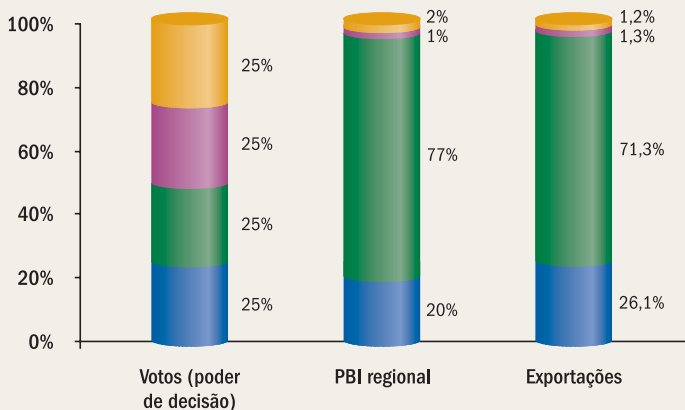
DS – Temos de pensar que se juntarmos os campeonatos mundiais conquistados pelo Brasil (cinco), pela Argentina (dois) e pelo Uruguai (dois) vamos chegar à conclusão de que somos imbatíveis em termos de futebol. Porque não fazer o mesmo com o comércio?



Dante Sica e Marcio Fortes de Almeida.

As características dos quatro sócios do Mercosul

As desigualdades dentro do Mercosul não puderam ser atenuadas ao longo do processo de integração



Fonte: ABCECB.COM

“Mesdames, messieurs, faites vos jeux!”

Mar del Plata tem excelente infra-estrutura turística e o maior cassino do mundo



Inspirado nos palácios rurais franceses do século XVII, o Cassino Central, em Mar del Plata é um dos maiores e mais belos do mundo.

A beira do Oceano Atlântico, distante cerca de 400 quilômetros de Buenos Aires, capital do país, Mar del Plata é um dos principais centros turísticos da Argentina. Conhecida como a “Pérola do Atlântico” ou a “Biarritz Argentina”, a cidade tem cerca de 600 mil habitantes, mas recebe entre quatro e seis milhões de visitantes durante as temporadas de verão, o que multiplica por dez a sua população estável.

Mar Del Plata tem excelente infra-estrutura turística e oferece, além da possibilidade de bons banhos de mar, o prazer do jogo em seu Cassino Central, o maior do mundo. Sempre cheio, o cassino movimentada, diariamente, uma grande quantidade de dinheiro, sendo que parte de seus lucros é transferido, pelo governo, para a melhoria do bem-estar da população argentina.

Estilo francês

Um dos principais símbolos da cidade, o Cassino Central foi construído entre 1938 e 1940 por iniciativa do governo provincial de Buenos Aires. Desenhado pelo arquiteto Alejandro Bustillo, o cassino foi inspirado nos palácios rurais fran-

ceses do século XVII, daí abrigar o imenso Teatro Auditorium, concebido como um local para festejos e eventos diversificados que mobilizem grande público, como os que acontecem em torno do mundialmente célebre Festival Internacional de Cinema de Mar Del Plata. Um grande hotel, um edifício, amplas praças para estacionamento de veículos e uma ampla avenida também integram esse complexo destinado ao lazer.

O grande palácio está aberto e em funcionamento, todos os dias – inclusive durante a Semana Santa – de 8h da manhã às 2h da madrugada. Para jogar na roleta, a aposta mínima é de US\$2. Já nas máquinas de caça-níqueis, o público pode jogar com moedas correntes de 25 centavos ou com fichas de valor equivalente a US\$1 (cor dourada) ou US\$5 (cor prateada). As duas podem ser adquiridas no próprio cassino. A entrada é grátis na sala comum, onde estão localizadas as máquinas caça-níqueis.

O cassino tem horários especiais de visitação para quem quer apenas conhecer as suas luxuosas instalações. Oferece visitas guiadas de domingo à quinta-feira, no horário da tarde, quando o movimento é menor. Outra atração que desperta o

interesse de muitos visitantes são os espetáculos artísticos, de diversos estilos teatrais e musicais, que se realizam todas as noites.

Especificamente para jogar, o cassino tem três salas: uma sala comum; uma outra, intermediária – para apostas superiores a um determinado valor – e mais uma, especial e reservada a grandes apostas. O acesso se dá com a obtenção de um cartão-convite, que se pode conseguir no *estande* de cerimonial do cassino. Os abastados apostadores habituais da sala especial, se desejarem, ganham um cartão personalizado, que os habilitará a frequentar o recinto, sem trâmites prévios.

Apostas on line

No Cassino não é permitido a entrada de menores ou de pessoas com roupas rasgadas, camisetas regatas, alpercatas ou chinelos. Os homens não podem usar calção ou traje de banho. É permitido o uso de bermudas até à altura dos joelhos.

Para jogar na roleta, a aposta mínima é de US\$5 e a máxima, de US\$20; no Ponto e Banca, US\$20, no mínimo e US\$800, no máximo; já as apostas do Black Jack variam de US\$20 a US\$600.



O governo argentino destina parte dos recursos obtidos no jogo às políticas sociais, através do Ministério do Desenvolvimento Social e Meio Ambiente.



Não é preciso ir ao cassino para jogar; pode-se fazer apostas através de um sistema *on-line*, que funciona de modo interativo, em tempo real.

Constantemente preocupada com a modernização de seus serviços, a Loteria Nacional implementou, desde 1994, um sistema *on line* para a captação de apostas, cujos terminais se distribuem pela cidade de Mar Del Plata e se conectam a um sistema de computadores centrais por meio de uma rede de comunicação funcionando de modo interativo e em tempo real.

Os interessados podem fazer suas apostas em qualquer terminal, que imprimirá, então, um tíquete, como prova da transação. No tíquete estarão registrados todos os dados relativos à aposta, desde o horário de sua execução até à identificação da agência em que foi realizada, além de um número de série único, em código de barras, que será reconhecido pelos computadores centrais.

Os jogadores argentinos, compulsivos ou ocasionais, não experimentam qualquer sentimento de culpa ao procurarem as mesas do grande cassino. Pelo contrário, têm a convicção de que estão contribuindo para o progresso e o desenvolvimento da nação, por meio do jogo: é que, desde 1944, o governo argentino tomou a seu cargo a administração e a exploração dos cassinos do país, executada, atualmen-



te, pela Loteria Nacional Sociedade do Estado da República Argentina, existente, sob diversas denominações e competências, desde 1893. Dispositivos legais determinam que os benefícios derivados do jogo sejam revertidos para a sociedade, sendo o

maior beneficiário o Ministério do Desenvolvimento Social e Meio Ambiente, encarregado da implementação de políticas sociais que se traduzem em planos, programas e projetos para melhorar a qualidade de vida da população argentina.

Salvaguardas são incompatíveis com o processo de integração

JORGE MARIO PAREDES

O empresário Jorge Mario Paredes, Presidente da Câmara de Comércio Argentino-Brasileira do Rio de Janeiro, faz uma veemente profissão de fé no livre comércio e no futuro promissor do bloco econômico que integra as mais importantes nações do Cone Sul.

“Retroceder, jamais!”

“Não acreditamos que seja viável ampliar o Mercosul aplicando-se salvaguardas para este ou aquele produto. Devemos lembrar que na última cúpula do bloco, realizada em Ouro Preto, Minas Gerais, o Brasil, juntamente com os demais sócios, reconheceu formalmente que as salvaguardas não constituem um caminho compatível com o processo de integração em pleno andamento.

Em nossa opinião, é extremamente importante que nos concentremos na ampliação do Mercosul, evitando a sistemática do uso das salvaguardas aplicadas aos produtos de exportação e perseverando na prática de preços internacionalmente competitivos e aceitáveis, caso a caso, pouco importando a eventual lucratividade sazonal de um ou outro segmento exportador.

Se fossem convencionalmente admitidas Medidas Provisórias, a exemplo das de salvaguardas, o Mercosul recuaria até dezembro de 1994, desprezando 11 anos de experiência do processo de integração regional. Mais grave ainda seria se um dos países do bloco as adotasse isoladamente, porque não se trataria apenas de um ato



Jorge Mario Paredes: “Queremos mais união e menos controvérsias!”

de ilegalidade, mas de um atentado contra a sensibilidade do comércio sul-americano.

É absolutamente necessário combater, fervorosamente, a prática do *dumping* ou de procedimentos similares, respeitando-se, contudo, a adoção de sobretaxas internas dos países membros, autônomas e soberanas, sem confundi-las. Como os preços praticados são internacionais, a sobretaxa diminui a lucratividade do exportador, não interferindo, em hipótese alguma, no preço pago pelo importador.

Vamos fornecer apenas um exemplo: quando o governo argentino cria uma sobretaxa para as exportações da farinha de trigo, ele só onera o exportador, em maior ou menor escala.

Queremos e precisamos de mais Mercosul!

Queremos e precisamos de um MERCOSUL que transcenda os aspectos me-

ramente econômicos e alcance o nível da integração cultural entre os diferentes países. Um Mercosul que chegue a contaminar todo o nosso continente, até hoje tão dividido em trincheiras quase intransponíveis...

Queremos mais filmes brasileiros nos cinemas argentinos e vice-versa. Queremos que as crianças dos dois países compreendam e falem muito bem tanto o português quanto o espanhol!

Queremos mais união e menos controvérsias!

Não há dúvida de que os benefícios imediatos são muito importantes, mas é o interesse comum a todos que traz em seu bojo a grande maioria das vantagens individuais.

Devemos ir para a frente, para longe, sem nunca perder de vista, devido a interesses mesquinhos e instantâneos, a grandiosidade do projeto em que estamos todos envolvidos - argentinos, brasileiros, uruguaios e paraguaios.”



Pestana Buenos Aires

Bem-vindo, Pestana Buenos Aires.

A rede Pestana Hotels & Resorts acaba de desembarcar na Argentina. Um moderno hotel 4 estrelas superior, com uma localização fantástica e total infra-estrutura. Na Avenida 9 de Julho, junto ao centro financeiro e em frente ao famoso Teatro Colón. Agora, a sua viagem à Argentina vai ter todo o conforto e a qualidade da rede Pestana.

www.pestana.com

ARGENTINA



Pestana
HOTELS & RESORTS
Um momento memorável

Pestana Buenos Aires
★★★★
HOTEL
BUENOS AIRES - ARGENTINA

Carlos Pellegrini, 877 - Buenos Aires, Argentina. Tel. 54 11 5239-1000 reservas@pestanabuenosaires.com
Central de Reservas Brasil - Toll Free 0800-266332 - reservas@pestanahotels.com.br - Consulte seu agente de viagens.
Pestana Rio Atlantica - Pestana Angra - Pestana São Paulo - Pestana Curitiba - Pestana Bahia - Pestana Natal

Encanto pela nossa informalidade carioca

O Cônsul-Geral da Argentina no Rio de Janeiro está encantado com a informalidade do carioca, desde que começou a servir na cidade. Ele considera um prazer trabalhar para seu país no Rio. Ao fim do Seminário Bilateral de Comércio Exterior e Investimentos Brasil-Argentina, o Cônsul argentino no Rio, Jorge Molina Arambarri, concedeu esta entrevista na qual aborda aspectos culturais dos dois países, as afinidades entre cariocas e portenhos e as perspectivas futuras do Mercosul.

A rivalidade entre Brasil e Argentina alguma vez teve influência negativa ou gerou algum desconforto em sua atividade diplomática em nosso país?

JMA – Claro que não. Eu e minha família sempre fomos bem tratados pela população carioca. Os visitantes argentinos que chegam por aqui recebem sempre o carinho e a afetividade da população do Rio de Janeiro. Considero essa rivalidade natural e, de certa forma, até estimulante para o desenvolvimento dos dois países. Ela não diminui a amizade entre os dois povos, que prevalece até mesmo quando as disputas envolvem um assunto da maior importância para as duas culturas, como é o caso do futebol.

O “à vontade” dos cariocas não desagrada os argentinos que vivem aqui ou vêm nos visitar e não dá saudades

do formalismo europeu que é cultivado às margens do Rio da Prata?

JMA – Acredito que o modo informal de vida do Rio de Janeiro seja exatamente o que nós, argentinos, mais apreciamos em nossas constantes visitas ou em estadias mais prolongadas. Essa informalidade, que se expressa no andar, no vestir, no falar, no amor à música e à dança, no culto à vida ao ar livre e em tantas outras facetas da personalidade dos cariocas, nos encanta a todos. Tendo trabalhado em países que levam ao extremo os rigores do protocolo diplomático considero um privilégio servir aqui, onde a vida é levada com bom humor e o mínimo necessário de cerimônia e afetação.

Os desencontros e as contestações ocorridas entre Brasil e Argentina no Mercosul ameaçam de alguma forma a continuidade do bloco?

JMA – De maneira alguma. O processo de aperfeiçoamento das relações econômicas e comerciais entre os dois países traz, de vez em quando, dificuldades para um e outro lado. Nada, entretanto, que não possa ser resolvido no âmbito da diplomacia, nas mesas de negociações tão frequentes em nosso relacionamento e, onde, muitas vezes, ocorrem disputas duras e demoradas mas sempre amistosas. O Mercosul é uma realidade irreversível, um bloco econômico que só tende a crescer e a trazer cada vez mais benefícios aos países envolvidos e, diria mesmo, ao comércio mundial. Ajustes, contudo, haverá sempre. É preciso ter paciência para chegar a uma conciliação entre os interesses de cada parceiro. Não nos esqueçamos do exemplo que vem do Velho Continente: a União Européia, cujo sucesso é indiscutível, resultou de um longo processo de acordos, com muitas idas e vindas. Muitos de seus integrantes, apesar de parceiros e amigos, mantêm intacta a antiga rivalidade, como é o caso da França e da Inglaterra.



Cônsul Arrambarri: a alegria de servir no Rio.

Em sua opinião, qual é a importância do Seminário Bilateral de Comércio Exterior e Investimentos Brasil-Argentina para o aperfeiçoamento das relações comerciais entre os dois países?

JMA – É uma iniciativa importante, porque aproxima os negociadores e os faz trabalhar com os olhos nos olhos, o que é sempre muito importante para o estabelecimento de relações de qualquer gênero. Outro ponto muito favorável é que um encontro como esse coloca diante de nós, de um modo absolutamente objetivo, a realidade do comércio entre os dois países, com suas cifras, seus dados, suas especificidades. Essa realidade é vista com o auxílio de números, gráficos e planilhas, ou seja cientificamente, sem entraves emocionais ou exageros nacionalistas de parte a parte. Ela pode, assim, ser aperfeiçoada por meio de estudos que visem a seu aprofundamento e por meio da adoção de medidas que possam gerar, por parte da iniciativa privada e dos respectivos governos, disposições novas e criativas para o incremento e dinamização do comércio bilateral. Agindo assim, trabalha-se para que, gradativamente, desapareçam as barreiras e aprimore-se o entendimento mútuo, em um clima de diálogo franco e honesto, como sempre ocorreu no campo das nossas relações.

“É preciso dar maior visibilidade ao Mercosul”

É normal que os problemas surjam à medida que as negociações avançam; é preciso técnica e habilidade para não contaminar a relação política

O Embaixador José Eduardo Felício, Subsecretário Geral para a América do Sul do Ministério de Relações Exteriores – MRE, é um exímio e experimentado negociador, por isso é sempre chamado para atuar em situações de crise, a exemplo da ocorrida no Equador e da que ainda ocorre no Haiti. Em tempos de paz, o trabalho também exige muita diplomacia, por conta de negociações relativas ao comércio bilateral com alguns países, discussões sobre o Mercosul, União Européia e a Alca. Atualmente, uma das mais relevantes ações da Subsecretaria Geral para a América do Sul são as negociações comerciais com o Mercosul, em especial com a Argentina.

“Este ano celebramos 20 anos da Declaração de Foz de Iguazu, assinada em 1985 pelo presidente José Sarney. Essa Declaração serviu como o início da



Embaixador José Eduardo Felício, um exímio negociador nos pleitos do Mercosul.

“É preciso facilitar a vida das pessoas que vivem em cidades de fronteira.”

integração Brasil-Argentina, marco inicial do Mercosul. Na ocasião, diziam que Brasil e Argentina trabalhavam em programas nucleares que levariam ao domínio da bomba atômica. Com a Declaração ficou estabelecido um desbloqueio importante

na área militar, considerada estratégica, com a promoção de visitas às instalações nucleares de ambos os países.”

O Embaixador considera importante celebrar o desbloqueio de 1985, procurando novamente solidificar os contatos com setores de ponta na área de informática, da pesquisa espacial e TV digital da Argentina. “Vamos conversar com setores importantes para que se possa dar seguimento a esta relação com a Argen-



O Embaixador José Eduardo Felício e o Professor Theóphilo de Azeredo Santos.

tina. Esta será a forma de celebrar aqueles acordos históricos assinados pelos ex-presidentes José Sarney e Raúl Alfonsín.”

Para o Embaixador, este seminário bilateral trará grande contribuição na área comercial, pois aproxima os negociadores, favorece a troca de idéias e permite conhecer os problemas que afligem os dois países.

“É natural que numa negociação comercial intensa como essa com a Argentina quanto mais se avance mais surjam problemas. É preciso resolvê-los de forma cordial e técnica, para não contaminar a relação política entre os dois países. Este seminário será útil para enfatizar que a relação comercial entre Brasil e Argentina é uma relação com problemas, mas é também uma relação muito boa. O próprio Ministro Interino do MDIC (hoje Ministro das Cidades), Márcio Fortes de Almeida, disse que os empresários têm se entendido e ajudado os governos a limpar a agenda dos problemas que ocorrem a cada momento.”

“Este seminário vai mostrar que a relação comercial entre Brasil e Argentina tem problemas, mas é muito boa.”

Em negociação bilateral, no entanto, para cada problema resolvido surgem outros.

“Os produtores de arroz brasileiros estão reclamando da importação do arroz argentino. Os produtores, tanto brasileiros quanto argentinos, também estão reclamando da entrada no Brasil de vinho argentino de qualidade inferior. São problemas que têm que ser enfrentados com naturalidade, encaminhados de forma técnica e isentos de qualquer tipo de emoção.”

Uma das maiores deficiências do Mercosul é um desafio a ser enfrentado, na opinião do Embaixador José Eduardo Felício, é a falta de visibilidade dos acordos para o cidadão comum, seja ele brasileiro ou argentino: “temos que fazer as vanta-

gens do Mercosul chegar ao conhecimento do povo”.

O Embaixador acredita que o Brasil pode conquistar a visibilidade da integração por meio da cultura ou do turismo. “Qual é o viajante que não se sente bem, ao chegar, por exemplo, no Aeroporto Internacional de Buenos Aires e ser tratado de forma especial?”, questiona ele, acrescentando que dá prazer não ter que passar pela fila destinadas aos estrangeiros. “Esta é uma forma positiva de dar visibilidade a um determinado acordo. Estamos trabalhando junto ao Itamaraty para facilitar a vida das comunidades de fronteira. Em muitas cidades, a linha divisória da fronteira é apenas uma rua. Uruguaiana é um exemplo típico; ninguém sabe bem se está na Argentina ou no Brasil. As cidades se confundem. O que nós queremos é que essas pessoas tenham o cotidiano facilitado: possam matricular seus filhos em escolas localizadas em qualquer lado da fronteira; possam consultar médicos e fazer tratamentos em qualquer uma das cidades; tenham um documento de identidade que permita passar de um lado para o outro sem estar sendo chateada a toda hora; e que nessas cidades a fiscalização tributária, alfandegária se dê fora do perímetro urbano, para não perturbar a vida dos moradores. Já fizemos essa tentativa sem muito êxito. Isso também daria maior visibilidade à integração.”

“Ainda temos muito trabalho pela frente. O governo está aprimorando esta integração com todos os países da América do Sul, por meio do financiamento de estradas no Peru e na Bolívia, por exemplo. Está havendo, ainda, uma integração na infraestrutura que vai favorecer o movimento das pessoas, do comércio e vai trazer mais progresso para todos os países da América do Sul. Os problemas que vivemos hoje com a Argentina vão se repetir à medida que as negociações com os demais países forem avançando. As dificuldades com a Argentina são uma espécie de laboratório, pois estamos lidando com um país de grande densidade comercial. A partir desta experiência, vamos resolver de forma mais efetiva os problemas que ainda vão surgir com todos os nossos vizinhos.”



FCCE

Seminários Bilaterais de Comércio Exterior e Investimentos

Calendário 2005

| | | |
|-----------------------|--------------------|---|
| 04 de abril | PORTUGAL |  |
| 12 de maio | MARROCOS |  |
| 30 de maio | BÉLGICA/LUXEMBURGO |  |
| 27 de junho | SUÍÇA |  |
| 11 de julho | ARGENTINA |  |
| 01 de agosto | VENEZUELA |  |
| 29 de agosto | MÉXICO |  |
| 03 de outubro | CHILE |  |
| 07 de novembro | ITÁLIA |  |
| 21 de novembro | HOLANDA |  |
| 28 de novembro | POLÔNIA |  |
| 12 de dezembro | CANADÁ |  |

ORDEM E PROGRESSO

Argentina Principais Produtos

Fonte: SISCOMEX

| Seq. | NCM | Descrição |
|--|----------|---|
| TOTAL GERAL | | |
| TOTAL DOS PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS | | |
| 1 | 87032310 | AUTOMÓVEIS C/ MOTOR EXPLOSÃO, 1500 < CM3 <= 3000, ATE 6 PAS SAG |
| 2 | 85252022 | TERMINAIS PORTÁTEIS DE TELEFONIA CELULAR |
| 3 | 87042190 | OUTROS VEÍCULOS AUTOMÓVEIS C/ MOTOR DIESEL, P/ CARGA <= 5T |
| 4 | 87032210 | AUTOMÓVEIS C/ MOTOR EXPLOSÃO 1000 < CM3 <= 1500, A TE 6 PASSAG |
| 5 | 87042210 | CHASSIS C/ MOTOR DIESEL E CABINA, 5T < CARGA <= 20T |
| 6 | 26011200 | MINÉRIOS DE FERRO AGLOMERADOS E SEUS CONCENTRADOS |
| 7 | 73051100 | TUBOS FERRO/AÇO, SOLD. LONG. ARCO, SEC. CIRC. D > 406MM, P/ ÓLEOD |
| 8 | 87012000 | TRATORES RODOVIÁRIOS P/ SEMI-REBOQUES |
| 9 | 28182010 | ALUMINA CALCINADA |
| 10 | 39011092 | POLIETILENO SEM CARGA, DENSIDADE < 0.94, EM FORMA PRIMÁRIA |
| 11 | 84335990 | OUTRAS MÁQUINAS E APARELHOS P/ COLHEITA |
| 12 | 87033210 | AUTOMÓVEIS C/ MOTOR DIESEL, 1500 < CM3 <= 2500, ATE 6 PASSAG. |
| 13 | 87089990 | OUTRAS PARTES E ACESS. P/ TRATORES E VEÍCULOS AUTOMÓVEIS |
| 14 | 39012029 | OUTROS POLIETILENOS S/ CARGA, D >= 0.94, EM FORMAS PRIMÁRIAS |
| 15 | 87019090 | OUTROS TRATORES |
| 16 | 29310037 | ÁCIDO FOSFONOMETILIMINODIACETICO E AC. TRIMETILFOSFÔNICO |
| 17 | 40112090 | OUTROS PNEUS NOVOS PARA ÔNIBUS OU CAMINHÕES |
| 18 | 29022000 | BENZENO |
| 19 | 87082999 | OUTRAS PARTES E ACESS. DE CARROÇARIAS P/ VEIC. AUTOMÓVEIS |
| 20 | 84082030 | MOTORES DIESEL/SEMIDIESEL, P/ VEIC. CAP 87, 2500 < CM3 <= 3500 |
| 21 | 26011100 | MINÉRIOS DE FERRO NÃO AGLOMERADOS E SEUS CONCENTRADOS |
| 22 | 84716072 | UNIDADE DE SAIDA POR VIDEO, C/ TUBO RAIOS CATOD. POLICROM. |
| 23 | 87060010 | CHASSIS C/ MOTOR P/ VEICS. AUTOMÓVEIS TRANSP. PESSOAS >= 10 |
| 24 | 85252052 | TERMINAIS PORTÁTEIS DE SISTEMA TRONCALIZADO |
| 25 | 84181000 | REFRIGERADORES COMBIN. C/ CONGELADORES, PORTA EXT. SEPARADA |
| 26 | 87084090 | CAIXAS DE MARCHAS P/ VEÍCULOS AUTOMÓVEIS |
| 27 | 72085200 | LAMIN. FERRO/AÇO, QUENTE, L >= 60CM, N/ ENROLADO, 4.75 <= E <= 10MM |
| 28 | 09011110 | CAFÉ NÃO TORRADO, NÃO DESCAFEINADO. EM GRAO |
| 29 | 39011010 | POLIETILENO LINEAR, DENSIDADE < 0.94, EM FORMA PRIMÁRIA |
| 30 | 48041100 | PAPELICARTAO "KRAFTLINER", P/ COBERTURA, CRUS, EM ROLOS/FLS |
| 31 | 27101921 | "GASÓLEO" (ÓLEO DIESEL) |
| 32 | 84073490 | OUTROS MOTORES DE EXPLOSÃO. P/ VEIC. CAP 87, SUP. 1000CM3 |
| 33 | 39076000 | TEREFTALATO DE POLIETILENO EM FORMA PRIMÁRIA |
| 34 | 87033110 | AUTOMÓVEIS C/ MOTOR DIESEL, CM3 <= 1500, ATE 6 PASSAGEIROS |
| 35 | 02032900 | OUTRAS CARNES DE SUÍNO, CONGELADAS |
| 36 | 87085090 | EIXOS DE TRANSMISSÃO C/ DIFERENCIAL P/ VEIC. AUTOMÓVEIS |
| 37 | 87079090 | CARROÇARIAS P/ VEIC. AUTOMOV. TRANSP >=10 PESSOAS OU P/ CARGA |
| 38 | 84082020 | MOTORES DIESEL/SEMIDIESEL, P/ VEIC. CAP 87, 1500 < CM3 <= 2500 |
| 39 | 84335100 | CEIFEIRAS-DEBULHADORAS |
| 40 | 52094210 | TECIDO DE ALGODÃO >= 85%, FIO COLORDENIM, ÍNDIGO, P > 200G/M2 |
| 41 | 29053100 | ETILENOGLICOL (ETANODIOL) |
| 42 | 72071110 | BILLETS DE FERRO/AÇO, C < 0. 25%, SEC. TRANSV. QUAD/RET. L < 2E |
| 43 | 72072000 | PRODS. SEMIMANUFAT. DE FERRO/AÇO, N/ LIGADOS, CARBONO >= 0.25% |
| 44 | 29211923 | MONOISOPROPILAMINA E SEUS SAIS |
| 45 | 86050010 | VAGÕES DE PASSAGEIROS PNIAS FERREAS/SEMELHS. |
| 46 | 38083023 | HERBICIDA A BASE GLIFOSATO. SEUS SAIS, DE IMAZAQUIM, ETC |
| 47 | 87032100 | AUTOMÓVEIS C/ MOTOR EXPLOSÃO, CIL <= 1000CM3 |
| 48 | 87087090 | OUTRAS RODAS. SUAS PARTES E ACESS. P/ VEÍCULOS AUTOMÓVEIS |
| 49 | 40111000 | PNEUS NOVOS PARA AUTOMÓVEIS DE PASSAGEIROS |
| 50 | 85071000 | ACUMULADORES ELETR. DE CHUMBO, P/ ARRANQUE DE MOTOR PISTÃO |

| | 2005 (Jan/Abr) | | | 2004 (Jan/Abr) | | | Var. ReL |
|--|----------------------|---------------|----------------------|----------------------|---------------|----------------------|---------------|
| | Valor/US\$ F.O.B. | Part. % | Peso /KG | Valor/US\$ F.O.B. | Part. % | Peso/Kg | 05/04-Jan/Abr |
| | 2.796.144.853 | 100,00 | 3.795.213.930 | 2.009.291.566 | 100,00 | 3.447.696.028 | 39,16 |
| | 1.742.321.376 | 62,31 | 3.131.499.782 | 1.170.485.197 | | 2.814.613.691 | - |
| | 184.904.086 | 6,61 | 31.810.292 | 136.379.657 | 6,79 | 24.372.732 | 35,58 |
| | 137.218.995 | 4,91 | 562.086 | 46.084.548 | 2,29 | 181.917 | 197,75 |
| | 65.854.869 | 2,36 | 10.534.422 | 55.156.333 | 2,75 | 9.264.012 | 19,40 |
| | 52.909.849 | 1,89 | 9.846.337 | 39.736.850 | 1,98 | 7.591.833 | 33,15 |
| | 52.211.873 | 1,87 | 11.570.233 | 48.575.662 | 2,42 | 12.362.038 | 7,49 |
| | 50.965.439 | 1,82 | 1.253.811.980 | 39.046.913 | 1,94 | 1.178.784.086 | 30,52 |
| | 39.924.143 | 1,43 | 30.436.269 | 73.347 | - | 117.732 | - |
| | 39.768.805 | 1,42 | 7.879.572 | 33.953.711 | 1,69 | 7.442.881 | 17,13 |
| | 37.398.144 | 1,34 | 162.216.579 | 38.874.175 | 1,93 | 199.352.556 | -3,80 |
| | 34.061.641 | 1,22 | 26.518.375 | 17.598.819 | 0,88 | 20.786.554 | 93,55 |
| | 33.816.168 | 1,21 | 5.366.003 | 44.817.700 | 2,23 | 8.100.590 | -24,55 |
| | 31.137.897 | 1,11 | 4.014.383 | 25.960.579 | 1,29 | 3.876.776 | 19,94 |
| | 29.242.199 | 1,05 | 5.594.201 | 21.275.461 | 1,06 | 4.630.385 | 37,45 |
| | 29.137.658 | 1,04 | 25.856.426 | 18.703.884 | 0,93 | 21.675.181 | 55,78 |
| | 27.735.144 | 0,99 | 5.686.966 | - | - | - | - |
| | 26.980.239 | 0,96 | 14.052.210 | 32.052.068 | 1,60 | 16.694.193 | -15,82 |
| | 24.198.323 | 0,87 | 9.823.942 | 21.781.816 | 1,08 | 9.630.985 | 11,09 |
| | 23.797.732 | 0,85 | 22.756.384 | 6.914.902 | 0,34 | 12.244.537 | 244,15 |
| | 23.528.829 | 0,84 | 7.300.891 | 13.847.559 | 0,69 | 4.596.313 | 69,91 |
| | 23.155.205 | 0,83 | 1.979.698 | 18.086.161 | 0,90 | 1.811.991 | 28,03 |
| | 22.267.163 | 0,80 | 1.028.641.796 | 16.146.214 | 0,80 | 905.206.149 | 37,91 |
| | 21.901.804 | 0,78 | 3.320.901 | 9.663.158 | 0,48 | 1.509.102 | 126,65 |
| | 21.112.602 | 0,76 | 4.357.407 | 12.875.144 | 0,64 | 2.498.005 | 63,98 |
| | 18.328.811 | 0,66 | 64.242 | 15.413.027 | 0,77 | 48.034 | 18,92 |
| | 17.713.118 | 0,63 | 5.695.925 | 15.748.890 | 0,78 | 6.224.313 | 12,47 |
| | 17.240.067 | 0,62 | 1.586.481 | 13.038.490 | 0,65 | 1.335.123 | 32,22 |
| | 16.975.921 | 0,61 | 23.009.184 | 2.409.313 | 0,12 | 6.341.709 | 604,60 |
| | 16.900.363 | 0,60 | 11.873.820 | 11.227.063 | 0,56 | 10.036.860 | 50,53 |
| | 16.567.429 | 0,59 | 14.479.625 | 9.699.399 | 0,48 | 11.531.750 | 70,81 |
| | 16.271.355 | 0,58 | 42.799.247 | 12.591.324 | 0,63 | 36.008.187 | 29,23 |
| | 15.170.759 | 0,54 | 31.774.982 | 3.993.533 | 0,20 | 16.012.158 | 279,88 |
| | 14.388.644 | 0,51 | 2.038.636 | 10.995.132 | 0,55 | 1.532.727 | 30,86 |
| | 14.298.096 | 0,51 | 9.530.800 | 10.991.885 | 0,55 | 10.675.700 | 30,08 |
| | 14.223.352 | 0,51 | 1.548.095 | 9.592.900 | 0,48 | 1.140.674 | 48,27 |
| | 14.222.079 | 0,51 | 6.373.969 | 12.976.661 | 0,65 | 7.849.910 | 9,60 |
| | 13.707.962 | 0,49 | 2.309.684 | 7.502.398 | 0,37 | 1.452.641 | 82,71 |
| | 13.378.207 | 0,48 | 1.889.345 | 9.173.696 | 0,46 | 1.333.986 | 45,83 |
| | 13.112.729 | 0,47 | 709.896 | 7.385.301 | 0,37 | 459.441 | 77,55 |
| | 12.688.098 | 0,45 | 2.443.130 | 27.334.860 | 1,36 | 5.108.652 | -53,58 |
| | 12.554.781 | 0,45 | 3.555.891 | 9.586.941 | 0,48 | 2.873.591 | 30,96 |
| | 12.450.841 | 0,45 | 15.280.161 | 4037.946 | 0,20 | 5.697.434 | 208,35 |
| | 11.681.891 | 0,42 | 31.993.178 | 4.177.325 | 0,21 | 15.165.028 | 179,65 |
| | 11.662.753 | 0,42 | 33.259.781 | 16.208.942 | 0,81 | 53.047.827 | -28,05 |
| | 11.380.656 | 0,41 | 6.951.034 | 6.424.604 | 0,32 | 6.315.079 | 77,14 |
| | 11.081.847 | 0,40 | 252.900 | - | - | - | - |
| | 10.978.373 | 0,39 | 3.541.358 | 1.507.111 | 0,08 | 506.317 | 628,44 |
| | 10.797.319 | 0,39 | 2.516.027 | 11.788.834 | 0,59 | 2.546.145 | -8,41 |
| | 10.611.183 | 0,38 | 5.894.622 | 5.841.598 | 0,29 | 4.487.998 | 81,65 |
| | 10.322.490 | 0,37 | 4.111.155 | 8.518.221 | 0,42 | 3.680.352 | 21,18 |
| | 9.712.399 | 0,35 | 7.491.234 | 7.643.048 | 0,38 | 7.522.675 | 2707 |

Argentina Principais Produtos

Fonte: SISCOMEX

| Seq. | NCM | Descrição |
|-----------------|----------|---|
| 51 | 87083900 | OUTROS FREIOS E SUAS PARTES, P/TRATORES/VEIC. AUTOMÓVEIS |
| 52 | 84715010 | UNID . PROC DIGIT. PEQ. CAP. BASE MICROPROCESS. FOB <= US\$ 12500 |
| 53 | 18040000 | MANTEIGA, GORDURA E ÓLEO, DE CACAU |
| 54 | 28353190 | OUTS. TRIFOSFATOS DE SÓDIO (TRIPOLIFOSFATO DE SÓDIO) |
| 55 | 29012410 | BUTA-1,3-DIENO NÃO SATURADO |
| 56 | 64029900 | OUTROS CALÇADOS DE BORRACHA OU PLÁSTICO |
| 57 | 74081100 | FIOS DE COBRE REFINADO, MAIOR DIMENSÃO DA SEC. TRANSV > 6MM |
| 58 | 87021000 | VEÍCULOS AUTOMÓVEIS P/ TRANSP >= 10 PESSOAS, C/ MOTOR DIESEL |
| 59 | 52010020 | ALGODÃO SIMPLEMENTE DEBULHADO, NÃO CARDADO NEM PENTEADO |
| 60 | 84295199 | OUTS. CARREGADORAS/PAS-CARREGADORAS, DE CARREGAM. FRONTAL |
| 61 | 39023000 | COPOLÍMEROS DE PROPILENO, EM FORMAS PRIMÁRIAS |
| 62 | 33059000 | OUTRAS PREPARAÇÕES CAPILARES |
| 63 | 86031000 | LITORINAS (AUTOMOTORAS), DE FONTE EXT. DE ELETRICIDADE |
| 64 | 84082090 | OUTROS MOTORES DIESEL/SEMIDIESEL, P/ VEIC. DO CAP 87 |
| 65 | 39202019 | OUTRAS CHAPAS, ETC. POLIM. PROPILENO, BIAX. ORIENT. S/ SUPORTE |
| 66 | 84143011 | MOTOCOMPRESSOR HERMÉTICO, CAPACIDADE < 4700 FRIGORIAS/HORA |
| 67 | 72283000 | BARRAS DE OUTRAS LIGAS DE AÇOS, LAMIN. ETC. A QUENTE |
| 68 | 30049069 | OUTS. MEDICAM. C/ COMP. HETEROCICL. HETEROAT. NITROG. EM DOSES |
| 69 | 85443000 | JOGOS DE FIOS P/ VELAS DE IGNIÇÃO E OUTS. FIOS P/ VEÍCULOS |
| 70 | 84292090 | OUTROS NIVELADORES |
| 71 | 39021020 | POLIPROPILENO SEM CARGA, EM FORMA PRIMÁRIA |
| 72 | 48101990 | OUTS. PAPÉIS/CARTÕES P/ ESCRITA, ETC. FIBRA MECAN <= 10% |
| 73 | 85299019 | OUTRAS PARTES P/ APARELHOS TRANSMISSORES/RECEPTORES |
| 74 | 34021300 | AGENTES ORGÂNICOS DE SUPERFÍCIE, NÃO IÔNICOS |
| 75 | 85252021 | APARS. TRANSM/RECEP DE TELEFONIA CELULAR, P/ ESTAÇÃO BASE |
| 76 | 87089300 | EMBREGENS E SUAS PARTES P/ TRATORES/VEÍCULOS AUTOMÓVEIS |
| 77 | 55093200 | FIO DE FIBRAS ACRÍLICAS/MODACRÍLICAS >= 85%, RETORCIDO, ETC |
| 78 | 72085100 | LAMIN. FERRO/AÇO, QUENTE, L >= 60CM, N/ ENROLADO, E > 10MM |
| 79 | 72023000 | FERROSSILÍCIO-MANGANES |
| 80 | 29091910 | ÉTER METIL-TER-BUTÍLICO (MTBE) |
| 81 | 85442000 | CABOS COAXIAIS E OUTROS CONDUTORES ELETRCOAXIAIS |
| 82 | 64039900 | OUTROS CALÇADOS DE COURO NATURAL |
| 83 | 87112010 | MOTOCICLETAS C/ MOTOR PISTÃO ALTERNAT. 50CM3 < CIL <= 125CM3 |
| 84 | 84716021 | IMPRESSORAS C/ VI < 30PPM, A JATO DE TINTA LIQ. L1 <= 420MM |
| 85 | 63026000 | ROUPAS DE TOUCADOR/COZINHA, DE TECIDOS ATOALH. DE ALGODÃO |
| 86 | 48103990 | OUTS PAPEIS/CARTÕES KRAFT, EXC. PARA ESCRITA, ETC. |
| 87 | 94019090 | PARTES P/ ASSENTOS, DE OUTRAS MATÉRIAS |
| 88 | 33051000 | XAMPUS PARA OS CABELOS |
| 89 | 87043190 | OUTROS VEÍCULOS AUTOMÓVEIS C/ MOTOR EXPLOSÃO, CARGA <= 5T |
| 90 | 73110000 | RECIPIENTES DE FERRO/ AÇO, P/ GASES COMPRIMIDOS/LIQUEFEIT. |
| 91 | 87032390 | AUTOMÓVEIS C/ MOTOR EXPLOSÃO, 1500 < CM3 <= 3000, SUP. 6 PASSAG |
| 92 | 84339090 | PARTES DE OUTS. MÁQUINAS E APARS. P/COLHEITA, DEBULHA, ETC |
| 93 | 55020010 | CABOS DE ACETATO DE CELULOSE |
| 94 | 37025419 | OUTS. FILMES P/ FOTO CORES, N/ IMPRESS. L = 35MM, C <= 30M, ROLOS |
| 95 | 84295900 | OUTRAS PÁS MECÂNICAS, ESCAVADORES, CARREGADORAS, ETC. |
| 96 | 39041010 | POLICLORETO DE VINILA, OBT. PROC. SUSPENSÃO, FORMA PRIMÁRIA |
| 97 | 72139190 | OUTS. FIO-MÁQUINAS DE FERRO/AÇO, N/ LIGADO, SEC. CIRCD < 14MM |
| 98 | 47032900 | PASTA QUIM. MADEIRA DE N/ CONIF. A SODNSULFATO, SEMI/BRANQ |
| 99 | 40116100 | PNEUS NOVOS, P/ VEICS, MAQS. AGRÍCOLAS/FLORESTAIS |
| 100 | 64041100 | CALÇADOS P/ ESPORTES, ETC. DE MAT. TEXT. SOLA BORRACHA/PLAST |
| DEMAIS PRODUTOS | | |

| | 2005 (Jan/Abr) | | | 2004 (Jan/Abr) | | | Var. ReL 05/04-Jan/Abr |
|--|-------------------|---------|-------------|-------------------|---------|-------------|---------------------------|
| | Valor/US\$ F.O.B. | Part. % | Peso /KG | Valor/US\$ F.O.B. | Part. % | Peso/Kg | |
| | 9.704.183 | 0,35 | 3.576.256 | 6.841.967 | 0,34 | 2.885.597 | 41,83 |
| | 9.656.471 | 0,35 | 229.252 | 5.703.163 | 0,28 | 96.123 | 69,32 |
| | 9.413.264 | 0,34 | 2.364.200 | 6.280.232 | 0,31 | 2.297.450 | 49,89 |
| | 9.276.916 | 0,33 | 13.017.000 | 4.485.336 | 0,22 | 9098000 | 106,83 |
| | 9.259.639 | 0,33 | 11.633.826 | 7.961.391 | 0,40 | 13.873.102 | 16,31 |
| | 9.205.892 | 0,33 | 669.985 | 8.454.649 | 0,42 | 725.384 | 8,89 |
| | 8.802.299 | 0,31 | 2.526.357 | 7016.093 | 0,35 | 2.535.662 | 25,46 |
| | 8.745.129 | 0,31 | 1.345.622 | 801.363 | 0,04 | 176.320 | 991,28 |
| | 8.471.307 | 0,30 | 7.590.684 | 11.677.966 | 0,58 | 10.496.440 | -27,46 |
| | 8.423.350 | 0,30 | 1.168.164 | - | - | - | - |
| | 8.348.609 | 0,30 | 7.224.825 | 3.609.802 | 0,18 | 4.164.325 | 131,28 |
| | 8.278.462 | 0,30 | 3.324.259 | 5.081.611 | 0,25 | 2.512.761 | 62,91 |
| | 8.215.668 | 0,29 | 174.600 | - | - | - | - |
| | 8.209.448 | 0,29 | 777.578 | 1.747.602 | 0,09 | 211.253 | 369,76 |
| | 8.208.340 | 0,29 | 4.315.387 | 4.740.788 | 0,24 | 2.862.428 | 73,14 |
| | 8.118.993 | 0,29 | 2.378.908 | 4.879.692 | 0,24 | 1.840.819 | 66,38 |
| | 7.897.245 | 0,28 | 8.458.074 | 2.049.215 | 0,10 | 3.501.428 | 285,38 |
| | 7.639.300 | 0,27 | 84.977 | 5.929.721 | 0,30 | 68.710 | 28,83 |
| | 7.481.840 | 0,27 | 296.396 | 4.926.186 | 0,25 | 261.855 | 51,88 |
| | 7.055.237 | 0,25 | 982.865 | 3.145.361 | 0,16 | 413006 | 124,31 |
| | 6.998.833 | 0,25 | 6.218.230 | 2.767.041 | 0,14 | 3.532.116 | 152,94 |
| | 6.746.144 | 0,24 | 9.036.897 | 6.292.896 | 0,31 | 9.035.537 | 7,20 |
| | 6.697.782 | 0,24 | 208.497 | 9.132.709 | 0,45 | 149.012 | -26,66 |
| | 6.689.489 | 0,24 | 3.966.175 | 3.605.571 | 0,18 | 2.656.392 | 85,53 |
| | 6.467.104 | 0,23 | 28.034 | 2.224.841 | 0,11 | 24.816 | 190,68 |
| | 6.250.092 | 0,22 | 1.170.776 | 4.562.615 | 0,23 | 785.509 | 36,98 |
| | 6.208.830 | 0,22 | 1.591019 | 5.169.422 | 0,26 | 1.563.100 | 20,11 |
| | 6.152.650 | 0,22 | 7.570.194 | 8.645.452 | 0,43 | 22.634.976 | -28,83 |
| | 6.113.078 | 0,22 | 6.569.000 | 3.501.237 | 0,17 | 6.299.320 | 74,60 |
| | 5.950.966 | 0,21 | 11.189.151 | 1.984.432 | 0,10 | 4.961.005 | 199,88 |
| | 5.947.302 | 0,21 | 1.348.224 | 3.399.338 | 0,17 | 797.216 | 74,95 |
| | 5.930.183 | 0,21 | 384.603 | 4.069.651 | 0,20 | 300.210 | 45,72 |
| | 5.748.619 | 0,21 | 659.023 | 2.936.180 | 0,15 | 359.565 | 95,79 |
| | 5.712.402 | 0,20 | 376.165 | 1.100.586 | 0,05 | 116.287 | 419,03 |
| | 5.565.235 | 0,20 | 975.329 | 4.497.559 | 0,22 | 848.599 | 23,74 |
| | 5.485.278 | 0,20 | 9.264.254 | 4.888.259 | 0,24 | 6.845.180 | 12,21 |
| | 5.458.583 | 0,20 | 1.160.212 | 2.494.767 | 0,12 | 567.923 | 118,80 |
| | 5.352.816 | 0,19 | 3.154.394 | 2.578.806 | 0,13 | 1.654.589 | 107,57 |
| | 5.281.262 | 0,19 | 1.438.289 | 3.875.800 | 0,19 | 993.666 | 36,26 |
| | 5.233.151 | 0,19 | 1.752.802 | 7.547.301 | 0,38 | 2.925.408 | -30,66 |
| | 5.229.786 | 0,19 | 710.100 | 3.945.331 | 0,20 | 572.400 | 32,56 |
| | 5.194.967 | 0,19 | 1.252.040 | 8.137.545 | 0,40 | 2.310.325 | -36,16 |
| | 5.104.899 | 0,18 | 1.357.237 | 5.236.423 | 0,26 | 1.436.999 | -2,51 |
| | 5.079.550 | 0,18 | 69.674 | 4.095.063 | 0,20 | 70.232 | 24,04 |
| | 5.040.366 | 0,18 | 846.760 | 838.270 | 0,04 | 148.413 | 501,28 |
| | 5.037.256 | 0,18 | 5.133.440 | 1.710.870 | 0,09 | 2.052.600 | 194,43 |
| | 4.967.728 | 0,18 | 11.283.857 | 1.885.243 | 0,09 | 6.550.414 | 163,51 |
| | 4.951.681 | 0,18 | 11.174.796 | 865.481 | 0,04 | 2.424.812 | 472,13 |
| | 4.862.272 | 0,17 | 2.195.768 | 4.205.525 | 0,21 | 1.918.256 | 15,62 |
| | 4.801.140 | 0,17 | 363.871 | 5.545.742 | 0,28 | 411.292 | -13,43 |
| | 1.053.823.477 | 37,69 | 663.714.148 | 838.806.369 | 41,75 | 633.064.337 | 25,63 |

Argentina Principais Produtos

Fonte: SISCOMEX

| Seq. | NCM | Descrição |
|--|----------|---|
| TOTAL GERAL | | |
| TOTAL DOS PRINCIPAIS PRODUTOS IMPORTADOS | | |
| 1 | 10019090 | TRIGO (EXC. TRIGO DURO OU P/ SEMEADURA) E TRIGO C/ CENTEIO |
| 2 | 27101141 | NAFTAS PARA PETROQUÍMICA |
| 3 | 87042190 | OUTROS VEÍCULOS AUTOMÓVEIS C/ MOTOR DIESEL. P/ CARGA <= 5T |
| 4 | 87032310 | AUTOMÓVEIS C/ MOTOR EXPLOSÃO, 1500 < CM3 <= 3000, ATE 6 PAS SAG |
| 5 | 87084090 | CAIXAS DE MARCHAS P/ VEÍCULOS AUTOMÓVEIS |
| 6 | 27090010 | OLEOS BRUTOS DE PETROLEO |
| 7 | 39076000 | TEREFTALATO DE POLIETILENO EM FORMA PRIMÁRIA |
| 8 | 39019090 | OUTROS POLIMEROS DE ETILENO, EM FORMAS PRIMÁRIAS |
| 9 | 39012029 | OUTROS POLIETILENOS S/ CARGA, D >= 0.94, EM FORMAS PRIMÁRIAS |
| 10 | 87089990 | OUTRAS PARTES E ACESS. P/ TRATORES E VEÍCULOS AUTOMÓVEIS |
| 11 | 31021010 | URÉIA COM TEOR DE NITROGÊNIO > 45% EM PESO |
| 12 | 27111300 | BUTANOS LIQUEFEITOS |
| 13 | 87082999 | OUTRAS PARTES E ACESS. DE CARROÇARIAS P/ VEIC. AUTOMÓVEIS |
| 14 | 11071010 | MALTE NÃO TORRADO. INTEIRO OU PARTIDO |
| 15 | 07032090 | OUTROS ALHOS FRESCOS OU REFRIGERADOS |
| 16 | 29026000 | ETILBENZENO |
| 17 | 39041010 | POLICLORETO DE VINILA, OBT. PROC. SUSPENSÃO, FORMA PRIMÁRIA |
| 18 | 03042010 | FILES DE MERLUZAS, CONGELADOS |
| 19 | 40111000 | PNEUS NOVOS PARA AUTOMÓVEIS DE PASSAGEIROS |
| 20 | 38083023 | HERBICIDA A BASE GLIFOSATO, SEUS SAIS, DE IMAZAQUIM, ETC |
| 21 | 39233000 | GARRAFÕES, GARRAFAS, FRASCOS, ARTIGOS SEMELHS. DE PLÁSTICOS |
| 22 | 47032100 | PASTA QUIM. MADEIRA DE CONIFERA, A SODA/SULFAT. SEMI/BRANCO |
| 23 | 08082010 | PERAS FRESCAS |
| 24 | 27112100 | GÁS NATURAL NO ESTADO GASOSO |
| 25 | 27111910 | GÁS LIQUEFEITO DE PETRÓLEO (GLP) |
| 26 | 20041000 | BATATAS PREPARADAS OU CONSERVADAS, CONGELADAS |
| 27 | 27101929 | OUTROS ÓLEOS COMBUSTÍVEIS |
| 28 | 04022110 | LEITE INTEGRAL, EM PÓ, MATÉRIA GORDA > 1.5%, CONCENTR. N/ ADOC |
| 29 | 27111210 | PROPANO EM BRUTO, LIQUEFEITO |
| 30 | 87085019 | EIXOS DE TRANSMISSÃO C/ DIFERENCIAL P/ "DUMPERS"/TRATORES |
| 31 | 19012000 | MISTURAS E PASTAS, P/ PREPAR. PRODS. PADARIA, PASTELARIA, ETC |
| 32 | 27101149 | OUTRAS NAFTAS |
| 33 | 90328929 | OUTROS CONTROLADORES ELÉTRON. AUTOMAT. P/ VEIC. AUTOMÓVEIS |
| 34 | 07112010 | AZEITONAS CONSERV. COM ÁGUA SALGADA |
| 35 | 10062020 | ARROZ ("CARGO" OU CASTANHO), DESCASCADO, NÃO PARBOILIZADO |
| 36 | 10063021 | ARROZ SEMIBRANQUEADO, ETC. NIPARBOILIZADO, POLIDO, BRUNIDO |
| 37 | 07031019 | OUTRAS CEBOLAS FRESCAS OU REFRIGERADAS |
| 38 | 29032100 | CLORETO DE VINILA (CLOROETILENO) |
| 39 | 33072010 | DESODORANTES CORPORAIS E ANTIPERSPIRANTES, LÍQUIDOS |
| 40 | 39011010 | POLIETILENO LINEAR, DENSIDADE < 0.94, EM FORMA PRIMÁRIA |
| 41 | 29051992 | ISONONANOL |
| 42 | 41044130 | OUTS. COUROS/PELES BOVINOS, SECOS, PENA FLOR |
| 43 | 40021919 | BORRACHA DE ESTIRENO-BUTADIENO, EM OUTS. FORMAS PRIMÁRIAS |
| 44 | 10030091 | CEVADA CERVEJEIRA |
| 45 | 84082090 | OUTROS MOTORES DIESEL/SEMIDIESEL, P/ VEIC. DO CAP 87 |
| 46 | 84082020 | MOTORES DIESEL/SEMIDIESEL, P/ VEIC. CAP87, 1500 < CM3 <= 2500 |
| 47 | 03042090 | FILES DE OUTROS PEIXES, CONGELADOS |
| 48 | 28030019 | OUTROS NEGROS DE CARBONO |
| 49 | 59021090 | OUTRAS TELAS P/ PNEUMAT. DE FIOS ALTA TENAC. DE POLIAMIDA |
| 50 | 85119000 | PARTES DE APARS. DISPOSIT. ELETR. IGNIÇÃO, ETC. P/ MOTOR EXPL. |

| | 2005 (Jan/Abr) | | | 2004 (Jan/Abr) | | | Var. ReL |
|--|----------------------|---------------|----------------------|----------------------|---------------|----------------------|---------------|
| | Valor/US\$ F.O.B. | Part. % | Peso /KG | Valor/US\$ F.O.B. | Part. % | Peso/Kg | 05/04-Jan/Abr |
| | 1.896.036.873 | 100,00 | 3.814.318.692 | 1.653.756.717 | 100,00 | 3.872.666.053 | 14,65 |
| | 1.488.436.083 | 78,50 | 3.434.737.971 | 1.239.780.415 | | 3.389.388.609 | |
| | 186.285.522 | 9,82 | 1.549.743.681 | 249.640.084 | 15,10 | 1.509.875.474 | -25,38 |
| | 158.403.003 | 8,35 | 382.515.311 | 88.311.651 | 5,34 | 288.546.190 | 79,37 |
| | 101.858014 | 5,37 | 11.690.315 | 51.236.454 | 3,10 | 7.327.625 | 98,80 |
| | 72.413.657 | 3,82 | 10.046695 | 53.758.743 | 3,25 | 7.444.217 | 34,70 |
| | 48.362.553 | 2,55 | 4.467.025 | 29.602.907 | 1,79 | 3.086.667 | 63,37 |
| | 46.081.571 | 2,43 | 136.422.103 | 25.004.893 | 1,51 | 103.541.101 | 84,29 |
| | 41.331.595 | 2,18 | 29.354.216 | 33.071.802 | 2,00 | 32.820.990 | 24,98 |
| | 40.345.611 | 2,13 | 34.302.125 | 32.927.942 | 1,99 | 40.812.743 | 22,53 |
| | 40.245.687 | 2,12 | 35.190.500 | 22.058.001 | 1,33 | 29.105.513 | 82,45 |
| | 25.583.783 | 1,35 | 5.794.485 | 16.920.663 | 1,02 | 4.417.537 | 51,20 |
| | 24.305.392 | 1,28 | 107.801.754 | 22.963.743 | 1,39 | 123.556.237 | 5,84 |
| | 22.008.703 | 1,16 | 51.854.408 | 28.130.381 | 1,70 | 85.373.742 | -21,76 |
| | 21.937.474 | 1,16 | 7.732.206 | 11.454.216 | 0,69 | 4.690.099 | 91,52 |
| | 20.990.487 | 1,11 | 72.029.803 | 16.703.658 | 1,01 | 58.521.906 | 25,66 |
| | 20.134.760 | 1,06 | 30.582.662 | 15.409.818 | 0,93 | 30.878.276 | 30,66 |
| | 17.522.546 | 0,92 | 16.011.885 | 511.451 | 0,03 | 989.726 | - |
| | 17.180.891 | 0,91 | 18.675.000 | 12.093.477 | 0,73 | 16.622.990 | 42,07 |
| | 15.967.954 | 0,84 | 9.695.449 | 16.238.881 | 0,98 | 10.156.178 | -1,67 |
| | 15.673.836 | 0,83 | 6.091.520 | 9.760.198 | 0,59 | 4.384.047 | 60,59 |
| | 15.564.613 | 0,82 | 5.756.992 | 13.747.180 | 0,83 | 6.675.737 | 13,22 |
| | 15.554.436 | 0,82 | 8.655.891 | 4.619.793 | 0,28 | 3.372.724 | 236,69 |
| | 14.724.131 | 0,78 | 26.214.430 | 15.008.241 | 0,91 | 29.999.350 | -1,89 |
| | 13.967.779 | 0,74 | 32.584.157 | 10.827.875 | 0,65 | 24.342.269 | 29,00 |
| | 13.940.633 | 0,74 | 118.881.161 | 7.370.099 | 0,45 | 82.508.360 | 89,15 |
| | 13.780.470 | 0,73 | 32.910.485 | 22.420.466 | 1,36 | 67.561.528 | -38,54 |
| | 12.751.154 | 0,67 | 21.894.075 | 12.875.294 | 0,78 | 22.060.227 | -0,96 |
| | 12.243.900 | 0,65 | 44.951.996 | 9.183.396 | 0,56 | 37.882.941 | 33,33 |
| | 11.963.777 | 0,63 | 5.516.390 | 7.121.125 | 0,43 | 3.750.640 | 68,00 |
| | 11.587.051 | 0,61 | 28.958.650 | 20.089.439 | 1,21 | 58.961.126 | -42,32 |
| | 11.341.155 | 0,60 | 2.214.896 | 9.373.827 | 0,57 | 2.048.874 | 20,99 |
| | 11.332.313 | 0,60 | 69.737.651 | 12.644.798 | 0,76 | 60.370.573 | -10,38 |
| | 10.990.922 | 0,58 | 30.111.283 | 73.329.282 | 4,43 | 230.649.230 | -85,01 |
| | 10.673.376 | 0,56 | 88.360 | 9.634.558 | 0,58 | 67.279 | 10,78 |
| | 9.163.378 | 0,48 | 8.078.798 | 8.419.287 | 0,51 | 11.581.488 | 8,84 |
| | 9.156.569 | 0,48 | 39.918.810 | 4.855.940 | 0,29 | 16.859.360 | 88,56 |
| | 9.040.315 | 0,48 | 31.906.990 | 9.166.758 | 0,55 | 25.971.500 | -1,38 |
| | 8.814.449 | 0,46 | 67.279.190 | 4.372.905 | 0,26 | 34.692.495 | 101,57 |
| | 8.814.316 | 0,46 | 10.916.749 | 8.496.039 | 0,51 | 14.604.927 | 3,75 |
| | 8.656.438 | 0,46 | 2.225.384 | 5.744.730 | 0,35 | 1.404.284 | 50,68 |
| | 8.655.278 | 0,46 | 7.426.375 | 4.862.327 | 0,29 | 6.187.500 | 7801 |
| | 8.185.777 | 0,43 | 7.865.429 | 3.731.082 | 0,23 | 5.165.100 | 119,39 |
| | 7.678.826 | 0,40 | 410.146 | 11.920.409 | 0,72 | 586.522 | -35,58 |
| | 7.642.624 | 0,40 | 5.277.395 | 5.739.212 | 0,35 | 5.793.765 | 33,17 |
| | 7.248.875 | 0,38 | 49.013.072 | 7.334.192 | 0,44 | 41.920.008 | -1,16 |
| | 7.221.841 | 0,38 | 1.020.160 | 9.326.867 | 0,56 | 1.423.919 | -22,57 |
| | 7.150.594 | 0,38 | 522.899 | 4.404.131 | 0,27 | 325.118 | 62,36 |
| | 7.085.086 | 0,37 | 3.546.114 | 5.177.877 | 0,31 | 2.508.511 | 36,83 |
| | 7.051.343 | 0,37 | 12.642.930 | 6.148.349 | 0,37 | 12.139.020 | 14,69 |
| | 7.016.876 | 0,37 | 1.696.725 | 5.918.476 | 0,36 | 1.555.603 | 18,56 |
| | 6.992.408 | 0,37 | 934.112 | 5.085.505 | 0,31 | 755.103 | 37,50 |

Argentina Principais Produtos

Fonte: SISCOMEX

| Seq. | NCM | Descrição |
|-----------------|----------|--|
| 51 | 35069190 | OUTROS ADESIVOS A BASE DE PLÁSTICOS |
| 52 | 44112100 | PAINÉIS DE FIBRAS DE MADEIRA, N/ TRAB. MEC. 0.5 < D <= 0.8 G/CM3 |
| 53 | 39021020 | POLIPROPILENO SEM CARGA, EM FORMA PRIMÁRIA |
| 54 | 78011090 | OUTRAS FORMAS BRUTAS DE CHUMBO REFINADO |
| 55 | 38151210 | CATALISADOR EM COLMÉIA CERAM./METAL. P/ CONV. CATAL. P/ VEICS |
| 56 | 84099112 | BLOCOS DE CILINDROS, CABEÇOTES, ETC. P/ MOTORES DE EXPLOSÃO |
| 57 | 87021000 | VEÍCULOS AUTOMÓVEIS P/ TRANSP >= 10 PESSOAS, C/ MOTOR DIESEL |
| 58 | 87012000 | TRATORES RODOVIÁRIOS P/ SEMI-REBOQUES |
| 59 | 87032100 | AUTOMÓVEIS C/ MOTOR EXPLOSÃO. CIL <= 1000 CM3 |
| 60 | 84148031 | OUTROS COMPRESSORES DE GASES, DE PISTÃO |
| 61 | 40112090 | OUTROS PNEUS NOVOS PARA ÔNIBUS OU CAMINHÕES |
| 62 | 08081000 | MAÇÃS FRESCAS |
| 63 | 87079090 | CARROÇARIAS P/ VEIC. AUTOMOV. TRANSP >= 10 PESSOAS OU P/ CARGA |
| 64 | 27101932 | ÓLEOS LUBRIFICANTES COM ADITIVOS |
| 65 | 58021100 | TECIDO ATOALHADO, DE ALGODÃO, CRU |
| 66 | 20057000 | AZEITONAS PREPARADAS/CONSERV. N/ CONG. EXC. EM VINAGRE, ETC. |
| 67 | 18069000 | OUTROS CHOCOLATES E PREPARAÇÕES ALIMENTÍCIAS CONT. CACAU |
| 68 | 85272190 | OUTS. APARS. RECEP. RADIODIF. C/ APARS. SOM. P/ VEIC. AUTOMÓVEIS |
| 69 | 19019090 | OUTRAS PREPARAÇÕES ALIMENT. DE FARINHAS, ETC. CACAU < 40% |
| 70 | 87083900 | OUTROS FREIOS E SUAS PARTES, P/ TRATORES/VEIC. AUTOMÓVEIS |
| 71 | 29024300 | P-XILENO |
| 72 | 02013000 | CARNES DESOSSADAS DE BOVINO, FRESCAS OU REFRIGERADAS |
| 73 | 39081023 | POLIAMIDA-6 OU POLIAMIDA-6,6, COM CARGA, EM PEDAÇOS, ETC. |
| 74 | 22042100 | OUTS. VINHOS, MOSTOS DE UVAS, FERM. IMPED. ÁLCOOL, RECIPS <= 2L |
| 75 | 38081010 | INSETICIDAS PARA USO DOMIS. SANITÁRIO DIRETO |
| 76 | 54024200 | FIO DE POLIÉSTERES, SIMPLES, PARCIALM. ORIENT. TORC <= 50V/M |
| 77 | 84821010 | ROLAMENTOS DE ESFERAS, DE CARGA RADIAL |
| 78 | 76012000 | LIGAS DE ALUMÍNIO EM FORMA BRUTA |
| 79 | 72091700 | LAMIN. FERRO/AÇO, A FRIO, L >= 6DM. EM ROLOS. 0.5MM <= E <= 1 MM |
| 80 | 72283000 | BARRAS DE OUTRAS LIGAS DE AÇOS. LAMIN. ETC. A QUENTE |
| 81 | 29189012 | ÁCIDO 2,4-DICLOROFENOXIACETICO, SEUS SAIS E SEUS ÉSTERES |
| 82 | 87043190 | OUTROS VEÍCULOS AUTOMÓVEIS C/ MOTOR EXPLOSÃO. CARGA <= 5T |
| 83 | 28332300 | SULFATO DE CROMO |
| 84 | 55032000 | FIBRAS DE POLIESTÉRES, NÃO CARDADAS. NÃO PENTEADAS, ETC. |
| 85 | 85016400 | GERADORES DE CORRENTE ALTERNADA, POT > 750KVA |
| 86 | 72104910 | LAMIN. FERRO/AÇO, L >= 6DM. GAL VAN. OUTRO PROC. E < 4.75MM |
| 87 | 07133319 | OUTROS FEIJÕES COMUNS, PRETOS, SECOS, EM GRÃOS |
| 88 | 39023000 | COPOLIMÉROS DE PROPILENO, EM FORMAS PRIMÁRIAS |
| 89 | 10063029 | OUTROS TIPOS DE ARROZ SEMIBRANQUEADO, ETC. N/ PARBOILIZADO |
| 90 | 32151900 | OUTRAS TINTAS DE IMPRESSÃO |
| 91 | 76052190 | OUTROS FIOS DE LIGAS ALUMÍNIO, DIMSEC. TRANSV >7 MM |
| 92 | 87082993 | PORTAS PNEUCULOS AUTOMÓVEIS |
| 93 | 54024110 | FIO DE NYLON. SIMPLES, TORÇÃO <= 50 VOLTAS/METRO |
| 94 | 38082029 | OUTROS FUNGICIDAS APRESENTADOS DE DUTRO MODO |
| 95 | 02023000 | CARNES DESOSSADAS DE BOVINO, CONGELADAS |
| 96 | 28151200 | HIDRÓXIDO DE SÓDIO EM SOL. AQUOSA (LIXIV. SODA CAUSTICA) |
| 97 | 29310039 | OUTROS COMPOSTOS ORGANO-FOSFOROSOS |
| 98 | 44103200 | OUTS. PAINÉIS DE MADEIRA, RECOB. PAPEL MELAMINA |
| 99 | 84099912 | BLOCOS DE CILINDROS, CABEÇOTES, ETC. P/ MOTORES DIESEL/SEMI |
| 100 | 29291021 | MISTURA DE ISÔMEROS DE DIISOCIANATOS DE TOLUENO |
| DEMAIS PRODUTOS | | |

| | 2005 (Jan/Abr) | | | 2004 (Jan/Abr) | | | Var. ReL |
|--|-------------------|---------|-------------|-------------------|---------|-------------|---------------|
| | Valor/US\$ F.O.B. | Part. % | Peso /KG | Valor/US\$ F.O.B. | Part. % | Peso/Kg | 05/04-Jan/Abr |
| | 6.904.458 | 0,36 | 3.370.832 | 5.236.104 | 0,32 | 3.023.518 | 31,86 |
| | 6.681.901 | 0,35 | 31.124.137 | 6.505.056 | 0,39 | 36.600.400 | 2,72 |
| | 6.566.221 | 0,35 | 5.527.675 | 2.233.577 | 0,14 | 2.691.150 | 193,98 |
| | 6.462.190 | 0,34 | 6.381.859 | 4.739.297 | 0,29 | 6.005.549 | 36,35 |
| | 6.384.687 | 0,34 | 144.326 | 3.732.058 | 0,23 | 99.195 | 71,08 |
| | 6.227.568 | 0,33 | 5.327.873 | 2.937.680 | 0,18 | 2.985.051 | 111,99 |
| | 6.076.110 | 0,32 | 750.735 | 3.439.755 | 0,21 | 393.660 | 76,64 |
| | 5.833.588 | 0,31 | 757.120 | 13.342.052 | 0,81 | 2.367.860 | -56,28 |
| | 5.789.115 | 0,31 | 1.083.135 | 898.147 | 0,05 | 189.320 | 544,56 |
| | 5.598.830 | 0,30 | 420.708 | 2.107.037 | 0,13 | 176.139 | 165,72 |
| | 5.497.494 | 0,29 | 2.214.070 | 3.880.474 | 0,23 | 1.857.506 | 41,67 |
| | 5.490.058 | 0,29 | 12.315.639 | 4.079.100 | 0,25 | 9.155.303 | 34,59 |
| | 5.450.487 | 0,29 | 543.768 | 574.936 | 0,03 | 78.662 | 848,02 |
| | 5.409.081 | 0,29 | 5.646.044 | 5.216.693 | 0,32 | 6.564.518 | 3,69 |
| | 5.392.144 | 0,28 | 2.071.266 | 76.894 | - | 29.563 | - |
| | 5.192.934 | 0,27 | 4.178.181 | 1.828.347 | 0,11 | 1.755.825 | 184,02 |
| | 5.186.280 | 0,27 | 553.327 | 3383024 | 0,20 | 435.026 | 53,30 |
| | 5.128.534 | 0,27 | 51.781 | 3.578.288 | 0,22 | 35.632 | 43,32 |
| | 5.081.210 | 0,27 | 30.736.928 | 4.100.721 | 0,25 | 19.370.116 | 23,91 |
| | 4.947.576 | 0,26 | 5.203.850 | 2.673.494 | 0,16 | 4.336.722 | 85,06 |
| | 4.787.900 | 0,25 | 5.265.534 | 5.357.931 | 0,32 | 8.074.248 | -10,64 |
| | 4.764.060 | 0,25 | 1.313.540 | 4.874.955 | 0,29 | 1.341.655 | -2,27 |
| | 4.662.852 | 0,25 | 2.056.100 | 4.344.648 | 0,26 | 2071.550 | 7,32 |
| | 4.634.253 | 0,24 | 2.073.096 | 2.979.394 | 0,18 | 1.593.268 | 55,54 |
| | 4.512.625 | 0,24 | 2.118.832 | 2.631.235 | 0,16 | 1.318.586 | 71,50 |
| | 4.471.869 | 0,24 | 2.577.434 | 7.487.014 | 0,45 | 5.669.872 | -40,27 |
| | 4.432.266 | 0,23 | 463.901 | 3.841.598 | 0,23 | 444.490 | 15,38 |
| | 4.360.880 | 0,23 | 2.270.862 | 1.755.993 | 0,11 | 999.450 | 148,34 |
| | 4.339.770 | 0,23 | 6.213.666 | 3.716.447 | 0,22 | 7.611.185 | 16,77 |
| | 4.272.825 | 0,23 | 4.589.175 | 1.491.530 | 0,09 | 2.142.545 | 186,47 |
| | 4.207.020 | 0,22 | 1.534.720 | 1.655.949 | 0,10 | 693.440 | 154,05 |
| | 4.191.315 | 0,22 | 653.846 | 4.760.465 | 0,29 | 815.324 | -11,96 |
| | 4.155.957 | 0,22 | 9.813.000 | 3.554.100 | 0,21 | 9.445.000 | 16,93 |
| | 4.096.902 | 0,22 | 2.594.690 | 2.810.907 | 0,17 | 2.462.733 | 45,75 |
| | 4.027.929 | 0,21 | 374.338 | 28.955 | - | 6.280 | - |
| | 4.003.178 | 0,21 | 5.094.390 | 2.803.779 | 0,17 | 5.046.475 | 42,78 |
| | 3.904.545 | 0,21 | 10.321.440 | 1.194.118 | 0,07 | 3.987.980 | 226,98 |
| | 3.902.091 | 0,21 | 2.627.870 | 1.764.452 | 0,11 | 1.402.100 | 121,15 |
| | 3.886.327 | 0,20 | 12.833.550 | 1.200.358 | 0,07 | 3.137.720 | 223,76 |
| | 3.635.687 | 0,19 | 1.294.596 | 1.657.901 | 0,10 | 594.205 | 119,29 |
| | 3.623.233 | 0,19 | 1.760.652 | 104.413 | 0,01 | 50.091 | - |
| | 3.618.224 | 0,19 | 728.458 | 2.244.462 | 0,14 | 430.385 | 61,21 |
| | 3.616.938 | 0,19 | 961.262 | 2.563.813 | 0,16 | 837.312 | 41,08 |
| | 3.603.511 | 0,19 | 169.298 | 9.295.957 | 0,56 | 577.732 | -61,24 |
| | 3.599.435 | 0,19 | 1.226.448 | 2.808.580 | 0,17 | 835.463 | 28,16 |
| | 3.587.552 | 0,19 | 22.066.691 | 2.265.991 | 0,14 | 34.591.143 | 58,32 |
| | 3.440.769 | 0,18 | 927.910 | - | - | - | - |
| | 3.433.137 | 0,18 | 10.890.829 | 3.512.855 | 0,21 | 15.277.952 | -2,27 |
| | 3.413.731 | 0,18 | 479.271 | 2.268.608 | 0,14 | 379.591 | 50,48 |
| | 3.325.114 | 0,18 | 1.879.480 | 5.492.851 | 0,33 | 3.523.780 | -39,46 |
| | 407.600.790 | 21,50 | 379.580.721 | 413.976.302 | 25,03 | 483.277.444 | -1,54 |

2º Festival Internacional de Cultura das Três Fronteiras

O 2º Festival Internacional de Cultura das Três Fronteiras – Diversidade Cultural em Paz, aconteceu de 5 a 13 de agosto em três cidades da tríplice fronteira: Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguaçu, representando Brasil, Paraguai e Argentina, respectivamente, a partir de diversos espetáculos de música, dança e teatro.

Com o festival, os Ministérios da Cultura dos três países pretendem efetivar políticas de intercâmbio e cooperação para o chamado Mercosul Cultural, além de ampliar e aprofundar os vínculos solidários entre a tríplice fronteira e reafirmar a diversidade cultural como parâmetro de soberania.

Para o Ministério da Cultura, do Brasil, o festival representa a valorização da cultura como componente

“fundante e indissociável” de crescimento e da afirmação internacional.

O festival, realizado pela primeira vez em 2004, reuniu 1.700 artistas brasileiros, paraguaios e argentinos durante oito dias de festa em seis cidades da tríplice fronteira.

Cinema argentino quer cota de tela no Brasil
Argentina e Brasil trabalham em várias frentes para acelerar a integração bilateral. O processo é amplo e vai desde o ensino do português nas escolas argentinas e o ensino de espanhol nas escolas brasileiras até a troca de experiência em matéria de legislação cinematográfica.

A Lei da Cota de Tela, que estabelece um tempo mínimo de permanência de um filme brasileiro nas salas de exibição do país, já está sendo cobrado pelos cineastas argentinos que gostariam de ser beneficiados com a mesma proteção. Se houver acordo entre as autoridades dos dois países, em breve o cinema argentino poderá ficar nas telas brasileiras por mais tempo.

O tema será discutido na reunião especializada de cinema e audiovisual do Mercosul. Nas noites de domingo, o programa **CineBrasil** mostra o “Cinema do Cone Sul”, apresentado por Chico Diaz, onde são exibidas excelentes produções do cinema sul-americano. Este é um dos resultados de um acordo assinado entre os dois países.

Vacina contra hepatite A
A Argentina é o segundo país do mundo – o primeiro foi

Israel – a adotar como obrigatória a vacinação de crianças, a partir de 1 ano de idade, contra a hepatite A. A Lei foi promulgada em abril de 2005 e as vacinas foram adquiridas ao preço de US\$ 7,00. Cerca de 400 mil crianças serão imunizadas só no primeiro ano da campanha. Autoridades de saúde do país vizinho estimam que, com esta política, poderão acabar com a hepatite A em sete ou oito anos. A doença, que não era registrada na Argentina há muitos anos, começou a se agravar a partir da crise econômica, já que os problemas de infra-estrutura sanitária afetaram a saúde pública do país.

No Brasil, a mesma vacina só está disponível, gratuitamente, para os profissionais de saúde que trabalham com doenças do sangue ou para portadores de doenças imussupressoras (transplantados, portadores de HIV, de hepatite C e B) nos Centros de Referência Imunobiológicos Especiais – CRIE.

Turismo pode aproximar, ainda mais, Brasil e Argentina

O Professor Theófilo de Azeredo Santos garante que uma das questões mais candentes no comércio internacional é o custo do transporte. Neste sentido, a relação com a Argentina, leva a vantagem da proximidade geográfica, que além de facilitar a circulação de produtos, equipamentos, barateia também o custo da circulação de pessoas. O turismo entre os dois países pode ser um dos grandes



AGÊNCIA BRASILEIRA DE IMPRENSA

A Revista dos Seminários Bilaterais de Comércio Exterior e Investimento, organizados pela FCCE, é distribuída entre as mais destacadas personalidades, do Brasil e do exterior, que atuam no comércio internacional.

Anunciar aqui é fazer chegar o seu produto a quem realmente interessa, a quem decide.
Procure-nos.

Tel.: 55 21 2131 0950
eduardo.teixeira@abrappress.com.br

motivos de aproximação, pois o Brasil tem anunciado, várias vezes, o desejo de aprofundar a sua identificação com a Argentina, independente da ação do governo. Uma política de melhoria da infra-estrutura na fronteira e a divulgação de ações na área da cultura são medidas que podem acelerar e contribuir para o incremento deste processo.

Banco do Brasil fará gestão do fundo das PPPs

Uma resolução do Ministério do Planejamento acaba de escalar o Banco do Brasil para ser o gestor do fundo garantidor das PPPs. Os ativos, num total de até R\$ 6 bilhões, serão repassados ao fundo pelo Tesouro Nacional. O Tesouro poderá escalar a Caixa Econômica Federal e o BNDES para construir novos fundos com a mesma finalidade.

A escolha do gestor dos fundos era um dos principais entraves à execução das Parcerias Públicos-Privadas.

Língua espanhola no ensino médio agora é lei
O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva acaba de sancionar lei que torna obrigatória a oferta do ensino da língua espanhola no ensino médio, tanto em escolas públicas quanto privadas. Os estudantes poderão escolher se querem ou não se matricular na disciplina. O prazo para a adaptação das unidades à nova regra é de cinco anos. Segundo o censo escolar de 2004, o ensino médio registrou 9,1 milhões matrículas. Para atender aos alunos que optem pelo

estudo do espanhol, será necessário um esforço da administração da educação brasileira para dotação de professores e materiais especializados. Segundo pesquisa da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação - MEC - serão necessários 1.411 professores para lecionar a disciplina nas 1.354 escolas de ensino médio nos 11 estados vizinhos aos países de língua de espanhola (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Amapá e Pará).

Petróleo e balança comercial

Julho foi o mês de melhor desempenho das exportações brasileiras e da balança comercial em toda a história.

Neste cenário o petróleo foi o responsável pela maior fatia no aumento das vendas externas do país. Sem a recuperação do mercado interno a economia continuará impulsionada pelos resultados positivos da balança comercial, e certamente o petróleo será fundamental para que a taxa das exportações continue crescendo no segundo semestre, acima das expectativas.

Comércio exterior uma profissão de futuro

O Brasil projeta para o próximo ano uma corrente de comércio exterior de US\$ 200 bilhões. Com isso cresce a demanda de mercado para profissionais especializados na área. O curso de Comércio Exterior é uma habilitação do curso de Administração onde

são oferecidas diversas disciplinas específicas sobre o assunto. Um bom profissional da área tem que ser, antes de tudo, um bacharel em Administração, capaz de gerir uma empresa que opere Comércio Exterior. Além disso, deverá dominar matérias como finanças, gestão de pessoas, custos, estatísticas e contabilidade, além das operações de importação e exportação, serviços, finanças e marketing internacionais. Uma visão global da economia, facilidade de entendimento de estatísticas, fluência em inglês e em espanhol e conhecimento da legislação dos países com os quais o Brasil mantém negócios, são outros requisitos que fecham o perfil do bom profissional de Comércio Exterior.

EM BREVE

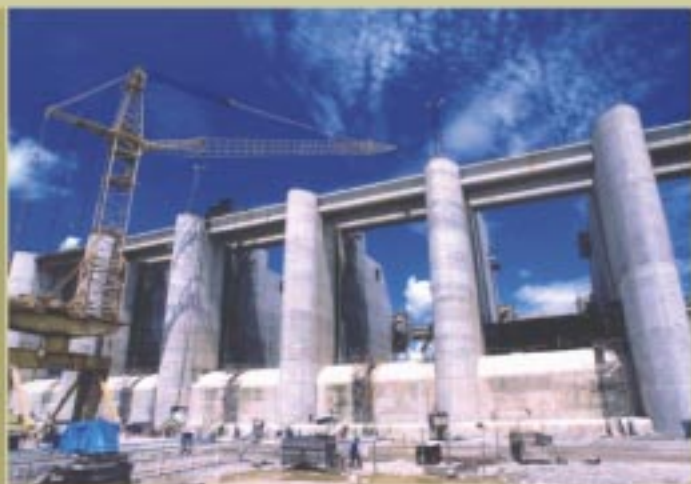


Manuais de Procedimentos e Informações
Brasil-Portugal, Brasil-Marrocos,
Brasil-Bélgica/Luxemburgo, Brasil-Suíça e Brasil-Argentina



Andrade Gutierrez: 57 anos dedicados ao crescimento do Brasil

Estação da Luz (SP)



Hidrelétrica de Peixe (TO)

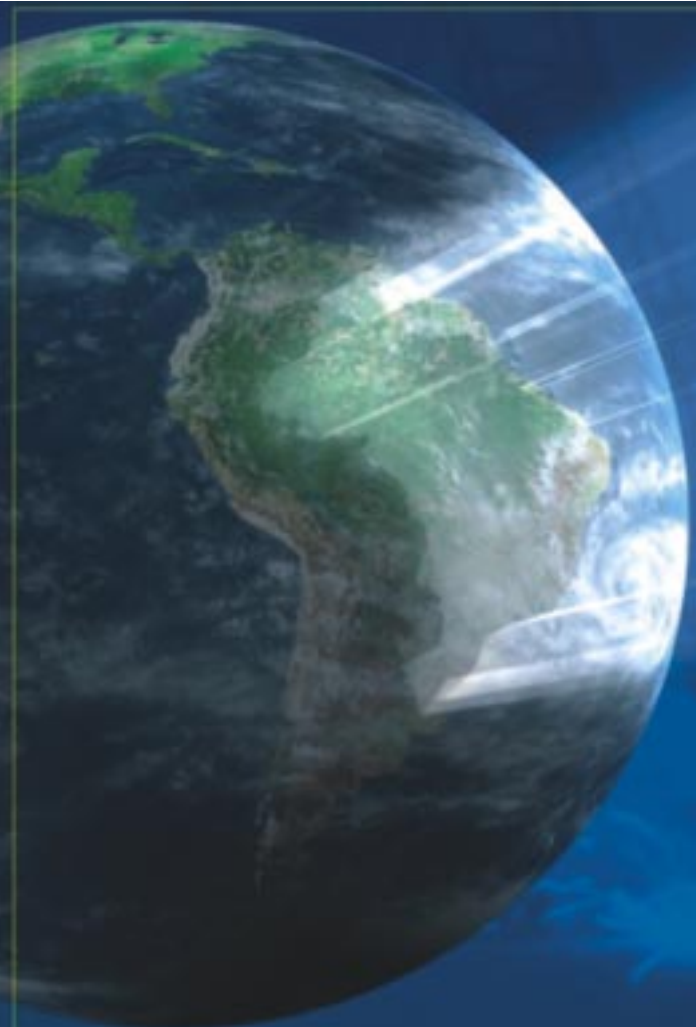


Termelétrica de Fortaleza (CE)

Desde 1948 a Construtora Andrade Gutierrez participa da construção do País. São rodovias, aeroportos, termelétricas, metrô, hidrelétricas e outras tantas obras de construção pesada. Uma trajetória de integração com a comunidade, de compromisso com o equilíbrio ambiental, de valorização e desenvolvimento da força de trabalho local e de qualidade. Um trabalho que avança e se renova a cada dia. Como o Brasil.



Construtora Andrade Gutierrez S/A



O BRASIL DO FUTURO ESTÁ SENDO CONSTRUÍDO EM QUATRO CONTINENTES

A trajetória de mais de 60 anos da Odebrecht se confunde com a história de desenvolvimento do Brasil.

Sempre presente em obras decisivas para o crescimento econômico, tecnológico e social do país, a empresa é hoje a maior exportadora brasileira de serviços. Há mais de 25 anos operando no exterior, com atividades na América Latina e Caribe, América do Norte, África, Oriente Médio e Europa, contribui com trabalho, técnica e experiência para o progresso dos países em que atua.



Barragem Seven Oaks - EUA



Projeto Chavimochic - Peru



Ponte Vasco da Gama - Portugal



Hidrelétrica de Capenda - Angola

ODEBRECHT
Engenharia e Construção